



# vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



## FRATERNIDADE E A VIDA NO PLANETA

**Política e missão: A fé é compromisso** — Pe. Valdecir Luiz Cordeiro – p. 3

**A proposta da Campanha da Fraternidade 2011** — Pe. José Adalberto Vanzella – p. 6

**A ecologia numa perspectiva bíblica: Pautas para uma espiritualidade ecológica** — Celso Loraschi – p. 12

**O clima está esquentando. Eu e você temos a ver com isso** — Vilmar Sidnei Demamam Berna – p. 20

**Duas cosmologias em conflito** — Leonardo Boff – p. 26

**Economizar energia e preservar o planeta** — Fernanda Zulzke Galli – p. 28

**Roteiros homiléticos** — Celso Loraschi – p. 31



## Caros leitores e leitoras,

*Graça e Paz!*

*A Campanha da Fraternidade deste ano nos convida à conversão quaresmal sob o tema “Fraternidade e a vida no planeta”. Precisamos abrir mais os olhos para os problemas ecológicos, particularmente para o aquecimento global, a questão central enfocada pela CF. É preciso também abrir os olhos para o fato de que a defesa da vida tem um sentido amplo e não restrito àquele ao qual alguns discursos querem circunscrevê-la.*

*Na recente eleição presidencial, algumas lideranças eclesiais, em nome da Igreja e de entidades a ela pertencentes, recomendaram não votar na candidatura que, segundo elas, defendia o aborto. Para além de questionar a justiça desse julgamento e dessa posição, cabe considerar que, diante da realidade problemática do país, da necessidade de redistribuição de renda e de justiça social, o cuidado cristão com a vida no Brasil, ao se avalizarem tais discursos, parece se reduzir a evitar o aborto – um atentado grave à vida, mas não o único. A desigualdade social e a miséria, causadoras, entre outros malefícios, de altos índices de mortalidade infantil, não foram trazidas a esse debate – em que pese o fato de a outra candidatura ter vínculos fortes com o campo neoliberal no país. Defender a vida é se contrapor a práticas e leis abortivas. Mas é isso e muito mais: vai desde o cuidado com a menor das criaturas até a justiça social no contexto internacional.*

*Não há um punhado de terra que não esteja cheio de organismos vivos. Todo o planeta é um grande organismo. Portanto, a defesa da vida*

*tem como uma de suas principais dimensões o cuidado ecológico com o planeta, sobre o qual pesam os riscos do aquecimento global e seus impactos sobre todas as formas de vida.*

*Por vezes, critica-se a perspectiva ecológica como campo de vigorosa verborragia e pouca prática; particularmente o aquecimento global é não raro visto e reputado como mero mito. No entanto, os efeitos do desequilíbrio ecológico e do aquecimento do planeta já são perceptíveis: intensificação de secas e inundações, maremotos, furacões, aumento do nível do mar, deslizamentos de terra, ondas de calor e de fome, destruição de casas e lavouras, com a consequente ceifa de inumeráveis vidas. E as pesquisas científicas indicam que, se a atuação da humanidade no planeta continuar como está, essas catástrofes tendem a aumentar.*

*A humanidade, sobretudo sua parte mais rica, está consumindo 20% a mais do que o planeta pode dar e, além disso, o faz de forma danosa. Se o parâmetro para todos for o padrão de vida dos países mais desenvolvidos, precisaremos de três planetas com as dimensões da Terra para suprir tal nível de consumo. É necessário, portanto, uma correção de rota, a fim de que todos possam consumir o necessário para uma existência digna, sem que a vida e a felicidade tenham por norte o consumismo, a acumulação de bens, a exploração desordenada dos recursos naturais e a falta de respeito para com todas as formas de vida. Que possamos encampar essa compreensão nas atitudes práticas do dia a dia.*

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp  
Editor

**Editora** PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

**Diretor** Pe. Zolferino Tonon

**Editor** Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

**Equipe de redação** Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin,  
Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia,  
Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

**Editoração** PAULUS

**ASSINATURAS** assinaturas@paulus.com.br  
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004  
Rua Francisco Cruz, 229  
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

**Redação** © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184  
vidapastoral@paulus.com.br

**12570-000 - APARECIDA/SP**  
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79  
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

**49010-000 - ARACAJU/SE**  
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927  
aracaju@paulus.com.br

**66019-100 - BELÉM/PA**  
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195  
belem@paulus.com.br

**30160-906 - BELO HORIZONTE/MG**  
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta  
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

**70304-900 - BRASÍLIA/DF**  
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul  
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

**13015-002 - CAMPINAS/SP**  
Rua Barão de Jaguará, 1163 • T.: (19) 3231.5866  
campinas@paulus.com.br

**79002-205 - CAMPO GRANDE/MS**  
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251  
campogrande@paulus.com.br

**95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS**  
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797  
caxias@paulus.com.br

**78005-420 - CUIABÁ/MT**  
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207  
cuiaba@paulus.com.br

**80010-030 - CURITIBA/PR**  
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652  
curitiba@paulus.com.br

**88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC**  
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567  
florianopolis@paulus.com.br

**60025-130 - FORTALEZA/CE**  
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201  
fortaleza@paulus.com.br

**74023-030 - GOIÂNIA/GO**  
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860  
goiania@paulus.com.br

**58010-670 - JOÃO PESSOA/PB**  
Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro  
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

**36016-311 - JUIZ DE FORA/MG**  
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160  
juizdefora@paulus.com.br

**69010-210 - MANAUS/AM**  
Rua Itamaracá, 21, Centro • T.: (92) 3622.7110  
manaus@paulus.com.br

**59025-260 - NATAL/RN**  
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514  
natal@paulus.com.br

**90010-090 - PORTO ALEGRE/RS**  
Rua Dr. José Montauri, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313  
portoalegre@paulus.com.br

**50020-000 - RECIFE/PE**  
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637  
recife@paulus.com.br

**14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP**  
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

**20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ**  
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

**40060-001 - SALVADOR/BA**  
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446  
salvador@paulus.com.br

**09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP**  
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623  
stoandre@paulus.com.br

**65020-450 - SÃO LUÍS/MA**  
Rua da Paz, 121 - Centro - T.: (98) 3231.2665  
saoluis@paulus.com.br

**15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP**  
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188  
riopreto@paulus.com.br

**29010-120 - VITÓRIA/ES**  
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116  
vitoria@paulus.com.br

### PAULUS EM SÃO PAULO

**01001-001 - PRAÇA DA SÉ**  
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030  
pracase@paulus.com.br

**05576-200 - RAPOSO TAVARES**  
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005  
raposotavares@paulus.com.br

**01060-970 - ASSINATURAS / DISTRIBUIÇÃO**  
Via Raposo Tavares, Km 18,5  
caixa postal 2534 • São Paulo/SP  
T.: (11) 3789.4000 • Fax: 3789.4004 • assinaturas@paulus.com.br

**04117-040 - VILA MARIANA**  
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana  
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br



# POLÍTICA E MISSÃO: A FÉ É COMPROMISSO

Pe. Valdecir Luiz Cordeiro\*

A religião ganhou um peso surpreendente nas eleições de 2010, principalmente na disputa presidencial. E isso tudo na República que nasceu sob a égide do positivismo e na qual o caráter laico do Estado é assumido como uma espécie de cláusula pétrea e sinônimo de modernidade.

Por que então a religião, num dado momento, durante algumas semanas, passou a ser “central” no debate público? Por que alguns setores da Igreja Católica, que nunca quiseram se envolver com “coisas terrenas”, de uma hora para a outra fizeram sua irrupção na militância política? Cabe perguntar se a religião – e com ela a Igreja – não foi artificialmente arrastada para o cenário eleitoral por interesses inconfessados e não necessariamente ligados a um compromisso de transformação da realidade num mundo mais humano, como exige a fé cristã.

## 1. Religião e política. Risco de instrumentalização da instituição

Pode ser bom distinguir religião e fé. A religião está ligada a um poder de organizar ritos, espaços e símbolos. Responde a anseios humanos profundos, atua na religação ou compreensão no campo do sentido da existência humana, mas não tem por si mesma um conteúdo que lhe confira especificidade. Por outro lado, a fé cristã é a experiência humana de confiança na palavra de Deus, que exige conversão. A fé é confiança na pessoa de Jesus Cristo. É a Palavra acolhida na comunidade cristã e que confere uma especificidade à experiência religiosa. Pode preencher de conteúdo a religião. Por isso, a religião é cristã tão somente quando nela se vive a fé cristã.

Daí a diferença entre agir em nome da religião e agir em nome da fé. A religião está mais no nível institucional, ao passo que a fé, embora seja vivida numa comunidade que se organiza como instituição religiosa, está mais no nível do sentido que cada fiel dá à própria vida e que se compromete a imprimir no mundo em que vive. Por isso, um canto diz acertadamente que “a fé é compromisso que é preciso repartir...”.

Portanto, no campo da ação político-partidária, o fiel pode agir em nome de sua fé sem instrumentalizar a instituição religiosa a que pertence, pois a fé está no nível das convicções que o sujeito livremente assume e pode defender com criatividade e habilidade política no debate democrático. Já a ação da instituição religiosa, ou em seu nome, é mais delicada nesse campo. Além de esbarrar em limites estabelecidos por lei, pode mais facilmente ser instrumentalizada em prol de interesses alheios à própria fé.

## 2. Um caso que faz pensar

O posicionamento do Regional Sul 1 (Estado de São Paulo) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), nas últimas eleições, parece ter potencializado o uso da religião no debate eleitoral. A Comissão em Defesa da Vida elaborou e divulgou um panfleto, apoiado depois pela Presidência do regional, no qual apresentava argumentos que

\* Presbítero da Arquidiocese de Porto Velho. Foi assessor e articulador do 12º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base – 2009. Cursa o doutorado em Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte, onde também fez seu mestrado, na mesma área.  
E-mail: valdecir@netcourier.com

levavam o leitor a concluir que a ex-ministra chefe da Casa Civil e então candidata à presidência da República era favorável à descriminalização do aborto. E recomendava aos brasileiros e brasileiras que, nas próximas eleições, dessem “seu voto somente a candidatos ou candidatas e partidos contrários à descriminalização do aborto”.

O viés partidário do panfleto se deveu não apenas ao fato de ter alertado os leitores sobre um posicionamento contrário à vida supostamente assumido por determinada candidata, mas também ao fato de ter poupado outro candidato que, por razões históricas, deveria ter sido objeto da mesma preocupação. O potencial explosivo e de manipulação eleitoral do panfleto, que estampava a logomarca da CNBB, logo se revelou. Amplamente divulgado na mídia e em redes sociais, empurrou o tema da “religião” e da “defesa da vida” para o centro do cenário eleitoral.

Avaliou-se que tal situação acabou instrumentalizando a CNBB. Tanto é verdade, que a conferência episcopal reagiu e publicou uma nota oficial sobre sua posição naquele momento eleitoral. Foi reafirmado o compromisso com a vida em todas as suas dimensões, bem como a autonomia do eleitor para discernir e escolher livremente. A CNBB não vetava nenhum candidato.

Tal posicionamento foi substancialmente acolhido depois também pelo Regional Sul 1. E assim se resolveu em parte a questão. Parcialmente porque a impressão e a divulgação do panfleto, na prática, continuaram, num movimento que, em parte, fugiu ao controle de seus autores, qual travesseiro aberto ao vento. A ventania se encarregava de espalhar as penas. E assim, não obstante os esforços para esclarecimentos, a questão sobre a natureza da atuação política da Igreja infelizmente acabou ficando meio em aberto diante da opinião pública.

### 3. Fé e política: compromisso por um mundo mais humano

A fé exige conversão e anima os homens e mulheres no compromisso histórico, na construção de um mundo onde seja mais fácil sorrir. A fé não é compatível com neutralidade, indiferença ou manipulação. Exige engajamento. E espiritualidade cristã não combina com espiritualismo, mas é estilo de vida que

se concretiza na colaboração entre as pessoas para maior humanização.

Neste ponto, creio ser oportuna uma palavra sobre certa ambiguidade que se tem verificado no seio de nossa querida Igreja nas últimas décadas. Não me refiro ao ensino social da Igreja, que é bastante coerente, tampouco às comunidades em geral. Antes, reporto-me a certo discurso que desaconselha aos cristãos católicos o engajamento político em nome da fé. Os reais motivos que sustentam esse discurso são ocultados, consciente ou inconscientemente, por seus protagonistas. Em geral aparece apenas a ideia difusa de que devemos “cuidar da espiritualidade” e tomar o devido cuidado para não transformar o evangelho de nosso Senhor num evangelho terreno.

A ambiguidade a que me refiro tornou-se mais evidente no contexto do engajamento partidário de uma parcela da Igreja, conforme exposto acima. Trata-se do fato de parte significativa das pessoas de Igreja defensoras da neutralidade ter feito sua aparição na política. E feito da pior forma. Pregadores que nunca tocaram em assuntos políticos ocuparam o espaço público, e até mesmo o púlpito, para advogar em favor da vida, emitindo opinião sobre quem não votar. Mas renunciava-se a discutir amplamente os prementes desafios do país. Os que, em nome da universalidade da palavra de Deus, outrora advertiam sobre supostos riscos de uma “opção pelos pobres” agora mostravam sua real opção.

Apoiados na ideia geral de defesa da vida, acabaram instrumentalizando a Igreja. Emprestaram a um dos candidatos o irrenunciável tema da defesa da vida. Mas este se resumia, de maneira simplista, à questão da oposição à descriminalização do aborto. Assunto chance-lado e amplificado pela velha mídia impressa e televisiva que outrora atacava a Igreja, ávida por escândalos e sempre atenta a qualquer sinal de obscurantismo, tal como, pasmem, “ser contra o aborto”.

O caso em questão é instrutivo e explicita o caráter meramente aparente da neutralidade reivindicada e historicamente incentivada por alguns líderes e grupos católicos. São conhecidas algumas experiências históricas na América do Sul. No Brasil e no Chile da segunda metade do século passado, em nome de valores universais

da pátria e da família, com o apoio mais ou menos explícito e consciente de setores conservadores da Igreja, foram gestadas e instauradas ditaduras sanguinárias.

Não podemos nos posicionar em favor da vida orientados unicamente por uma visão biologistica. Os recentes conhecimentos científicos nos campos da física e da química nos ajudam a entender que a vida seria impossível sem as condições estruturais e materiais necessárias para o seu surgimento e evolução. Portanto, defender a vida humana é mais que defender o direito de nascer. É também empenho na criação de condições para que ela cresça e alcance pleno desenvolvimento. É defender um Estado voltado para toda a população e empenhado na superação da miséria; é lutar contra o imperialismo da cultura do individualismo e dos mercados; é ajudar a promover a integração da América Latina, a fim de enfrentar a tirania do norte global e combater toda forma de preconceito contra os pobres.

## Conclusão

Penso ser sumamente desejável que os católicos que, mesmo de última hora, entraram em cheio na política nas eleições passadas continuem firmes na luta. Que doravante tenham grandeza e força profética para continuarem na militância, com a vida e com a palavra, mas para além de uma quase abstrata “luta pela vida”. Espera-se, além disso, que nosso encontro com Jesus Cristo na Palavra, na eucaristia e no rosto dos pobres nos ajude a compreender que, em nossa experiência de fé, não cabe aquela neutralidade em matéria de política que alguns têm recomendado à minha geração.

### FOLHETO O DOMINGO CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Trata-se de um excelente subsídio para as celebrações litúrgicas nas comunidades sem padres. O folheto auxilia na preparação e na animação das celebrações da Palavra, trazendo as leituras, orações, comentários e dicas para a reflexão sobre as leituras, além de artigos para o enriquecimento catequético-pastoral e espiritual.



Assinaturas: (11) 3789-4000  
ou pelo e-mail: assinaturas@paulus.com.br

Criação PAULUS / Imagens meramente ilustrativas.

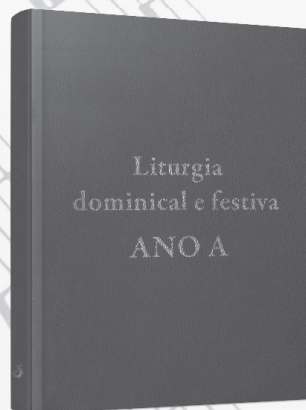
## Enriqueça a Liturgia com os produtos PAULUS.



### Liturgia XIII Quaresma – ano A

*Grupo de solistas da PAULUS*

São 19 cantos que contemplam desde a Quarta-feira de Cinzas até o Domingo de Ramos, especialmente elaborados para enriquecer a celebração eucarística. A interpretação é do grupo de solistas da PAULUS, e a orquestração é do maestro Carlos Slivskin.



376 págs.

### Liturgia dominical e festiva – Ano A Nilo Luza (org.)

O livro **Liturgia dominical e festiva Ano A**, na primeira parte, contém todas as partes fixas da missa. Na segunda, traz as antífonas, as orações e as leituras de todos os domingos, solenidades e algumas festividades do ano A, além de breves comentários e preces dos fiéis.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

# A PROPOSTA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2011

Pe. José Adalberto Vanzella\*

## Introdução

Como acontece todos os anos, a CNBB realiza, durante o tempo da Quaresma, a Campanha da Fraternidade. Neste ano, a campanha tem como tema: “Fraternidade e a vida no planeta”, e como lema: “A criação geme em dores de parto”. Seu enfoque central é o aquecimento global, que causa as mudanças climáticas. A finalidade deste artigo é apresentar e analisar a proposta dessa campanha, que tem como objetivo geral *contribuir para o aprofundamento do debate e buscar caminhos de superação dos problemas ambientais provocados pelo aquecimento global e seus impactos sobre as condições de vida no planeta.*

### 1. Aquecimento global e seus impactos sobre as condições de vida no planeta

O aquecimento global não é algo novo, pois sempre esteve presente na história do nosso planeta. Possui causas internas, visto que todo sistema climático é caótico e não apresenta uma linearidade. O aquecimento global também possui causas externas, que podem ser naturais ou consequência da ação humana.<sup>1</sup>

Entre as causas naturais, podemos citar, por exemplo, a variabilidade das atividades do Sol, a qual causou, no milênio passado, um processo de aquecimento que ficou conhecido como Período Medieval Quente, muito semelhante ao que estamos vivendo hoje. Também tivemos, no milênio passado, um resfriamento que ficou conhecido como Pequena Idade do Gelo. Alguns cientistas acreditam que boa parte do aquecimento global que estamos presenciando atualmente é um reflexo da Pequena Idade do Gelo.

Mas temos também a ação humana. Desde o início da Revolução Industrial, aumentou a emissão de gases produzidos principalmente pela queima de combustíveis fósseis e pela devastação das florestas. As emissões de dióxido de carbono aumentaram 31%, as de metano, 151%, as de óxido de nitrogênio, 17% e as de ozônio troposférico, 36%.

Foi constatado pelos cientistas um aumento de 0,6°C na temperatura média da Terra durante o século XX, o que tem sido causa de mudanças climáticas – por exemplo, na frequência das chuvas, ocasionando tanto grandes secas como grandes inundações, tempestades cada vez mais violentas, aumento dos incêndios florestais etc.

As mudanças climáticas têm influenciado muito a vida humana. Muitas vidas estão sendo ceifadas por causa de secas, inundações, desmoronamentos, incêndios, ondas de calor, fome e doenças por todo o mundo. Também está aumentando o número de migrantes por causa das condições adversas do clima. Diante disso, as pessoas precisam saber o que está acontecendo para que possam assumir suas responsabilidades diante dos problemas e, de fato, se envolver na sua superação.

### 2. Mostrar a gravidade e a urgência dos problemas

Segundo a ONU, as catástrofes naturais estão aumentando em média 6% ao ano. O crescimento das grandes inundações no século

\* Secretário executivo do Regional Nordeste 5 da CNBB (Estado do Maranhão), doutor em Teologia pela PUC do Rio de Janeiro. É presbítero da Diocese de Taubaté – SP.



XX ilustra isso. Entre 1900 e 1909, houve duas inundações, entre 1910 e 1919, três, entre 1920 e 1929, duas, entre 1930 e 1939, três, entre 1940 e 1949, duas, entre 1950 e 1959, seis, entre 1960 e 1969, dezesseis, entre 1970 e 1979, dezoito, entre 1980 e 1989, quinze e entre 1990 e 1996, vinte e seis.<sup>2</sup> Como podemos perceber, o problema foi se agravando nas últimas décadas do século passado.

A mesma ONU afirma que as catástrofes climáticas, como inundações, secas, tempestades e ondas de calor, afetaram, em 2007, cerca de 200 milhões de pessoas, num total de 399 desastres.

Em 2010, o Brasil já registrou catástrofes climáticas de grande alcance, como as chuvas no início do ano, que causaram mortes e destruição nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Nos meses de junho e julho, tivemos as enchentes no agreste de Pernambuco e Alagoas. O número de mortos, só no primeiro semestre de 2010, aproximou-se da casa dos 200.

Como é possível perceber, o problema é grave, principalmente porque muitas vidas são ceifadas. Mas também devemos levar em consideração as mais diferentes formas de prejuízos e sofrimentos resultantes dessas catástrofes, como o número de desabrigados, as grandes perdas na área da agricultura, as moradias destruídas, o aumento de doenças etc. Tudo isso deixa clara a necessidade de ações urgentes. Tais ações devem acontecer inicialmente no sentido de lutar contra as causas desses problemas, por meio de medidas seja em relação ao meio ambiente, como diminuir a poluição e o desmatamento, seja em termos de urbanização, como retirar habitantes de áreas de risco de inundações ou desabamentos, seja em termos de formação do comportamento humano, como promover a educação ambiental, seja, ainda, no que diz respeito às políticas públicas, tanto na área do meio ambiente como na defesa civil.

O texto-base da Campanha da Fraternidade de 2011 sugere algumas ações concretas para o enfrentamento dessa questão, como iniciativas de sensibilização e conscientização sobre a responsabilidade de todos, principalmente no que se refere aos problemas locais, criação e fortalecimento da atuação de agentes comunitários ambientais devidamente preparados e capacitados, divulgação de entidades sociais comprometidas

com a questão ambiental, desenvolvimento de ações em parceria com o poder público em todos os níveis, com atenção especial ao Poder Judiciário, estímulo à participação das organizações populares etc.

Também é importante que todos procurem dar maior atenção às novas exigências decorrentes de catástrofes ambientais, principalmente no tocante aos desabrigados. Para que isso aconteça, é necessário aprofundar o conhecimento sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas. Precisamos conversar mais sobre o assunto.

### 3. Discussão sobre os problemas ambientais com foco no aquecimento global

As nossas ações não podem ser ingênuas, mas, à medida do possível, devem ser fundamentadas em conhecimentos e informações sólidas e em princípios pertinentes que lhes garantam eficiência, eficácia e efetividade. Por isso, a discussão sobre os problemas ambientais, principalmente com foco no aquecimento global e nas mudanças climáticas, é de grande importância.

A discussão deve ser madura, fundada em argumentos que se justifiquem, realizada com a disposição de defender posições e de mudar aquilo que é necessário; além disso, deve obedecer a princípios éticos e democráticos.

É necessário haver o envolvimento de representações de todas as áreas do conhecimento na discussão, principalmente porque a atuação nas questões ambientais não pode acontecer de forma isolada, visto que o problema é complexo e impossibilita ações particulares; ao contrário, exige ações conjuntas e consciência das implicações da própria ação em outras áreas de conhecimento. Nesse caso, também é importante levar em consideração a sabedoria popular, detentora de muitos conhecimentos e informações que, embora não sejam homologados cientificamente, não deixam de ser importantes.

Para realizar essa discussão, podem ser realizados fóruns, seminários, mesas-redondas, oficinas de trabalho, palestras e audiências públicas promovidas pelo Poder Legislativo em todos os níveis. É importante que se documentem esses eventos a fim de que não se percam suas contribuições e, assim, as discussões possam produzir frutos na prática. Mas também é importante superar a superficialidade na abordagem da questão.

#### 4. Aprofundamento do debate

O debate sobre as questões climáticas é realizado, mas nem sempre significa avanço ou aprofundamento da questão e abre perspectivas para novas formas de atuação. É muito comum ouvir: “Esse negócio é sempre igual: falam sempre as mesmas coisas, mas ninguém faz nada de novo e tudo continua do mesmo jeito”. Isso mostra que precisamos avançar nas discussões, e não ficar patinando nas mesmas questões nem ficar presos só na conversa.

Todo debate deve ter como ponto de partida a realidade, mas também deve ser propositivo em relação a ela. Não podemos ser efeito, precisamos ser causa; não podemos simplesmente responder às necessidades, precisamos nos antecipar a elas, para que possamos controlá-las ao invés de sermos por elas controlados, dominá-las e não sermos dominados.

Assim, é importante que aprofundemos o debate sobre as questões climáticas. Precisamos conhecer melhor as questões implicadas, buscar as causas dos problemas, investir na formação das pessoas e na capacitação dos nossos agentes de pastoral. Também é importante o desenvolvimento de pesquisas científicas, tanto para novas descobertas como para o aprofundamento e a legitimação dos conhecimentos atuais.

Para isso, é necessária a promoção de cursos sobre questões ambientais por parte tanto da Igreja como do poder público, assim como atividades artísticas e culturais como exposições, teatros, festivais, concursos, gincanas, olimpíadas culturais, produção de curtas-metragens e documentários, manifestações culturais como festas folclóricas e tradicionais, músicas e danças etc.

Precisamos também envolver as escolas e universidades, principalmente no desenvolvimento de projetos de pesquisas que contribuam para o aprofundamento do conhecimento e para a formação da consciência nas questões relacionadas com o meio ambiente. É de suma importância que os cursos de pós-graduação, principalmente das universidades católicas, desenvolvam áreas de pesquisas voltadas para as questões ambientais, sobretudo nos níveis de mestrado e doutorado. Tudo isso vai significar a possibilidade de encontrarmos novos caminhos para a superação dos problemas ambientais.

#### 5. Alguns critérios necessários para a abordagem da questão

É importante determinar não só a ótica de enfoque da questão, como também os valores que fundamentam a análise dela. Como a Campanha da Fraternidade é promovida pela Igreja Católica,<sup>3</sup> esta é que determina os critérios adotados para sua realização. No caso da Campanha da Fraternidade de 2011, os princípios teológicos iluminativos são:

- a) Teologia da criação: presente principalmente nos dois primeiros capítulos do livro do Gênesis e na literatura sapiencial bíblica, apresenta-nos o Deus amoroso que cria todas as coisas, possibilita seu crescimento e evolução e abençoa sua obra. Tendo criado o ser humano à sua imagem e semelhança, confere-lhe o encargo de cuidar do jardim e o responsabiliza pela administração e conservação, a fim de dar continuidade à sua obra criadora, seguindo os princípios que nortearam o agir criador divino;
- b) O mistério da encarnação: que une o divino e a natureza na pessoa de Jesus, de forma que nada é estranho ao reino de Deus, nem mesmo a natureza;
- c) A moral da nova aliança: que implica novas relações entre os seres humanos e Deus, entre eles mesmos e entre eles e a natureza, na construção do *shalom*;
- d) A restauração de todas as coisas em Cristo: ele é o primogênito da criação, que reconcilia em si as coisas do céu e da terra e possibilita que toda a criação gema em dores de parto à espera da vinda do reino.

Esses iluminativos teológicos deixam bem clara a nossa responsabilidade perante o mundo criado, assim como o valor da criação e a necessidade do amor a Deus, aos irmãos e irmãs e à natureza como critério fundamental para o nosso pensar e o nosso agir em relação ao meio ambiente.

#### 6. Busca de caminhos de superação dos problemas ambientais

As iniciativas desenvolvidas até agora em relação às questões ambientais têm sido de grande valia, porém muito ainda precisa ser feito,



assim como novas perspectivas precisam ser levadas em consideração. Não se trata de negar o valor das óticas atuais sobre o meio ambiente, mas de avançar, ir além, ampliar horizontes e perspectivas.

Os iluminativos apresentados no item anterior são de grande importância para a busca de novos caminhos, pois não limitam a natureza ao social, ao político, ao econômico e ao cultural, mas abrem perspectivas para o simbólico, o sobrenatural, o espiritual, o místico e o escatológico, fazendo da natureza revelação, comunicação divina e caminho de santificação para as pessoas.

## 7. Formação da consciência ambiental

A questão da formação da consciência adquiriu uma importância muito grande nos últimos anos. Discute-se sobre consciência pessoal, consciência coletiva, consciência histórica etc. Assim, também é necessária a discussão sobre a formação da consciência ambiental, ou seja, sobre a nossa capacidade de nos compreendermos como parte de um meio com o qual nos relacionamos em interdependência, com o qual trocamos gratuidades, favores e serviços, submetendo tudo isso a uma hierarquia de valores que tudo norteia e a tudo dá significado em vista da mútua realização e perfeição.

É tarefa da Igreja e da sociedade a formação para uma reta consciência ambiental, que não signifique mera apropriação da natureza em vista dos próprios interesses, legítimos ou não, ou recusa a uma relação de alteridade sadia e madura por motivo de consciência escrupulosa, que vê culpa em qualquer forma de agir. Tal consciência deve significar, antes de tudo, a compreensão da relação com a natureza como um caminho de amadurecimento e de conquista de uma vida melhor para si, para a comunidade, para as pessoas em geral e para as gerações futuras.

## 8 Trocar experiências

Embora tenhamos muitas iniciativas de enfrentamento dos problemas ambientais, essas experiências muitas vezes são desconhecidas da maioria das pessoas, principalmente no que diz respeito aos seus princípios, objetivos e fundamentos, e acontecem de forma isolada e desarticulada.

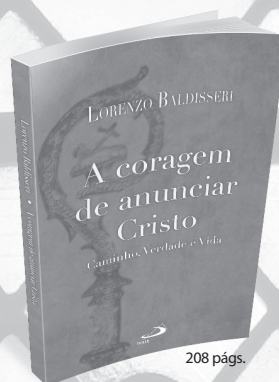
## A atualize seus conhecimentos com os livros da PAULUS



### **O cisma silencioso (O)**

da casta clerical à profecia da fé  
*Piero Cappelli*

A presente obra analisa as possíveis contradições e os conflitos que podem existir dentro da Igreja Católica, entre a hierarquia, o mundo clerical e o povo. Influenciado pelas mudanças culturais e de época, e o "povo católico", na prática e no pensamento, muitas vezes, tem dificuldades em compreender, aceitar e seguir muitos pontos da doutrina e diretrizes que lhe são transmitidas.



### **Coragem de anunciar Cristo (A)**

Caminho, Verdade e Vida  
*Lorenzo Baldisseri*

Escrito por Dom Lorenzo Baldisseri, núncio apostólico no Brasil, esse livro evoca o Documento de Aparecida de 2007, fio condutor das reflexões aqui presentes. Os diversos temas apresentados nessa obra tocam os desafios da Igreja no Brasil, entendendo enfrentá-los em consideração à peculiaridade dessa mesma Igreja, dentro da perspectiva da unidade e da catolicidade, procurando manter firme e constante a centralidade do magistério e da disciplina da mesma Mãe Igreja.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

**paulus.com.br**



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

É necessária a troca de experiências para que ações possam ser multiplicadas e tenham alcance maior, além de serem seriamente analisadas para a superação de erros e desvios e para a obtenção de maior eficácia.

Essa troca de experiências possibilita também o estabelecimento de objetivos comuns que permitem articulações e parcerias, unindo organizações, instituições e poderes, o que encorpa e empodera as ações, conferindo-lhes maior alcance.

O texto-base da Campanha da Fraternidade de 2011 oferece algumas pistas de ação para a realização de troca de experiências, como a realização de feiras ambientais, a promoção e a valorização dos movimentos populares, a criação de um *site* independente, a realização de um Fórum Nacional Ecológico que seja precedido por um processo de participação das bases, a continuidade da realização das Romarias da Terra e da Água, que já são uma prática comum em muitas regiões do Brasil.

## 9. Contribuir

A preocupação com o meio ambiente, com o aquecimento global e com as mudanças climáticas não é nova. Estamos diante de desafios gigantescos e temos muitas pessoas envolvidas.

A Campanha da Fraternidade de 2011 não está apresentando uma proposta nova sobre um assunto novo. Mesmo na Campanha da Fraternidade, as questões ambientais não são novidade. Podemos citar, entre outras, a Campanha da Fraternidade de 1979, que teve como tema: “Por um mundo mais humano”, e como lema: “Preserve o que é de todos”; a de 2004, que teve como tema: “Fraternidade e água”, e como lema: “Água, fonte de vida”; a de 2007, que teve como tema: “Fraternidade e Amazônia”, e como lema: “Vida e missão neste chão”; e a de 2008, que teve como tema: “Fraternidade e defesa da vida”, e como lema: “Escolhe, pois, a vida”.

A atual campanha quer significar a adesão ainda maior da Igreja Católica no Brasil e das instituições, religiosas ou não, que quiseram ser parceiras à causa do meio ambiente, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas ao aquecimento global e às mudanças climáticas. Com isso, a campanha quer contribuir para que a discussão avance, a consciência

crezca, novos caminhos se abram e a população seja mais solidária com os que sofrem as consequências dos fenômenos climáticos.

Antes de tudo, devemos valorizar as iniciativas já em curso, mesmo que sejam imperfeitas, tenham poucos resultados ou passem por grandes dificuldades, desde que se fundamentem numa visão ética aceitável. Essas iniciativas mostram pessoas de boa vontade comprometidas com a vida e com um mundo melhor.

Devemos dar a importância devida e a nossa parcela de contribuição aos que trabalham nos campos da reflexão, da pesquisa e da busca de uma sociedade fundamentada em valores que possibilitem a sua sustentabilidade. Também é importante contribuir com os que se dedicam ao combate da poluição, à preservação do meio ambiente, à geração ecologicamente correta de energia, à reciclagem, à educação e à formação da consciência ambiental. Não podemos nos esquecer também dos que atuam no campo da solidariedade, por vezes se dedicando ao trabalho de amenizar os sofrimentos resultantes das enchentes, dos deslizamentos, das secas, das ondas de calor prolongadas e das tempestades violentas.

É importante fazermos tudo isso com a consciência de sermos uma Igreja samaritana, que foi chamada pelo papa Paulo VI de serva da humanidade e deve estar presente no coração da história, assumindo “as alegrias e as esperanças, as dores e as angústias da humanidade” (GS 1).

## Análise conclusiva

Estamos vivendo tempos difíceis e não podemos fugir dos desafios que nos são impostos. Porém, não podemos simplesmente adotar qualquer caminho na busca da superação dos problemas relacionados ao aquecimento global e às mudanças climáticas: precisamos ter critérios.

As mudanças climáticas exigem de nós consciência e responsabilidade. Precisamos conhecer os problemas, suas causas e, principalmente, posicionar-nos diante da questão. Esse posicionamento deve ser o princípio de algo novo. Deve alargar horizontes, trazer novas motivações e possibilitar a todos os fiéis um caminho de conversão e de vida nova, expressão do tempo quaresmal, no qual a Campanha da Fraternidade se realiza.

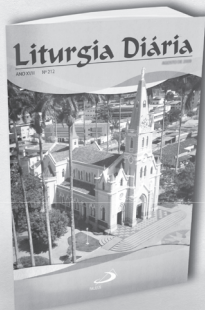
Para que busquemos verdadeiramente a conversão, precisamos nos recordar do nosso batismo, que nos configura a Cristo. Essa configuração exige que descubramos novas faces de Cristo, para podermos ter seus sentimentos (cf. Fl 2,5). A Campanha da Fraternidade de 2011 quer que descubramos o Deus criador e o seu Filho, que realiza, com a sua encarnação, a nova criação. Precisamos responder a isso com a mudança de vida, para que o novo se faça presente já, ainda que não seja em plenitude. E o novo é o que possibilita vida, pois Jesus veio para que todos tenham vida, e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10), e não existe vida em abundância se não houver condições naturais que a sustentem.

Notas:

1. Para mais informações sobre esse assunto, cf. <<http://www.terraul.m2014.net/spip.php?article231>>.
2. Dados do World Almanac.
3. Com o Projeto Rumo ao Novo Milênio e o destaque dado à exigência da evangelização inculturada do serviço, houve a experiência da Campanha da Fraternidade Eumênica, no ano 2000, promovida pelo Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (Conic). O sucesso dessa campanha possibilitou a realização de Campanhas da Fraternidade Eumênicas a cada cinco anos pelo Conic, mas estas devem ser autorizadas pela Assembleia Geral da CNBB para serem realizadas dessa forma, uma vez que a CNBB é detentora legal da Campanha da Fraternidade.

### LITURGIA DIÁRIA FACILITA O CONTATO COM A PALAVRA DE DEUS E UMA MELHOR PARTICIPAÇÃO E COMPREENSÃO DA LITURGIA.

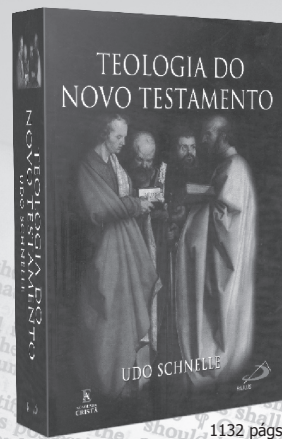
Traz a liturgia do mês (leituras e orações de cada dia), partes fixas da missa, prefácios em consonância com as festas litúrgicas do mês, orações eucarísticas para a missa diária, artigos e esclarecimentos sobre a liturgia.



Para adquirir LITURGIA DIÁRIA,  
basta escrever para a Cx. Postal 2534,  
CEP 01031-970, São Paulo – SP,  
ou telefonar para (11) 3789-4000  
E-mail: [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)

Gratão PAULUS / Imagens meramente ilustrativas.

## Conheça mais sobre a Palavra de Deus



1132 págs.

### Teologia do Novo Testamento

Udo Schnelle

Nesse livro, Udo Schnelle oferece ao leitor uma significativa contribuição a uma disciplina que carecia da ampliação do seu escopo mediante a apropriação das questões atuais, especialmente a respeito do Jesus Histórico e das novas contribuições da pesquisa sobre Paulo e sobre a formação da literatura cristã primitiva.



528 págs.

### Compreender o Antigo Testamento

Gilles Drolet

O autor nos propõe, com o presente livro, um sopro de ar fresco na compreensão do Antigo Testamento! A obra nos revela que o próprio Cristo ilumina nossa caminhada e nos conduz em direção à Terra Prometida da ressurreição. Desse modo, podemos sustentar a esperança existente em cada um de nós.

Vendas: (11) 3789.4000

SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

PAULUS

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.



# A ECOLOGIA NUMA PERSPECTIVA BÍBLICA: Pautas para uma espiritualidade ecológica

Celso Loraschi\*

Há um clamor generalizado que emerge da realidade desafiante enfrentada pela humanidade: o planeta Terra está gravemente doente. O problema ecológico é muito sério. Até os “donos do mundo” estão preocupados. O aquecimento global já produz efeitos maléficos sobre a natureza. Poderá trazer, a curto prazo, consequências ainda mais catastróficas do que as que o mundo hoje já experimenta: degradação do meio ambiente, diminuição acelerada das fontes de água potável, desertificação, degelo das calotas polares com a decorrente elevação do nível do mar, cobrindo as áreas litorâneas, grande incidência de furacões e de queimadas, extinção de milhares de espécies de animais, escassez de alimento, proliferação de doenças, migrações forçadas... Enfim, o desequilíbrio dos ecossistemas pode comprometer, de forma irreversível, todas as formas de vida sobre a terra.

## 1. Por uma espiritualidade ecológica

Diante da grave situação em que se encontra a humanidade, tomamos consciência da responsabilidade comum que os povos precisam assumir para salvar a nossa casa comum. Independentemente de raças, culturas ou tradições religiosas, o momento é de união para a busca de soluções criativas em vista da garantia de vida para a humanidade, também para as gerações que virão.

A Bíblia não trata diretamente da ecologia. Outros contextos determinaram seus textos. No entanto, a palavra de Deus contida na Bíblia ilumina e interpela o ser humano em seu contexto histórico, independentemente da época em que vive. Ela oferece princípios orientadores para a defesa e a promoção da

vida. Nela também encontraremos textos que legitimam a opressão. Depende do lugar social de onde eles emergiram e dos interesses de seus autores. Depende, também, do lugar social e dos interesses dos intérpretes de hoje. Neste breve artigo, perpassando pelas principais etapas da história de Israel, pretendemos ressaltar alguns textos que nos ajudam a perscrutar caminhos de espiritualidade ecológica.

*Espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida. Ela revela um lado exterior como conjunto de relações que concernem ao outro como homem-mulher, a sociedade e a natureza, produzindo solidariedade, respeito às diferenças, reciprocidade e sentido de complementação a partir dos outros (Boff, 1993, p. 138).*

## 2. A natureza solidária

A Bíblia testemunha que, em meio às situações de crise, o povo redescobre o rosto de Deus, investiga seu projeto e experimenta sua presença amorosa, dedicando-lhe confiança na busca de soluções criativas para os seus problemas. É o que constatamos já na origem do povo de Israel. O clamor dos escravizados do Egito chegou até Deus. Um novo espírito, a partir da ação subversiva de duas parteiras (Ex 1,15-22), alimentou a resistência e a organização das pessoas oprimidas. Nelas explode a utopia da terra sem males, que as leva a superar o medo, confrontar-se com os interesses do faraó e iniciar o movi-

\* Professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina (Itesc), Florianópolis.  
E-mail: loraschi@itesc.org.br

mento do êxodo. A natureza, em seus diversos fenômenos, foi-lhes companheira determinante para a saída do Egito. As pragas são a expressão dessa solidariedade, bem como a passagem pelo mar Vermelho. O deserto serviu como espaço de aprendizagem para a construção de novo projeto social. A nuvem foi o símbolo maior da presença misteriosa de Deus caminhando à frente de seu povo.

É nessa caminhada que nasce o povo de Israel, resultado da união de diversas tribos que se unem e se identificam no mesmo propósito de liberdade e de vida digna. Buscam desvencilhar-se do modelo concentrador do Egito e das cidades-estado que apresentavam declínio de poder, com dificuldade de controlar todos os seus territórios. No meio dos pastores e agricultores, especialmente, cresce a consciência política de oposição ao sistema vigente já enfraquecido e busca-se construir um modelo econômico sem exploração. A terra vai sendo assumida como dom de Deus e, portanto, patrimônio comum das tribos. Inicia-se o período conhecido como tribalismo (1200 a 1000 a.C.), resultado de um processo conflituoso, com inúmeros desafios internos e externos. O novo modelo social sustentou-se alicerçado em princípios políticos e econômicos vividos com base nas organizações locais, como a família e o clã, ligadas às mais amplas, como a tribo e a união das tribos. O povo foi adquirindo a consciência de pertencer a uma só nação, formada por uma “rede de tribos”.

Para o objetivo de nosso estudo, queremos ressaltar o texto de Ex 16, por exprimir a concepção das tribos a respeito dos bens que a natureza oferece. É o relato sobre “o maná e as codornizes”. De dois fenômenos naturais retiram-se as lições que fundamentam a economia de uma sociedade justa e fraterna. A falta de alimentos não é proveniente da escassez de produção. A natureza é pródiga, reveladora da providência divina. Ao ser humano, criatura dotada de inteligência e vontade, cabe administrar com justiça, evitando o acúmulo e respeitando as necessidades de cada um. “Assim, Iahweh ensina uma ética revolucionária e popular, que sabe que as pessoas têm necessidades que devem ser satisfeitas, mas não tolera a acumulação” (Pixlei, 1987, p. 121). Além disso, Iahweh garante o alimento também para o sétimo dia, dedicado ao descanso, à memória das ações salvíficas de Deus, bem como ao fortalecimento das relações gratuitas.

Isso lembra o ponto alto do relato da criação (cf. Gn 2,2): tempo dedicado ao cultivo da dignidade da criação, da santidade da terra e do trabalho humano. É a consagração do tempo e do espaço. “Desde que Israel recebeu a revelação de que o tempo é de Deus, também descobriu que a terra é de Deus. A posse do tempo, como a da terra, é recebida de graça e repartida. Há, então, na lei de Israel, uma relação profunda entre o sábado e a posse da terra” (Barros, 1996, p. 44).

Em síntese, as diferentes tribos de Israel formaram um só povo. A partir das instituições locais, garantiram os recursos necessários a todas as famílias. Leis diversas protegeram o cuidado com a terra (como a do ano sabático: Lv 25,1-7) e o direito à vida digna sem exclusão (como a do resgate das propriedades e das pessoas: Lv 25,23-55). Mesmo sendo textos posteriores ao tribalismo, guardam elementos tradicionais. É claro que o modelo social do tribalismo israelita sofreu contradições internas, intrigas entre tribos e guerras com vizinhos. No entanto, dele herdamos os princípios básicos que orientam a espiritualidade ecológica: fundamenta-se na relação respeitosa com a natureza, fonte de todos os recursos para a vida de todas as nações.

*Mais do que nunca, é necessário nova espiritualidade. Como seres humanos, somos convocados a desenvolver uma consciência criatural, em que a criação deixa de ser vista como objeto de domínio. Ela é um dom de Deus que deve ser acolhido com reverência, respeito e louvor. Somente a vivência dessa relação do ser humano com a criação possibilitará novas relações sociais e ambientais, o novo tempo de paz e justiça (Vieira, 1999, p. 87).*

### 3. O espinheiro presunçoso

Em torno do ano 1000 a.C., inicia-se nova situação de clamor popular. A ameaça de invasão de povos vizinhos e as intrigas internas das tribos provocaram a mudança de regime em Israel. Estabelece-se a monarquia, não sem conflitos entre essa proposta e os movimentos de oposição. O conhecido “apólogo de Joatão” (Jz 9,7-15) satiriza a opção pela monarquia, dando voz às árvores e pondo-as em assembleia com o objetivo de escolher um rei. Ao receber a proposta de reinar sobre as demais, cada uma das principais árvores frutíferas de Israel (figura do



regime tribal) rejeita-a imediatamente, em fidelidade aos bons frutos que produz. No entanto, o espinheiro (figura da monarquia) aceita de bom grado a oferta, impondo duras condições aos seus súditos. De fato, pouco a pouco, o povo é expropriado de suas terras e dominado pelos interesses dos sucessivos reis.

O terceiro capítulo de Gênesis reflete sobre as consequências da monarquia. Com a pretensão de “ser como Deus”, ela é responsabilizada pela desordem da natureza, pela exploração do trabalho humano e pela quebra das relações de fraternidade. Dominada pelos interesses dos poderosos, a terra já não responde graciosamente, e as famílias passam a conhecer a fadiga e as dores.

Deus ouve o clamor de seu povo e conhece os seus sofrimentos. Manifesta-se agora por meio do movimento profético, apontando caminhos de justiça social. Elias e Eliseu são conhecidos como “pais” desse movimento. Em virtude de sua fidelidade à aliança com Deus, indispõem-se com a política dos reis. Basta citar o episódio da vinha de Nabot, cobiçada e usurpada pelo rei Acab e sua mulher, Jezabel. O intento foi alcançado mediante o assassinato de Nabot. Elias fulmina a condenação de Deus sobre o rei (cf. 1Rs 21). Ele e Eliseu se confrontam também com os falsos profetas, ideólogos apoiadores da política palaciana. Comprometem-se na solução dos problemas que afetam o cotidiano das pessoas necessitadas. Vão ao encontro e põem-se a serviço de quem precisa de ajuda: pode ser uma situação de fome ou de doença, ou uma panela envenenada, ou um machado perdido, ou até a morte de uma criança. Não importam as situações: importa é o amor efetivo. Os recursos da natureza e a prática da partilha são meios privilegiados para a eficácia da ação profética de Elias e Eliseu (cf. 1Rs 17,1-16; 2Rs 4,1-6,7).

Também as veementes denúncias dos profetas literários revelam a triste realidade provocada pela ganância dos poderosos, pelas suas mentiras, roubos, assassinatos e toda espécie de violência. “Por isso, a terra se lamenta, os seus habitantes desfalecem, os animais dos campos desaparecem, bem como as aves do céu e até os peixes do mar” (Os 4,3). Mas profecia não é sinônimo de catastrofismo. Ela aponta para a possibilidade de transformação social. Tanto Oseias como Amós a descrevem à imagem de

uma restauração da natureza, apresentada em toda a sua grandiosidade e beleza (cf. Os 14,6-7 e Am 9,13-15).

A situação do Reino do Norte, onde atua Oseias, não é diferente da do Reino do Sul, onde, contemporaneamente, atua o profeta Primeiro Isaías. De forma alegórica, este contempla Israel como uma vinha edificada cuidadosamente por Deus, que “esperava que ela produzisse uvas boas, mas só produziu uvas azedas... Esperava o direito, mas o que produziram foi a transgressão; esperava a justiça, mas o que apareceu foram gritos de desespero” (Is 5,2.7). O profeta aponta para a causa dessa situação desesperadora, formulando a ameaça divina: “Ai dos que juntam casa a casa, dos que acrescentam campo a campo até que não haja mais espaço disponível, até serem eles os únicos moradores da terra” (5,8). Ele, porém, aponta também para um novo futuro, anunciando o dia em que se cantará a “vinha graciosa”, sendo o próprio Deus aquele que a rega e a vigia para que não seja danificada (cf. Is 27,2-3).

Constatamos, então, que o movimento profético não se atém à denúncia da política perversa. É, sobretudo, o portador da benevolência divina às vítimas do poder. A profecia desperta a consciência adormecida e imprime nova dinâmica no meio popular. Por exemplo, o profeta etíope Sofonias, no século VII a.C., vislumbra a saída da opressão por meio de uma nova política, organizada com base na união dos humilhados e enfraquecidos do campo (os pobres da terra) e da cidade (o povo pobre e humilde): “Procurai a Iahweh vós todos, os pobres da terra, que realizais a sua ordem. Procurai a justiça, procurai a pobreza... Deixarei em teu seio um povo pobre e humilde que procurará refúgio no nome de Iahweh, o Resto de Israel. Eles não praticarão mais a iniquidade, não dirão mentiras; não se encontrará em sua boca língua dolosa. Sim, eles apascentarão e repousarão sem que ninguém os inquiete” (2,3; 3,12s).

O profeta Jeremias, já no contexto do exílio da Babilônia, fazendo uso de verbos próprios do cultivo da terra, reflete sobre a experiência desastrosa pela qual passou o povo, enfatizando as perspectivas de reconstrução. Israel, em seus momentos históricos marcados por opressões e crises, sempre testemunhou a intervenção misericordiosa de Deus para corrigir e condenar,

mas também para perdoar e fazê-lo levantar-se: “Assim como velei sobre eles para arrancar, para arrasar, para demolir, para exterminar e para afligir, assim também velarei sobre eles para construir e para plantar, oráculo de Iahweh” (Jr 31,28).

Para uma espiritualidade ecológica, não podemos deixar de resgatar as denúncias e as propostas levantadas pelo movimento profético. Elas oferecem subsídios importantes para a reflexão e o posicionamento diante da gravidade do momento histórico em que nos encontramos.

*O que temos de entender é que a crise social e a crise ecológica que estamos vivenciando brotam do mesmo modelo de desenvolvimento. São intrínsecas ao atual modelo de sociedade. Para o livre-comércio, a livre circulação das mercadorias, e para o livre trânsito do capital, não interessa nenhum tipo de regulamentação, seja de proteção aos direitos trabalhistas, seja de proteção às culturas e aos povos nativos e originários, seja de proteção ambiental. O atual modelo econômico direcionado para a reprodução do capital devora tanto as pessoas quanto as culturas, tanto as florestas quanto o restante do patrimônio hídrico-natural (Dietrich, 2007, p. 79).*

O que temos de entender também é que, se dentro de cada um de nós, parafraseando L. Boff, existe um *Homo demens*, capaz de destruição e de morte, existe também o *Homo sapiens*, capaz de reconstruir as condições para um mundo solidário. A fé que herdamos da tradição profética nos impulsiona a trilhar o caminho da justiça e salvar o planeta.

#### 4. Água e árvores no deserto

No exílio da Babilônia (séc. VI a.C.), à medida que passam os anos, cresce o desespero dos que foram retirados de sua terra, com a sensação de um futuro fechado. Novamente, Deus mostra seu rosto amigo, prometendo assumir o pastoreio de suas ovelhas dispersas, suscitando coragem e reunindo os “ossos secos”, a fim de que formem um corpo cheio de vida (cf. Ez 34 e 37). Também agora, nessa difícil situação, Deus renova a aliança: “Concluirei com eles uma aliança de paz e extirparei da terra as feras,

## EM DESTAQUE, A COLEÇÃO ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS



### Repensar a igualdade de oportunidades

Patrick Savidan

Para que uma sociedade seja bem ordenada, é necessário também que ela seja uma sociedade justa no plano social, garantindo que seus indivíduos endossem os princípios que a sustentam e ajam de forma consequente. Partindo desse princípio, o livro percorre a história das ideias e tenta compreender como a desigualdade foi inscrita em nosso imaginário social.



### A rota antiga dos homens perversos

René Girard

Dividida em cinco capítulos, essa obra trata de um assunto ao qual a tradição concede pouca atenção — o livro bíblico de Jó —, confirmando-se como obra inovadora e referência para pesquisas e estudos aprofundados.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

PAULUS

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

de modo que habitem na terra com segurança e durmam nos seus bosques”. Garante-lhes ainda uma natureza abençoada: “A árvore do campo dará o seu fruto, e a terra produzirá a sua sã-fra...” (Ez 34,25.27).

A profecia acorda a consciência. A esperança de um futuro novo faz o povo erguer a cabeça. Vislumbra-se o declínio do império babilônico e a ascensão da Pérsia, trazendo novas perspectivas. Os fatos sinalizam o caminho a ser seguido. Além de Ezequiel, o movimento profético de Segundo Isaías anuncia novo êxodo. A situação de morte em que vivem os exilados será transformada: Deus suscita uma nova criação. É no exílio da Babilônia que o primeiro relato da criação é elaborado. Está em andamento o resgate da identidade de um povo chamado a ser artífice de uma nova história. “A coisa nova justamente acontece ao acender a consciência da condição de exilados e ao despertar a memória das tradições culturais teológicas do passado. O Deus que libertara os escravos no Egito, do fundo da escravidão, é o Deus que agora pronuncia o nome daqueles que não possuem nome reconhecido na sociedade” (Hahn, 2009, p. 42).

A atualização da memória histórica gera a capacidade de discernimento e renova as forças para a retomada da utopia de uma terra sem males. Ao citar as sete árvores que brotarão no deserto e na estepe, o profeta anuncia a vida em abundância numa terra de liberdade: “Farei jorrar rios por entre montes desnudos e fontes no meio dos vales. Transformarei o deserto em pântanos e a terra seca em nascentes de água. No deserto, estabelecerei o cedro, a acácia, o mirto e a oliveira; na estepe, colocarei o zimbro, o cipreste e o plátano” (Is 41,18-19).

O grupo profético do Segundo Isaías caracteriza-se como “mensageiro do novo. É evangelista, no sentido literal do termo... A dor está com os dias contados” (Schwantes, 1987, p. 101). Não há situação sem saída. Nada poderá levar o ser humano ao fatalismo. Deus, criador de todas as coisas, é também o libertador das condições desumanas: “Os pobres e indigentes buscam água, e nada! Sua língua está seca de sede, mas eu, Iahweh, os atenderei, eu, o Deus de Israel, não os abandonarei” (Is 41,17).

*Não basta recordar a ação divina do passado. É preciso prestar atenção ao novo que Deus está criando na história do seu povo. Esse*

*novo engloba toda a natureza junto com Israel: “Eis que faço uma coisa nova! Já está despontando, não o percebeis? Sim, abro uma estrada no deserto, faço correr rios em terra árida. Os animais selvagens me darão glória, os chacais e as avestruzes, pois dei água ao deserto e rios à terra árida. O povo que formei para mim proclamará meu louvor” (43,19-21) (Garmus, 2006, p. 38).*

## 5. A natureza como leito nupcial

Os que voltam da Babilônia vêm com o projeto de reconstrução do templo, sob a égide do governo persa. Os agricultores, ocupantes da terra, são impedidos de colaborar, o que provoca grandes conflitos internos. Impõe-se o grupo dos que voltaram, liderados por sacerdotes que, pouco a pouco, estabelecem o sistema sacerdotal de pureza. A maioria da população é excluída da pertença ao povo eleito e também da posse da terra. Toda a vida social é estruturada ao redor do Templo com suas imposições legalistas. Também nessa nova situação de crise, Deus suscita profetas e, sobretudo, movimentos sapienciais, animadores da resistência e do empenho por uma nova sociedade. É o que constatamos, por exemplo, neste anúncio de Terceiro Isaías: “Com efeito, vou criar novos céus e nova terra... Não haverá ali criancinhas que vivam apenas alguns dias, nem velho que não complete a sua idade... Os seres humanos construirão casas e as habitarão, plantarão videiras e comerão os seus frutos...” (Is 65,17-25).

Vários outros grupos populares manifestam o despertar de uma nova consciência, não atrelada aos interesses dos que concentram o poder e a terra. Um deles transparece no livro do Eclesiastes reivindicando uma organização social inspirada no tribalismo, um modelo que garante o bem-estar e a felicidade a todas as famílias: “Comer e beber, desfrutando do produto do nosso trabalho... Isso vem de Deus!” É a tese fundamental levantada ao longo do livro. Por sete vezes é enfatizada a mesma proposta (cf. 2,24-26; 3,12-13; 3,22; 5,17-19; 8,15; 9,7-9; 11,9-12,1): o direito ao trabalho livre para suprir as necessidades básicas das famílias, sem exploração e sem expropriação dos produtos pelo governo.

O movimento sapiencial manifesta-se, especialmente, pelo protagonismo das mulheres. Sua

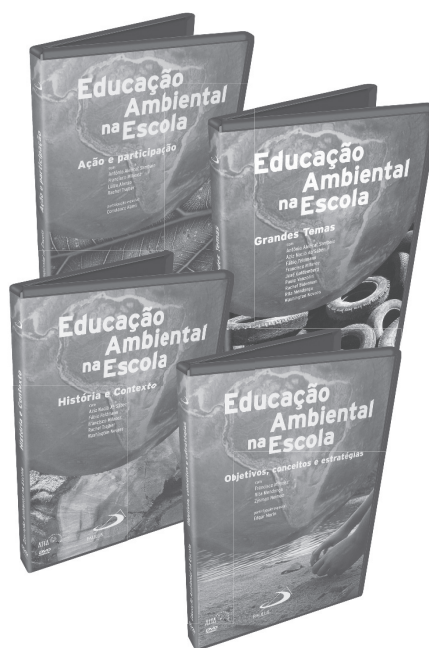
resistência e criatividade são evidentes. Levantam ousadamente novas propostas sociais, como podemos perceber por meio dos livros de Ester, Judite e Rute. Aqui nos interessa especialmente o Cântico dos Cânticos, também expressão de um movimento feminino. A identificação dos enamorados – camponesa e pastor – situa o lugar social desse movimento. Ele vem do campo. A cidade é lugar de violência. Daí a evocação de toda a simbologia da natureza, do cosmos e dos animais, próprios do mundo campesino. Daí o convite para viver o amor com toda a sua intensidade no espaço da roça.

A natureza exerce relevância especial nessa coletânea de poemas que formam o livro. Ela contribui ativamente para a felicidade da mulher e do homem. A poesia nasce da contemplação de todas as criaturas. Assim, de maneira profundamente encantadora, exalta a beleza do amor humano vinculado ao espaço natural: “Vem, meu amado, vamos ao campo, pernoitemos nas aldeias, madruguemos pelas vinhas, vejamos se a vinha floresce, se os botões se abrem, se as romeiras florescem: lá te darei meu amor...” (Ct 7,12-13).

*A natureza exuberante é o cenário de um amor apaixonado. Nos campos e vinhas, os amantes se encontram. A cidade, porém, com seus muros, guardas e reis, é lugar do desencontro, da saudade, do medo. Na cidade é preciso se defender, tomar cuidado, fugir. Nos campos, a entrega é total... Nesse relacionamento, a natureza não explorada (como queriam o Templo e o Estado, a serviço do mercado) torna-se cúmplice, aliada, amiga e companheira dos amantes (Rizzante Galazzi, 1993, p. 28-38).*

É possível perceber, sem muito esforço, que as autoras do Cântico dos Cânticos propõem o resgate do estado original da criação de Deus. Numa atitude de permanente busca, mulher e homem se reconhecem um frente ao outro, numa relação de total transparência e de mútua confiança. Percebem-se no meio de um jardim, como nos inícios. Propõem o ideal vivido no tribalismo israelita. A mulher vem do deserto: quem é ela? (Ct 3,6) Pelo caminho do deserto, o povo de Israel libertou-se da escravidão e tornou-se sujeito de uma nova sociedade. Propõem o resgate da terra como espaço de liberdade e vida em abundância.

Aprenda - e depois ensine -  
a cuidar do meio ambiente



#### Coleção de DVDs Educação Ambiental na Escola

A coleção **Educação Ambiental na Escola** é composta de quatro volumes que priorizam o compromisso da sociedade para com o meio ambiente e apontam para uma necessária mudança do modo de viver, que passa pela ação e transformação da escola, fórum privilegiado de formação de crianças e jovens. A educação ambiental, a metodologia, as práticas, os conceitos e as vivências são instrumentos para a formação de um novo olhar, um novo pensar, novas soluções e uma melhor qualidade de vida.



Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.



Propõem também o resgate de uma espiritualidade baseada na contemplação do corpo humano e de toda a natureza, longe da exploração e da ganância. Propõem a religião do amor que se faz carne no cotidiano da existência, em íntima relação entre os seres humanos e com tudo o que existe. Propõem, enfim, o ideal da fraternidade: “Ah, se fosses o meu irmão!” (8,1).

## 6. A natureza e a proposta de Jesus

Jesus, como missionário itinerante, movimentou-se por inúmeros lugares e diversificadas paisagens. Seus ensinamentos possuem forte vinculação com a natureza: ela é uma das principais fontes de inspiração para sua proposta. Jesus demonstra possuir profundo senso de observação do seu ambiente vital. Dessa realidade extrai a maioria de suas parábolas, meio privilegiado para despertar uma nova consciência em seus interlocutores. “A fonte de sua sabedoria pode ter sido vista como uma profunda consideração do mundo natural e seus processos, conduzida à luz das escrituras hebraicas e do Deus criador de que elas falam” (Freine, 2008, p. 46).

Jesus herdou de sua tradição religiosa a concepção de Deus como Criador e capta a sua presença nos mínimos aspectos da natureza e nos gestos aparentemente insignificantes das pessoas sem projeção social. É revelador da sua fé e da sua atitude de profunda contemplação aquele momento em que se dirige ao Pai em ação de graças: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra...” (Mt 11,25). O Pai é cuidador da vida de seus filhos e proporciona todos os recursos necessários para a vida de cada um deles, também dos pássaros do céu e dos animais do campo. A providência divina, tão evidente em toda a natureza, está vinculada ao cuidado que o ser humano deve ter com todas as coisas.

*Jesus convida a sua audiência a considerar os lírios do campo, cuja vida é tão breve, e os pássaros no ar, que, aos olhos dos homens, têm pouco valor por conta do seu grande número. Não obstante, em ambos os casos, Deus provê as necessidades deles. No interior dessa “cadeia do ser”, os seres humanos podem ter um lugar especial, mas isso não deve levá-los a ignorar o cuidado que Deus tem pelos elementos em aparência mais insignificantes do seu mundo criado, do qual também são parte (Freine, 2008, p. 45).*

A providência divina está, portanto, intimamente ligada à ética social. Herdeiro da legítima tradição profética de Israel, Jesus condena veementemente a exploração econômica, a concentração dos bens e toda forma de dominação. Em sua missão em favor das pessoas marginalizadas, deixa claro não ser possível “servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Relaciona-se com todas as criaturas, respeitando a dignidade de cada ser. É só abrir o Evangelho e observar, em cada texto, como Jesus vive e apresenta a sua proposta de vida digna sem exclusão. Por meio dos cinco sentidos próprios de todo ser humano, ele expressou seu amor cotidianamente, construindo relações de fraternidade e de justiça. Seus olhos, ouvidos, tato, olfato e paladar revelam sua maneira característica de ser portador da graça divina em todo lugar e em toda circunstância. Sua prática transformou-se em caminho para uma vida verdadeiramente humana, que ele chamou de “reino de Deus”.

## 7. Sob o impulso do Espírito

O intuito principal deste artigo é colaborar para uma espiritualidade que emerge da compreensão do caráter sagrado da natureza, palco dos acontecimentos reveladores da bondade salvífica de Deus. Na tradição judaico-cristã, a vida do ser humano está intimamente ligada com a vida da natureza. As dimensões política, econômica e religiosa estão relacionadas com a dimensão ecológica. Uma depende da outra. Todas dependem do modo de administrar adotado pela criatura inteligente.

Estamos hoje num momento histórico crítico. A espiritualidade ecológica exige nova postura. Não foge da crise, pois sabe que as situações de crise se mostram favoráveis às mudanças necessárias, tanto em nível pessoal como social.

*A crise é uma situação de alerta, de tensão e de exigência. Alerta anunciando que o estado presente, somatório de etapas passadas, chegara ao seu ponto de maturação, exigindo mudança. Tensão entre o estado alcançado e o modelo que a natureza aspira, exigindo ação de escolha e discernimento. Exigência de providenciar as mudanças reivindicadas pela tensão presente no novo que se anuncia. Pede capacidade de julgamento e decisão (Gorgulho, 1994, p. 55).*

A Bíblia testemunha que os seres humanos podem ser agentes de bênção ou de maldição. À medida que a sagrada aliança é respeitada, a bênção divina se concretiza na fertilidade e na abundância dos frutos da terra. A bênção está relacionada com a concepção da terra como dom de Deus para a vida das pessoas e dos animais. “Ela é muito boa”, como tudo o que Deus criou (cf. Gn 1). Por isso, a organização social e política (como aconteceu no tribalismo) deve garantir o cultivo da terra e a partilha dos bens segundo a necessidade de cada família. A maldição é consequência da infidelidade à aliança. Ela se manifesta na desolação da terra e na carência dos recursos necessários para a vida do povo (cf. Dt 28). Está relacionada com a proposta sociopolítica (como aconteceu com a entrada da monarquia israelita) baseada na ambição e na ganância dos grupos que vão se impondo hegemonicamente sobre a maioria da população.

A tradição judaico-cristã revela-nos que o Espírito de Deus age junto às vítimas do poder, suscitando movimentos e organizações capazes de abrir caminhos novos em vista da reconstrução de um mundo justo e fraterno. Os movimentos proféticos e sapienciais cumpriram esse papel. Jesus bebeu da fonte da Profecia e da Sabedoria para apresentar sua proposta de vida digna sem exclusão. Seu movimento estendeu-se pelo mundo, anunciando a chegada de um novo tempo.

Hoje, são milhares as iniciativas de defesa e promoção do direito e da dignidade de toda a criação. Em dores de parto, gememos – o ser humano e a natureza –, na expectativa da reden-

ção (cf. Rm 8,18-25). Ela está permanentemente em gestação sob o impulso do Espírito de Deus e da responsabilidade humana. Na esperança militante, apostamos no advento de “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21), com a tenda de Deus no meio de nós e com o respeito e a veneração devidos a todas as coisas, não só porque a Trindade habita toda a criação ou porque todos nos encontramos na mesma casa, mas sobretudo porque formamos um só corpo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Marcelo. Testemunho e utopia: quando a Torá e a Terra se encontrarem. *Ribla*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 24, 1996.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ática, 1993.
- DIETRICH, Luiz José. Pautas para uma hermenêutica ecológica: a solidariedade abarcando todas as formas de vida. *Encontros Teológicos*, Florianópolis: Itesc, n. 46, 2007.
- FREINE, Sean. *Jesus, um judeu da Galileia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008.
- GARMUS, Ludovico. Criação e história em Is 40-55. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 89, 2006.
- GORGULHO, Maria Laura. O novo eixo nas decisões da vida: a novidade deuterossaiana. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 42, 1994.
- HAHN, Noli Bernardo. Vozes proféticas em Dêutero-Isaías: a recriação da identidade de um povo. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 103, 2009.
- PIXLEI, George. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- RIZZANTE GALAZZI, Ana Maria. E Javé passeava pelo jardim (Gn 3,8). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 38, 1993.
- SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1987.
- VIEIRA, Tarcísio Pedro. *O nosso Deus – um Deus ecológico: por uma compreensão ético-teológica da ecologia*. São Paulo: Paulus, 1999.

### Liturgia Diária das Horas



### Liturgia Diária das Horas

A forma de oração cultivada e aprovada pela longa tradição da Igreja em formato que permite mais fácil acesso e manuseio para todo o povo cristão, de maneira a difundir e recuperar essa prática milenar. Os fascículos mensais trazem a oração da manhã (Laudes), da tarde (Vésperas) e, a partir de 2011, incluindo também a oração da noite (Completas).

Assinaturas: (11) 3789-4000

assinaturas@paulus.com.br



# O CLIMA ESTÁ ESQUENTANDO. EU E VOCÊ TEMOS A VER COM ISSO

Vilmar Sidnei Demamam Berna\*

*Estamos diante de uma verdadeira emergência planetária. A crise climática não é um assunto político. É um desafio moral e espiritual para toda a humanidade.*

(Al Gore, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, um dos vencedores do Prêmio Nobel da Paz de 2007)

Quando uma pessoa está com febre, é fundamental tomar logo dois tipos de atitudes: uma emergencial, para abaixar a febre, e outra para descobrir e resolver o problema que a está causando. Sabemos que medidas para abaixar a febre são necessárias e urgentes, mas paliativas. Para resolver o problema de verdade, só indo à sua origem.

Com o nosso planeta não parece ser diferente. Como um organismo vivo, ele está com febre. E o problema não está no cobertor de gases de efeito estufa que o envolve, situado lá há milênios; além disso, o planeta sempre conseguiu autorregular sua temperatura. O problema está no aumento exagerado desse cobertor! Quando estamos com frio, um cobertor é agradável para ajudar a aquecer, mas se, em vez de um, usamos vários cobertores, o que era agradável se torna desagradável.

Com a opção das sociedades humanas, principalmente após a invenção das máquinas, pela geração de energia mediante a queima de madeira e de combustíveis fósseis, o cobertor de gases de efeito estufa sobre o planeta aumentou consideravelmente, e o resultado é um aquecimento global como nunca visto antes em toda a história humana. As consequências disso já são sentidas por todos os cantos do planeta, com mudanças climáticas severas, derretimento das calotas polares e o decorrente aumento dos oceanos, atingindo a todos, ricos e pobres.

É urgente substituir a matriz energética petroquímica por outras mais limpas, que não agravem o efeito estufa, e investir em tecnologias e conhecimentos que compensem as emissões que não conseguimos evitar. Se não pelo planeta e pelos outros seres da natureza, por nós próprios, segundo alertou James Lovelock: “Não é a terra que é frágil. Nós é que somos frágeis. A natureza tem resistido a catástrofes muito piores do que as que produzimos. Nada do que fazemos destruirá a natureza. Mas podemos facilmente nos destruir”.

## 1. A força das evidências

Um dos maiores vilões do agravamento do aquecimento global é a emissão de dióxido de carbono. O excesso dele na atmosfera é resultado da queima de combustíveis fósseis (como petróleo, gás natural e carvão mineral) e de desmatamentos e queimadas (as chamadas mudanças drásticas no uso do solo, um ecossistema que absorve o CO<sub>2</sub>). Segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM), organismo da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2006, o mundo bateu novo recorde de concentração de dióxido de carbono na atmosfera.

Outro vilão, encontrado em menor quantidade, é o metano, liberado pela produção e transporte de petróleo e gás e por processos digestivos de

\* Ecologista, vive em Niterói (RJ), numa comunidade de pescadores artesanais. É escritor, com mais de 20 livros publicados ([www.escritorvilmarberna.com.br](http://www.escritorvilmarberna.com.br)). Por sua luta constante pela formação da cidadania ambiental planetária, foi reconhecido pela ONU, em 1999, no Japão, com o Prêmio Global 500 para o Meio Ambiente. Entre outros prêmios, recebeu também, em 2003, o Prêmio Verde das Américas. É fundador e colaborador da *Revista do Meio Ambiente* (distribuída gratuitamente) e do Portal do Meio Ambiente: [www.portaldomeioambiente.org.br](http://www.portaldomeioambiente.org.br).



animais ruminantes, como o boi. O óxido nitroso é liberado por fertilizantes agrícolas, e o CFC é expelido pelos refrigeradores, condicionadores de ar e, ainda, por alguns aerossóis.

Dados de cientistas e especialistas reunidos pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) demonstram que, em cem anos, a concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera aumentou em 25%, coincidindo com a era industrial. As mudanças no clima e o aumento da temperatura no planeta são uma realidade – ao longo dos mesmos cem anos, a temperatura subiu entre 0,4 e 0,8°C, sendo as últimas duas décadas as mais quentes do século, segundo números da organização. Até 2100, projeções indicam que a temperatura da superfície da Terra deve se elevar entre 2°C e 4,5°C.

De acordo com as últimas informações e pesquisas da Nasa e da Agência Espacial Europeia (ESA), o degelo no Ártico é o maior em um século, encolhendo-o em mais de 1 milhão de quilômetros quadrados em 2007. A cada ano, a parte do gelo marinho que derrete é cada vez maior, e a que recongela é cada vez menor. Consequentemente, já está aberta a passagem noroeste, entre os oceanos Atlântico e Pacífico, nas águas territoriais do Canadá.

Outra evidência está na intensidade dos furacões, cada vez mais fortes devido ao aquecimento das águas. A ocorrência de furacões das categorias 4 e 5 (os mais intensos da escala) dobrou nos últimos 35 anos. O Brasil entrou na rota desses ciclones: pela primeira vez, o litoral sul do país foi varrido por um forte ciclone, em 2004.

A elevação do mar, desde o início do século passado, está entre 10 e 25 centímetros. Em certas áreas litorâneas, como algumas ilhas do Pacífico, isso significou um avanço de cem metros na maré alta. Uma estimativa de 2006 do IPCC indica que o nível das águas poderá subir entre 14 e 43 cm até o fim deste século.

Os desertos também estão avançando. O total de áreas atingidas por secas dobrou em 30 anos. Um quarto da superfície do planeta é agora de deserto. Só na China, as áreas desérticas avançam 10 mil quilômetros quadrados por ano, o equivalente ao território do Líbano.

O mais cruel de tudo isso é que os mais prejudicados são os que não têm como se defender, os pobres. A ONU estima que 150 mil pessoas morram anualmente por causa de secas, inundações e outros fatores relacionados diretamente ao aquecimento

## Preservar o meio ambiente é lutar pela qualidade de vida

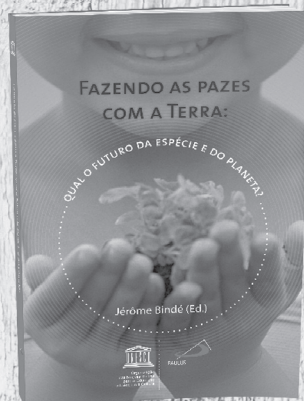


216 pág.

### Onde fica o meio ambiente?

Shirley Souza

O meio ambiente não é apenas a natureza, o mar, as florestas... É também o lugar onde vivemos. Esse foi o maior aprendizado que toda a turma desta história teve e que agora quer compartilhar com leitores.



216 pág.

### Fazendo as pazes com a Terra: qual o futuro da espécie e do planeta?

Jérôme Bindé (Ed.)

Em parceria com a UNESCO, a obra está organizada em duas partes e examina temas centrais da questão ecológica mundial, desde os modelos de crescimento e desenvolvimento até questões de consumo supérfluo.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

PAULUS

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.



global. Estima-se que, em 2030, o número dobrará. A incapacidade do mundo de reduzir os níveis de pobreza está contribuindo para a instabilidade global, na forma de terrorismo, guerras, doenças contagiosas e degradação ambiental. Trata-se de um ciclo vicioso: a degradação ambiental exacerbava a pobreza, o que contribui ainda mais para a instabilidade global. É quase impossível assegurar paz duradoura e estabilidade quando existem desigualdades imensas e os sistemas naturais que nos sustentam permanecem sob ameaça.

O grande vilão do aquecimento global, os EUA, já anunciou que nos próximos dez anos estará investindo em energia solar, eólica e biomassa para se livrar da dependência do petróleo. A idade da pedra não acabou por falta de pedras! Assim como a idade do petróleo não vai acabar por falta de petróleo! Até quando o petróleo continuará custando caro o bastante para justificar o investimento para tirá-lo de onde está, diante de um planeta cada vez mais aquecido?

Será que a nova sociedade de baixo carbono estará disposta a continuar correndo riscos com o uso de combustível comprovadamente aquecedor do nosso planeta? A Holanda já gasta hoje milhões de dólares de seus contribuintes para manter o mar afastado. Estaremos nos encaminhando para um cenário parecido? Se tomarmos a decisão de aumentar o “cobertor” de gases de efeito estufa sobre o planeta, também precisaremos estar preparados para as suas consequências!

## 2. O poder da informação

O aquecimento global é um problema de fato, é um mito de ambientalistas catastróficos ou uma jogada de *marketing* de Al Gore para ocupar a presidência dos EUA? É preciso separar o que é um fenômeno natural do que é, de fato, o problema. Sem dúvida, não há nada de errado com o fenômeno natural chamado de efeito estufa, que provoca o benéfico aquecimento global. O problema está no agravamento desse fenômeno, como resultado da emissão exagerada de gases de efeito estufa (GEE) em decorrência das atividades humanas.

A indústria do tabaco, durante cerca de 40 anos, tentou manter a opinião pública em dúvida sobre o fumo. E não foram poucas as vezes em que cientistas vieram a público para apoiar a indústria do tabaco, sob o argumento de que não havia evidências científicas suficientes para afirmar que o fumo causava mal à saúde. Até que, quatro décadas

depois, já não foi possível esconder o sol com a peneira, e a indústria do fumo passou a amargar grandes prejuízos, com indenizações milionárias pagas a fumantes induzidos ao vício pela máquina de propaganda do cigarro.

Parece que não aprendemos com os erros. Pessoas que procuram lançar dúvidas sobre a opinião pública acerca do agravamento do aquecimento do clima podem estar sendo úteis para a tentativa da indústria do petróleo de manter seus lucros. Dizendo atender à necessidade de todos, pequena parcela da humanidade tem se apropriado dos recursos naturais para acumular imensas riquezas e imenso poder. Para não correr o risco de perder tais privilégios, esses poderosos usam de meias verdades e até mesmo de mentiras para manter o restante da humanidade, mais que submissa, desejosa de alcançar os mesmos padrões de riqueza e poder, em vez de pretender combatê-los! Essa dominação não se dá pela força das armas, mas pela força das ideias, transmitidas pelos meios de comunicação de massa e, principalmente, pela propaganda do rádio e da televisão. Não é por acaso que esses meios de comunicação de massa são controlados por meia dúzia de famílias ou grupos poderosos, que, antes de estarem comprometidos com o esclarecimento e a libertação da sociedade da escravidão do consumismo, na verdade estão comprometidos com esse modelo que os faz e os mantém poderosos e privilegiados.

Estrategicamente, nossas necessidades humanas, como comer, morar, vestir etc., foram exploradas para nos escravizar ao consumismo. O individualismo, a competição, o materialismo, a ganância, a mesquinhez e a indiferença passaram a ser valorizados como positivos, numa sociedade em que exibir sinais de riqueza é confundido com felicidade ou sucesso. É falsa a ideia de que existe uma corrida pelo progresso e desenvolvimento, na qual os melhores e mais merecedores chegaram antes, como os ricos e os países do chamado Primeiro Mundo. É falsa porque, se todos alcançarem o mesmo padrão de consumo, não haverá planeta Terra de recursos naturais para todos! No entanto, vivemos tentando reproduzir os mesmos hábitos de consumo e elegemos os países de Primeiro Mundo como ideal a ser perseguido!

É falsa a ideia de que o problema em nossa sociedade é decorrente do crescimento populacional. Se a quantidade de gente num lugar fosse determinante para avaliar a maneira como lidamos

com os recursos naturais, então, em cidades com poucos habitantes, o meio ambiente estaria preservado! Se gente demais fosse o problema, gente de menos seria a solução, o que não é o caso. Cidades pequenas, com pouca densidade populacional, não teriam problemas ambientais! O fato é que uma única pessoa com uma caixa de fósforos sozinha no meio de um imenso cerrado pode causar mais danos à natureza que milhões de pessoas vivendo de maneira sustentável numa cidade. Ao lado da sociedade de consumo, somos a sociedade do desperdício. Quase metade dos alimentos produzidos é desperdiçada, ou porque apodrecem pelo caminho, ou porque o preço de mercado não compensa sua venda, ou porque deixamos sobrar no prato etc. Então é mentira a afirmação de que existem milhões passando fome porque o planeta já não consegue produzir alimentos para todos.

### 3. Pegada Ecológica

Não há nada de errado em consumir. Fazemos isso desde quando nascemos até quando morremos. O problema está no consumismo, que nos faz trocar necessidades por desejos. Por exemplo, uma pessoa pode resolver sua necessidade de sede com um copo d'água, mas nem uma dúzia de cervejas resolverá seu desejo de mostrar aos amigos que é forte e capaz de absorver álcool e ainda assim dirigir, ou que é bem-sucedido e, por isso, pode pagar por uma dúzia ou mais de cervejas, ou, ainda, que, para prolongar o tempo com os amigos, precisa adiar a “saideira”, oferecendo mais e mais cervejas!

O desejo de ser feliz, de ser aceito, respeitado e reconhecido na sociedade é bem humano e tem impulsionado nossa vida. Entretanto, a sociedade de consumo conseguiu capturar nosso imaginário com a falsa ideia de que, para sermos felizes ou reconhecidos, precisamos *ter* em vez de *ser*! Precisamos trabalhar para trocar nosso tempo de vida útil por dinheiro, de modo que com esse dinheiro tenhamos acesso aos bens que vão atender às nossas legítimas necessidades e também aos nossos desejos de felicidade e reconhecimento. Cada produto que consumimos tem seus recursos retirados de um único lugar, o planeta, e seus restos gerarão lixo, que, por sua vez, será destinado também a um único lugar, o planeta! Não existe “lá fora” no planeta Terra. As pedras que atirmos para cima cairão em nossa cabeça, ou na cabeça de nossos filhos e

netos! As consequências das mudanças climáticas e do esgotamento dos recursos naturais atingirão a todos, mas as perdas serão maiores para aqueles que não dispõem de recursos para se defender, como os mais pobres.

Então, ao lado dos problemas climáticos – e não com menor gravidade – está o consumismo, que nos leva a promover a destruição de mais de 20% dos recursos naturais do planeta, além da capacidade de regeneração da natureza, para produzir bens que, muitas das vezes, nem sequer serão consumidos! Por isso, é urgente adotar ações e medidas e desenvolver técnicas e conhecimentos que permitam avaliar corretamente onde, quanto e como estamos rompendo os limites da natureza e mostrem como evitar, atenuar ou compensar esses danos. Também é importante voltarmos o nosso olhar para outras culturas, como as de nossos povos tradicionais, indígenas, caiçaras, caboclos, não para viver como eles, pois cada um tem seu estilo de vida, mas para aprender com eles como é possível sobreviver, respeitando os limites da natureza. Infelizmente, nossa cultura de consumo, onde o dinheiro foi transformado em quase um deus, onde a cultura de subsistência é considerada pobreza, não acha que tenha algo a aprender com esses povos e os trata como um “estorvo” ecológico, ou como exóticos e incapazes. Mas até quando?

O atual estilo de vida humano está pondo em risco o futuro tanto das presentes gerações quanto das que nem nasceram ainda, mas já dependem de nossas decisões. A Pegada Ecológica de nossa espécie está consumindo em torno de 20% a mais do que o planeta consegue repor, segundo estudo realizado por 1.300 cientistas de 95 países. A Pegada Ecológica constitui uma forma de medir o impacto humano na Terra. Esse conceito, desenvolvido por Mathis Wackernagel e William Rees, autores do livro *Our ecological footprint – reducing human impact on the Earth* (1996), exprime a área produtiva equivalente de terra e mar necessária para produzir os recursos utilizados e para assimilar os resíduos gerados por dada unidade de população. E, como as relações entre as pessoas, as organizações e as nações não são iguais, uns conseguem explorar mais que outros. Segundo o Relatório Planeta Vivo – WWF, os povos da África e da Ásia usam em torno de 1,4 hectares por pessoa e os brasileiros usam em média 2,3 hectares, enquanto os povos da Europa Ocidental usam cerca de 5 hectares por pessoa. Nos EUA, cada norte-americano

consome o equivalente a 9,6 hectares de recursos do planeta. Com menos de 5% da população mundial, os Estados Unidos consomem 26% do petróleo, 25% do carvão mineral e 27% do gás natural mundial.

#### 4. Raízes do problema

Quando falamos em mudança, é preciso investigar as raízes verdadeiras da crise ambiental, para não nos iludirmos com mudanças cosméticas ou investir nossas energias e esforços apenas na minimização dos efeitos da crise ambiental, sem tocar nas causas. Por exemplo, é ilusão achar que a ciência e a tecnologia limpa serão capazes de dar conta da crise ambiental, ou que a simples existência de informação ambiental e educação ambiental será capaz de nos conduzir para fora da crise. Não vão, porque por trás da crise não está ausência de ciência, de tecnologia, de informação ou de educação ambiental, mas sim uma estrutura de apropriação de recursos e de acumulação de riquezas que perdurará independentemente da tecnologia (se suja ou limpa) e da existência ou não de democratização da informação ambiental ou de educação ambiental. Entretanto, se a ciência e a tecnologia, a informação e a educação ambiental, por si sós, não são capazes de solucionar os problemas provocados pela crise ambiental, sem elas é que a sociedade não terá a menor chance de sair dessa crise.

Por outro lado, também é uma ilusão achar que o mundo melhor que queremos, mais ecológico, justo, pacífico e democrático, começa no outro, depende dos governos, das empresas, do vizinho. Confúcio disse, há cerca de 5 mil anos, que, se alguém quisesse mudar o mundo, teria de começar por si mesmo, pois, mudando a si próprio, sua casa mudaria. Mudando sua casa, a rua mudaria. Mudando a rua, o bairro mudaria. Mudando o bairro, mudaria o município e assim por diante, até mudar o mundo. Na verdade, são lutas consecutivas. Ao mesmo tempo em que temos de nos preocupar em sermos pessoas melhores, menos poluidoras, menos desperdiçadoras de recursos naturais, menos egoístas e materialistas, também precisamos ser melhores consumidores – capazes de dizer não aos produtos de empresas que não respeitam o meio ambiente e as pessoas – e também melhores cidadãos, evitando resumir nossa cidadania ao ato de votar a cada eleição, mas transformando o voto num instrumento de transformação da realidade e acompanhando o mandato dos que elegemos para cobrar deles posturas e ações do interesse do

meio ambiente e da população. E esse exercício da cidadania não deve se resumir apenas ao aspecto eleitoral, mas incluir a atuação direta, por exemplo, por intermédio da sociedade civil organizada, pois, quanto mais organizados estivermos, mais fortes e menos vulneráveis seremos.

A questão mais fundamental não é se o ser humano vai conseguir escolher ser sustentável *ecossocioeconomicamente* ou se vai permanecer na atual trajetória suicida. Por trás dessas escolhas, estão questões muito mais antigas no espírito humano, sobre as quais filósofos e líderes religiosos têm se debruçado há milênios: como o ser humano pode ser sensibilizado a escolher entre a generosidade e a mesquinhez, o engajamento e a indiferença, a ganância e a solidariedade? A história nos mostra que algumas sociedades conseguiram mudar, e por isso prosperaram, e outras não, e por isso desapareceram. Albert Einstein dá uma dica: “Nosso maior erro é fazer sempre as mesmas coisas e esperar resultados diferentes”. E Gandhi tentou nos alertar quando disse que “a Terra tem o suficiente para a necessidade de todos, mas não para a ganância de uns poucos”.

Aquilo a que estamos assistindo nos últimos anos é um processo de ruptura, em que uma economia de mais de 250 anos, baseada na queima de combustíveis fósseis e no desmatamento, começa a ceder lugar a outra economia, das energias renováveis e da floresta em pé. Essa nova economia limpa ainda não é a dominante, mas, a cada dia que passa, torna-se mais e mais visível, substituindo a outra suja, independentemente das mudanças de cima para baixo! Quando o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), medida proposta pelo Brasil no Protocolo de Kyoto, entrou em vigor em 2005, quando a Rússia assinou o protocolo, alcançando 55% dos países signatários, já encontrou intenso mercado de créditos de carbono em andamento, o surgimento de novas tecnologias limpas e indústrias em processo de gestão ambiental na busca da ecoeficiência no uso de materiais e na gestão de seus resíduos e negócios.

Talvez até consigamos, com alguma dificuldade, migrar definitivamente de uma economia suja e suicida para outra limpa e comprometida com a vida, mas a nossa mudança mais desafiadora está na capacidade de sermos mais generosos e solidários e menos egoístas, gananciosos e indiferentes à dor e ao sofrimento alheio. Pois talvez até consigamos dar uma sobrevida à nossa espécie sobre o planeta, mas valerá a pena, se perdermos a nossa humanidade?



# CAMINHAR COM JESUS, LUZ DO MUNDO, É TER A CERTEZA DE QUE ELE SEMPRE ESTÁ CONOSCO!

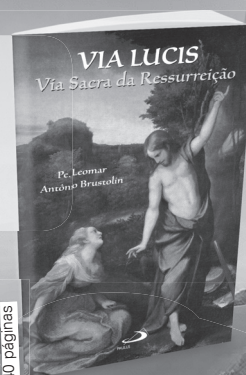


## Via Lucis

Via sacra e ressurreição

Pe. Leomar Antônio Brustolin

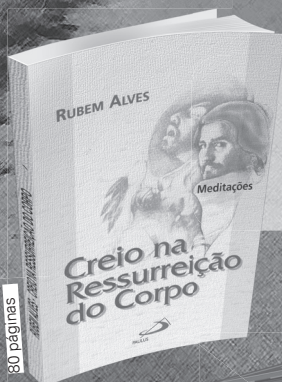
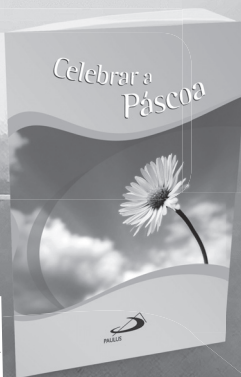
Este livro é um válido diálogo que os autores mantêm com a Via Crucis de Jesus. *Via Lucis* é uma meditação orante sobre os mistérios gloriosos do Senhor, na qual são rezados os eventos compreendidos entre a Ressurreição e o Pentecostes, dispostos em Quinze Estações.



## Celebrar a Páscoa

Darlei Zanon

Este livro exalta a vitória da vida sobre a morte a partir do relato do calvário de Jesus e de passagens bíblicas. Belas fotos acompanham os textos.



## Creio na ressurreição do corpo

Meditações

Rubem Alves

Rubem Alves escreve estas meditações como celebrações da ressurreição, procurando encontrar Deus na realidade do corpo.



## As crianças cantam a Páscoa e Pentecostes

Duração: 51'31''

Feitas para serem usadas na missa com as crianças, as melodias litúrgicas deste CD são um convite à promoção da justiça e da paz.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





# DUAS COSMOLOGIAS EM CONFLITO\*

Leonardo Boff\*\*

O prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz disse recentemente: “O legado da crise econômico-financeira será um grande debate de ideias sobre o futuro da Terra”. Concorro plenamente com ele. Vejo que o grande debate se dará em torno das duas cosmologias em conflito no cenário da história. Por cosmologia entendemos a visão do mundo – cosmovisão – que subjaz às ideias, às práticas, aos hábitos e aos sonhos de uma sociedade. Cada cultura possui sua respectiva cosmologia. Mediante ela, procura-se explicar a origem, a evolução e o propósito do universo, a definição do lugar do ser humano dentro dele.

A nossa cosmologia atual é a da conquista, da dominação, da exploração do mundo, com vistas ao progresso e ao crescimento ilimitado.

Caracteriza-se por ser mecanicista, determinista, atomística e reducionista. Por causa dessa cosmovisão, criaram-se inegáveis benefícios para a vida humana, mas também contradições perversas, como o fato de 20% da população mundial controlar e consumir 80% de todos os recursos naturais, gerando um fosso entre ricos e pobres como nunca antes houve na história. A metade das grandes florestas já foi destruída, 65% das terras cultiváveis foram perdidas, cerca de 5 mil espécies de seres vivos desaparecem anualmente e mais de mil agentes químicos sintéticos, a maioria dos quais tóxicos, são espalhados pelo solo, ar e águas.

Construíram-se armas de destruição em massa, capazes de eliminar toda vida humana. O efeito final é o desequilíbrio do sistema-Terra, que se expressa pelo aquecimento glo-

bal. Com os gases já acumulados, em 2035, chegaremos fatalmente a um aumento de dois graus Celsius, e, se nada for feito, segundo algumas previsões, no final do século, serão quatro ou cinco graus, o que tornará a vida, tal como a conhecemos hoje, praticamente impossível.

O predomínio dos interesses econômicos, especialmente os especulativos, capazes de reduzir países inteiros à mais brutal miséria, e o consumismo trivializaram nossa percepção do perigo que vivemos e conspiram contra qualquer mudança de rumo.

Em contraposição, está aparecendo com força cada vez maior uma cosmologia alternativa e potencialmente salvadora. Ela já tem mais de um século de elaboração e alcançou sua melhor expressão na Carta da Terra. Ela deriva das ciências do universo, da Terra e da vida e situa nossa realidade dentro da cosmogênese, aquele imenso processo evolutivo que se iniciou no *big bang* há cerca de 13,7 bilhões de anos. O universo está continuamente expandindo-se, organizando-se e autocriando-se. Seu estado natural é a evolução e não a estabilidade, é a transformação e a adaptabilidade e não a imutabilidade e a permanência. Ele relaciona-se em redes, e não existe nada fora dessa relação. Por isso, todos os seres são interdependentes e colaboram entre si para evoluir juntos e garantir o equilíbrio de todos os fatores. Por trás

\* Texto difundido pela agência Carta Maior em regime de copyleft. Conheça a agência: [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br)

\*\* Teólogo e escritor.

de todos os seres, atua a energia de fundo que deu origem ao universo, o anima e faz surgir novas criações. A mais espetacular delas é a Terra viva e nós, os seres humanos, como a porção consciente e inteligente dela, com a missão de cuidá-la.

Vivemos tempos de urgência. O conjunto das crises atuais está criando uma espiral de necessidades de mudança que, se não forem implementadas, nos conduzirão fatalmente ao caos coletivo, mas, se forem assumidas, poderão nos elevar a um estágio mais alto de civilização.

É nesse momento que a nova cosmologia se revela inspiradora. Em vez de dominar a natureza, situa-nos no seio dela em profunda sintonia e sinergia. Em vez de uma globalização niveladora das diferenças, sugere-nos o biorregionalismo que valoriza as diferenças. Esse modelo procura construir sociedades autossustentáveis segundo as potencialidades e os limites das biorregiões, baseadas na ecologia, na cultura local e na participação das populações, respeitando a natureza e buscando o “bem viver” – a harmonia entre todos e com a mãe Terra.

O que caracteriza essa nova cosmologia é o cuidado em lugar da dominação, o reconhecimento do valor intrínseco de cada ser e não sua mera utilização humana, o respeito por toda vida e os direitos e a dignidade da natureza, não sua exploração.

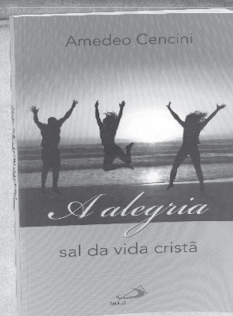
A força dessa cosmologia reside no fato de estar mais de acordo com as reais necessidades humanas e com a lógica do próprio universo. Se optarmos por ela, criar-se-á a oportunidade de uma civilização planetária na qual o cuidado, a cooperação, o amor, o respeito, a alegria e a espiritualidade terão centralidade. Será o grande giro salvador de que necessitamos urgentemente.

## VIDA PASTORAL

Disponível também na internet,  
em formato pdf.  
[www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br)  
[www.paulinos.org.br](http://www.paulinos.org.br)



## VIVA A ALEGRIA DA ORAÇÃO E DA COMUNHÃO COM DEUS



136 pág.

### A alegria – sal da vida cristã

Amedeo Cencini

Nessa obra, o leitor encontrará palavras que confirmam que Deus é a alegria infinita. Ao contrário do velho preconceito de que alegria e fé em Deus não podem coexistir e da imagem de um Deus excessivamente sério, o autor fala da alegria cristã, ou seja, daquela que é característica essencial da vida de quem crê em Jesus Cristo e que tem motivações e objetivos não puramente humanos, mas revelados pelo evangelho.



112 pág.

### Orai sem cessar Reflexões sobre a oração

Sérgio Raupp

Escrito por Sérgio Raupp, esse livro fala sobre a oração, uma das melhores maneiras de nos comunicarmos com Deus e de obtermos a paz e a harmonia interior. Esse tema, abordado frequentemente, ganha novos aspectos e motiva o leitor a rezar cada vez mais e melhor, tornando os momentos de oração ainda mais agradáveis.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



# ECONOMIZAR ENERGIA E PRESERVAR O PLANETA

Fernanda Zulzke Galli\*

“O mundo não é mais como antigamente.” Quantas vezes já ouvimos lamentos como esse? A grande ironia é que geralmente são pronunciados por aqueles que viveram em épocas de grande disponibilidade de recursos naturais e escassez de recursos materiais. Ora, se vivemos em uma era de grande desenvolvimento econômico, limites de crédito a se perder de vista, tecnologia de ponta e produção em grande escala, deveríamos estar satisfeitos, em vez de nos lamentarmos por tempos como de outrora, certo? Errado! Esses pilares foram construídos sobre um modelo de vida insustentável para o nosso planeta e para a vida.

## 1. Refletindo sobre nossos hábitos de consumo

Se achamos que evoluímos cada vez mais como humanidade, esquecemo-nos de avaliar como utilizamos os recursos naturais imprescindíveis para esses avanços e de que forma e em que medida evoluímos. A ideia de que podemos continuar a viver tal como vivemos hoje é insustentável; se todas as pessoas do mundo consumissem como as pessoas dos países desenvolvidos consomem – na atualidade, cerca de 20% acima do que o planeta pode suportar –, entrariamos em colapso. Assim, se os países em desenvolvimento estabelecerem como meta tal modelo e o atingirem, precisaríamos de três planetas, em média, para suprir o nível de consumo!<sup>1</sup> Qual é a questão, então? Que cada qual permaneça em seus índices de desenvolvimento humano sem pensar em condições melhores de vida para toda a população? Ou mudarmos a direção de nossas ações cotidianas e individuais, a fim de criar a grande rede restauradora que alinhe seus valores a uma sociedade mais justa e sustentável?

*Sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional, ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão. Na prática, a sociedade deve mostrar-se capaz de assumir novos hábitos e de projetar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com os equilíbrios ecológicos e funcione dentro dos limites impostos pela natureza (Boff, Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Vozes, 1999, p. 137).*

Com base na reflexão de Leonardo Boff, retornamos ao início deste artigo. É voltar ao passado que queremos ao dizer que “nada mais é como antigamente”? Ou seria melhor questionarmos e reformularmos o nosso modelo de desenvolvimento? As estatísticas do desmatamento em todo o mundo, o degelo nos polos, os verões e invernos fora de época nos dizem que não se trata de saber se queremos ou não encontrar alternativas para o modelo de sociedade em que hoje vivemos; nós teremos de fazê-lo!

## 2. Por que combater o consumo desenfreado de energia?

O importante é trazer para o dia a dia nova maneira de pensar nossos atos, com destaque para a redução do consumo de energia. O consumo de energia é o principal foco dessa

\* Pedagoga formada pela PUC-SP, especialista em Gestão Ambiental pelo Senac-SP.

proposta de transformação, porque ela está embutida em tudo que consumimos. Está presente em todos os processos de transformação que ocorrem em nosso organismo, no ambiente terrestre ou no espaço sideral. Ou seja, para produzirmos todos os nossos bens de consumo, utilizamos energia. Para a produção do papel e dos alimentos que consumimos, para o fornecimento de água, descarte de dejetos etc., utilizamos energia.

Nesse sentido, tal proposta contempla ações amplas que envolvem a redução do consumo energético em todos os setores envolvidos, não só na energia que chega a nossas casas em forma de eletricidade. A reciclagem, por exemplo, que vem sendo proposta há algum tempo, além de reduzir a quantidade de lixo, serve para economizar energia. Assim como a produção de vidro reciclado, que gasta apenas dois terços da energia necessária para sua produção inicial. O mesmo vale para a reciclagem do alumínio, a qual pode economizar até 95% da energia gasta para produzir alumínio novo, resultando não apenas na economia de recursos naturais, como também na redução de poluentes emitidos durante a fabricação. A energia gasta para produzir uma tonelada de alumínio novo poderia servir para fabricar 20 toneladas de alumínio reciclado!

### 3. “Pondo a mão na massa”: dicas práticas

Uma mudança radical nos princípios que regem nossos hábitos de consumo seria o ideal – como dizemos popularmente, “o melhor dos mundos”; porém, se queremos que cada pessoa os incorpore realmente, temos de começar pelo que é viável para cada um. Não é necessário incorporar todas as ações ecologicamente corretas ao mesmo tempo.

Após a fase de adaptação, as mudanças se tornam cada vez mais naturais, abrindo espaço para novas práticas e assim por diante. Quando menos esperamos, a coleta seletiva que fazemos em nossa casa estende-se ao vizinho, mais pessoas no supermercado começam a utilizar as sacolas retornáveis ao nos verem usando as nossas, que, além de “boas” para o planeta, ainda podem ser visualmente atraentes, e assim vamos formando uma grande rede transformadora, capaz de tornar possível a construção de um futuro que contemplará a real conservação

de nossos recursos naturais e será mais sadio para as futuras gerações.

Em casa:

– Você sabia que, no Brasil, cerca de 40% da água tratada é desperdiçada? Um homem que faz a barba com a torneira aberta pode chegar a gastar 65 litros de água. Ao escovar os dentes ou fazer a barba, abra a torneira somente quando precisar lavar a escova ou a lâmina de barbear.

– Verifique sempre sua conta de água e observe a média gasta a cada mês. Uma variação acentuada pode indicar vazamento ou uso indevido, com desperdício desse precioso bem.

– Sempre verifique o encanamento e as torneiras de sua casa, para evitar vazamentos. Uma torneira pingando pode desperdiçar até 16 mil litros por ano!

– Instale torneiras com aerador (aquelas peenirinhas localizadas no local de saída da água), mecanismo que reduz o desperdício.

– Se precisar regar as plantas de seu quintal na época de seca, não o faça durante as horas mais quentes do dia. Muita água será perdida antes de atingir as raízes.

– Aproveite a água da chuva para regar as plantas. Você pode armazená-la em recipientes colocados na saída das calhas, lembrando-se apenas de tampá-los para evitar a propagação de focos de mosquitos transmissores de doenças.

– Nunca use a mangueira para lavar a calçada. Prefira sempre uma vassoura.

– A reutilização de papel é importante para reduzir o número de árvores derrubadas e o consumo de energia durante a sua fabricação; por isso, use sempre os dois lados do papel, mantendo um bloco como rascunho.

– Revise textos na tela do computador antes de imprimi-los.

– Não jogue fora alimentos que ainda possam ser aproveitados. Busque novas receitas para aproveitar ao máximo tudo o que você comprou, como talos, folhas, sementes e cascas, que podem ter grande valor nutritivo.

– Não use produtos descartáveis, como copos, pratos e talheres. Prefira os que possam ser reutilizados.



– Faça a coleta seletiva de material diariamente, separando papéis, vidros, plástico e metais. Atualmente, existem muitos locais, como supermercados, que recolhem o material para encaminhar para a reciclagem.

– Não acenda as luzes de sua casa ou escritório durante o dia, a menos que seja extremamente necessário. Abra as janelas e cortinas, tentando aproveitar ao máximo a luz natural.

– Quando o tempo não estiver frio, deixe de usar o chuveiro elétrico com a chave na posição de “inverno” (água mais quente), já que essa posição consome mais energia. Tome um banho frio ou morno. Independentemente da estação, tente limitar seus banhos a cerca de cinco minutos. Se possível, fechando a torneira enquanto se ensaboa.

– Sempre apague as luzes e desligue aparelhos, como o rádio ou a TV, quando não estiver nos recintos onde eles estão, e escolha lâmpadas fluorescentes, compactas ou circulares. Elas consomem menos energia e duram mais que as comuns.

– Ao usar o ferro de passar, grande quantidade de energia é gasta para aquecê-lo. Tente juntar a maior quantidade possível de roupas antes de utilizá-lo e passe todas de uma só vez, aproveitando o calor do ferro. O mesmo raciocínio vale para a máquina de lavar. Ligue-a somente quando ela estiver com toda a sua capacidade preenchida.

#### Ao fazer compras:

– Carregue sempre uma bolsa de pano para levar o que comprou, em vez de usar sacos descartáveis de plástico ou papel.

– Quando comprar produtos de madeira e papel, procure sempre os que trazem selos de certificação, como o do Conselho de Manejo Florestal (FSC).

– Prefira produtos que contenham ingredientes biodegradáveis e não tóxicos.

– Dê preferência a produtos com embalagens retornáveis, como de vidro, aço ou madeira. Assim, além de contribuir para a redução do consumo de energia, você estará ajudando a diminuir o acúmulo de resíduos tóxicos nos rios e mares e, principalmente, evitará jogar fora um

material como o plástico, que demora centenas de anos para se decompor.

– Tente comprar somente a quantidade necessária daquilo que vai consumir. Assim, você evita jogar fora coisas que poderiam acabar poluindo o ambiente.

– Compre geladeiras, *freezers* e eletrodomésticos em geral levando em conta a eficiência energética, que pode ser observada em selos certificados pelo Programa de Combate ao Desperdício de Energia Elétrica (selo Procel de economia de energia).

– Embrulhos de presentes podem ser bonitos, mas o papel normalmente é jogado fora pouco depois de a pessoa ser presenteada. Pense na quantidade de papel e plástico gasta anualmente em embalagens com finalidade decorativa. Se você for o presenteado, tente reutilizar o papel do embrulho.

– Antes de abrir a geladeira, decida o que vai pegar, retirando todos os objetos selecionados. Ao abrir e fechar a porta várias vezes, há aumento da temperatura interna e consequente aumento da energia consumida pelo motor da geladeira para manter sua refrigeração.

#### Ao descartar o lixo:

– Não jogue pilhas e baterias antigas no lixo; existem farmácias, supermercados e lojas de operadoras de celulares que recolhem esses materiais.

– Lugar de lixo é na lixeira. Qualquer coisa jogada nas ruas, praças ou parques, entre outros, não apenas deixa a cidade mais feia, como entope bueiros e ralos, aumentando o potencial de enchentes em época de chuva.

– Não jogue pneus velhos na natureza. Ao serem queimados, os pneus geram uma substância cancerígena. Se ficarem abandonados a céu aberto, tendem a acumular água e tornam-se local propício para a proliferação de insetos. Além disso, levam mais de 600 anos para se decompor. A alternativa é encaminhá-los a centros de reciclagem.

#### Nota:

1. Dados retirados do texto *Pegada Ecológica Global*, publicado pela WWF – Brasil. Disponível em: <[http://wwf\\_brail/pedaga\\_ecologica\\_global/](http://wwf_brail/pedaga_ecologica_global/)>

# ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: [www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br))

Celso Loraschi\*

9º DOMINGO DO TEMPO COMUM  
(6 de março)

A CASA EDIFICADA SOBRE A  
ROCHA

## I. INTRODUÇÃO GERAL

A palavra de Deus é caminho de bênção para o ser humano. Constitui fonte de educação privilegiada. Por isso, é necessário colocá-la no coração, de modo que seja companheira permanente das pessoas de fé para que não tropecem, mas permaneçam na luz divina (I leitura). Jesus Cristo é a Palavra que se fez carne. Quem nele crer é justificado diante de Deus. Por ele, e não por meio da Lei, a humanidade foi redimida. É obra do amor gratuito de Deus (II leitura). A fé em Jesus manifesta-se na vivência de sua palavra. Quem assim procede está edificando sua vida em bases seguras, como uma casa construída sobre a rocha. Não basta dizer “Senhor, Senhor”, mas praticar a vontade de Deus (Evangelho). A Palavra constitui caminho de compreensão e de fidelidade ao plano de amor de Deus, manifestado na história do povo de Israel e plenamente realizado na pessoa de Jesus Cristo.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Dt 11,18.26-28.32): Educar-se na palavra de Deus

Esse texto faz parte do segundo discurso de Moisés (Dt 4,44-11,31). Nele encontramos a promulgação do Decálogo, com forte mo-

tivação para a prática da Lei como garantia de bênção para o povo na terra prometida. É um conjunto de prescrições que orientam a vida moral, social e religiosa da comunidade israelita na fidelidade à aliança com Deus. As promessas e os perigos anunciados visam despertar a consciência de cada pessoa a fim de que a fé em Deus libertador se transforme em prática coerente com o seu projeto.

O cuidado com a palavra de Deus deve marcar o cotidiano da vida de cada pessoa, a partir de sua própria casa. Entre os judeus, a fim de proporcionar a permanente lembrança dessa palavra, eram usados meios físicos, como pequenos recipientes amarrados entre os olhos com trechos da Sagrada Escritura. Porém, não poderia ser apenas um sinal externo: deveria penetrar o coração e a alma. Isto é, o ser inteiro deve imbuir-se da vontade de Deus manifestada em sua Lei.

A Palavra deve também ser fonte essencial para a educação dos filhos. O israelita, portanto, desde criança, aprendia a crescer e a se orientar na vida conforme as prescrições legais. A Lei constituía, para o israelita – de modo especial na época do pós-exílio, quando o Deuteronômio recebeu a sua redação final –, o meio identificador do povo de Deus. Era

\* Mestre em Teologia Dogmática, com concentração em Estudos Bíblicos, pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo; especializado em Teologia Bíblica e bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pelotas e pelo Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo; graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Pedagogia, em Lages. Leciona as disciplinas Mateus e Marcos, Lucas e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina (Itesc).

o código moral que devia perpassar por todas as áreas da vida. As desgraças, os exílios e outros males sociais eram interpretados como consequências da infidelidade à Lei de Moisés. A bênção de Deus estava vinculada com a prática dos mandamentos. Compreende-se, então, a importância da firme decisão de seguir a Deus que se revelou na história do povo de Israel. Não pode haver neutralidade: ou se está a favor ou contra. Quem se posiciona a favor de Deus pode esperar a sua bênção. Quem se coloca contra, prepare-se para a maldição.

O texto termina com a frase que conclui todo o discurso: “Cuidem de pôr em prática todos os estatutos e as normas que hoje coloco diante de vocês” (Dt 11,32). A fé em Deus deve traduzir-se num comportamento ético coerente com a sua vontade. É condição para uma vida de paz e de justiça.

## 2. II leitura (Rm 3,21-25a.28): A justiça que provém de Jesus Cristo

São Paulo tinha sido um fariseu, zeloso cumpridor da Lei. O seu encontro com Jesus Cristo no caminho de Damasco transformou sua vida. Teve a experiência da gratuidade do amor de Deus, com base na qual vai processando novas e profundas convicções. O cumprimento da Lei já não constitui o caminho da justificação. As verdadeiras obras nascem da fé em Jesus Cristo. Deus ofereceu ao mundo o seu próprio Filho para que todos os que nele acreditam tenham a vida plena. É, portanto, por meio da pessoa de Jesus que se processam a santificação e a salvação da humanidade. Somos todos pecadores e impossibilitados de nos redimir pelos nossos próprios méritos. A salvação nos vem gratuitamente de Deus por meio de Jesus Cristo, que entregou sua vida pela redenção do mundo. Com Jesus, inicia-se definitivamente a era da graça divina. Mergulhar nela é viver como novas criaturas. A fé, portanto, não é atitude passiva; ela impulsiona à prática do amor a ponto de dar a vida pelos irmãos, como nos ensinou Jesus. São Paulo entende, então, que a Lei escraviza e mata, enquanto o Espírito Santo liberta e vivifica. A santidade, manifestada historicamente em Jesus Cristo, torna-se possibilidade concreta para todas as pessoas de fé.

## 3. Evangelho (Mt 7,21-27): A casa edificada sobre a rocha

Esse texto é conclusivo do sermão da montanha (Mt 5-7). São instruções de importância vital para as comunidades cristãs. Mateus chama a atenção para o perigo de usar a palavra de Deus como meio de projeção pessoal. A pregação consistiria, então, numa estratégia para a fama de quem prega, ficando em segundo plano a coerência e a fidelidade com a Palavra anunciada. A pregação é necessária para o conhecimento e a vivência do evangelho. Os anunciadores devem ser servos da Palavra, e não o contrário.

É possível que pregadores possam realizar curas, expulsar demônios e demonstrar maravilhas aos olhos do mundo. Jesus, porém, previne que essas “maravilhas” podem não corresponder à vontade de Deus. Podem declarar que Jesus é o “Senhor”, porém não passam de mera confissão externa. São falsos profetas por não estarem a serviço do reino dos céus.

Baseado nos fenômenos da natureza, Jesus fundamenta seu ensinamento numa das lições rabínicas da época: “A quem pode ser comparado aquele que atua muito e estuda fervorosamente a Lei? A um homem que fundamenta sua casa em alicerce de pedra. Se vier uma grande inundação, não o abate. Mas quem não faz nenhuma obra boa se assemelha a um homem que, ao construir, coloca no alicerce tijolos de barro” (Rabi Elisha). Sendo o Evangelho de Mateus dirigido especialmente para os judeus cristãos, a parábola já existente na literatura judaica contribui para a compreensão ainda mais profunda da vida coerente com a Palavra.

De fato, ouvir e praticar a Palavra são dois aspectos ligados entre si. A Palavra viva no meio das comunidades é o próprio Jesus Cristo. Portanto, ouvir e praticar a Palavra significa seguir a pessoa e a proposta de Jesus; é deixar-se moldar por ela e orientar a vida segundo a vontade divina.

## III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A palavra de Deus é alimento cotidiano.*  
Ela é fonte e caminho para a plena realização

dos seres humanos. É alicerce para um novo mundo. Por isso, precisa ser guardada, com muito carinho, no coração de cada um de nós. É o que ouvimos na primeira leitura. É necessário meditar a Palavra todos os dias, a fim de que ela impregne todos os nossos pensamentos e ações. Por meio da sua vivência, superamos as atitudes de neutralidade e assumimos o projeto de Deus.

– *Ouvir e praticar a palavra de Deus.* Os autênticos seguidores de Jesus sabem orientar-se na vida com sabedoria e prudência, discernindo o que é de Deus e agindo segundo a sua vontade. Ouvir o ensinamento de Jesus não corresponde apenas à audição física, mas à adesão ao projeto do Mestre, tão bem esclarecido no sermão da montanha. Não bastam práticas religiosas externas. Elas são vazias se não forem expressão da coerência entre fé e vida. Não basta dizer e cantar “Senhor, Senhor”, quando, na verdade, seguimos outros “senhores” que se impõem neste mundo.

– *Pautar a nossa vida pelo exemplo de Jesus.* Ele se pôs a serviço de todos, prioritariamente das pessoas em situação de sofrimento. Quem assim se conduz na vida permanece de pé diante das adversidades e inabalável diante das incompreensões e perseguições, pois sabe em quem deposita a sua confiança. A partir da fé em Deus, que se revelou plenamente em Jesus Cristo, podemos firmar nossos passos nos alicerces dos valores irrenunciáveis do amor, da justiça, da solidariedade, da fraternidade e da paz. O período da Quaresma, que se inicia na próxima quarta-feira, é tempo especial de revermos em quais valores assentamos a nossa vida.

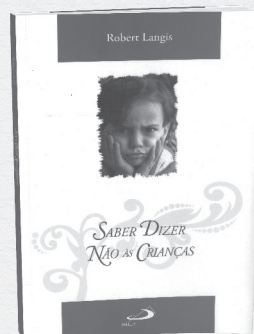
## 1º DOMINGO DA QUARESMA (13 de março)

NÃO SÓ DE PÃO VIVE O SER  
HUMANO

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Iniciamos o período da Quaresma com a disposição renovada de mergulhar em Deus, deixando-nos iluminar por suas palavras, questionando-nos sobre nossas atitudes e

## Quem ama as crianças e os jovens não tem medo de educá-los



144 pág.

### Saber dizer não às crianças

Robert Langis

Escrito para os pais de hoje, essa obra não tece elogios a uma autoridade dominadora e opressiva, como a que prevalecia há certo tempo, mas fornece subsídios para que os pais exercitem uma autoridade sadia e eficaz, na qual a felicidade da família, a colaboração e o respeito mútuo podem coexistir.



76 pág.

### Educando e convivendo com crianças e adolescentes

Janet Marize Vivan

Educar, obtendo resultados positivos, é uma das tarefas mais desafiadoras atualmente. Nesse livro, o leitor encontrará experiências e relatos de adultos, crianças e adolescentes, com relação às suas vivências no processo de educar e aprender, possibilitando o entendimento desse tipo de relacionamento e colaborando na construção de uma prática educacional apropriada, promotora de um convívio mais harmonioso, satisfatório e recompensador.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





comprometendo-nos com uma nova vida. Somos fruto da iniciativa amorosa de Deus. Ele nos modelou a partir do barro e deu-nos a vida, insuflando em nós o seu sopro divino. Presenteou o ser humano com uma habitação especial, um jardim que produz toda espécie de frutos. Para conservar o estado de bem-estar e alegria, ordenou-lhe que não tocasse na “árvore da ciência do bem e do mal”. Porém, a rebeldia dos homens e das mulheres, representados por Adão e Eva, originou toda espécie de males (I leitura). Deus, no entanto, não abandona as suas criaturas. Ele é criador e também libertador. Por isso, como máxima expressão do seu amor, enviou o seu Filho, Jesus Cristo, para nos libertar de todos os males com suas consequências. Se pelo pecado de Adão entrou a morte no mundo, pela graça de Jesus Cristo nos é dada a redenção (II leitura). Para isso, Jesus assumiu plenamente a condição humana, sofreu toda espécie de tentações durante toda a sua vida. Porém, não caiu nelas. Permaneceu fiel à vontade do Pai, alimentando-se permanentemente de sua palavra e cultivando a sua intimidade pelo silêncio e pela oração (Evangelho). Portanto, a palavra e o exemplo de nosso irmão maior, Jesus Cristo, devem tornar-se o pão nosso de cada dia, que nos sustenta na caminhada desta vida e nos mantém na fidelidade ao projeto de Deus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Gn 2,7-9; 3,1-7): Da argila da terra Deus criou o ser humano

A figura de Deus apresentada nesse relato da criação é a de um oleiro com uma incrível capacidade artística. Percebe-se a intenção dos autores de ressaltar a origem do ser humano, que tem íntima ligação com Deus e com a terra que ele criou. O próprio nome Adão vem de *adamah*, termo hebraico que designa a terra. É a palavra que deu origem ao *homem*, entendido aqui como nome genérico da raça humana. Homens e mulheres são seres originados do *húmus* da terra. A terra, portanto, Deus a fez e a usou como “mãe” da humanidade. Ela é fonte de vida, é fértil e produz todas as espécies de frutos.

Deus é pai, amigo e conselheiro dos seus filhos e filhas. Dá-lhes as instruções necessárias para que possam viver sobre a terra em íntima comunhão com ele e, como decorrência, em solidariedade com todas as coisas. Por isso, Deus pede que não comam do fruto da “árvore da ciência do bem e do mal”. Em outras palavras: os seres humanos devem respeitar a soberania de Deus sobre todas as coisas e submeter-se ao seu desígnio. Tudo o que ele faz é muito bom.

A narrativa busca explicar o motivo do sofrimento pessoal e dos males sociais. A origem de todas as coisas está fundamentada na bondade divina. Foram feitas para o bem dos seres humanos. Por que, então, o sofrimento? Os autores do texto expressam profunda consciência crítica sobre a opressão. Esta se constitui a causa de todos os males. Ao tomarem a figura da serpente como a provocadora da violação da ordem divina, apontam para a sagacidade do poder em “dar o bote” para morder e alienar a consciência humana.

Certamente, o grupo que está por trás do texto conhece muito bem as consequências da monarquia israelita. Analisam a realidade social, denunciando a ambição de grandeza e de sabedoria do regime monárquico, que pretende ser “igual a Deus”, usurpando o poder divino e revelando o domínio sobre os bens e as pessoas. Mas, como diz o adágio popular, “o rei está nu”. A nudez revela que a fraqueza e a condição de mortalidade fazem parte da pessoa. De que lhe adiantam as pretensões de poder e de possessão? Confrontado honestamente com o desígnio divino, o ser humano, pretensamente poderoso, sente-se envergonhado. É claro, pois a conquista e a manutenção do poder envolvem mentiras, enganação, usurpação de bens... Deus, porém, é justo e verdadeiro. Diante dele, nenhuma “folha de figueira” cobre essa nudez, a transparência de sua verdade, por mais que a pessoa busque justificativas.

### 2. II leitura (Rm 5,12-19): O novo ser humano em Jesus Cristo

Um dos temas dominantes na carta aos Romanos é a justificação pela graça. Para são

Paulo, o pecado entrou no mundo trazendo a morte. Esta deve ser entendida não apenas em seu aspecto físico, mas também como realidade pessoal e social, proveniente do egoísmo humano. É herança da transgressão de Adão, representante dos seres humanos. Essa condição de pecadores nos torna incapazes de nos redimir. Nenhum mérito humano possibilita a salvação. Ela nos é dada por pura graça de Deus, que se revela plenamente em Cristo Jesus.

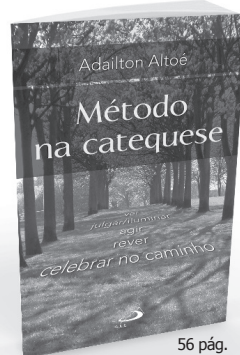
Com a Lei, ficou explícito em que consiste o pecado. Com Jesus, a Lei foi superada e, sem ela, o pecado já não é levado em conta. Isso acontece porque a graça de Deus foi derramada sobre todos nós, pecadores, redimindo-nos do pecado. Se o pecado de Adão trouxe a morte, a fidelidade de Jesus Cristo trouxe a vida definitiva. Se a rebeldia do ser humano diante do Criador trouxe a condenação para todos, o dom gratuito de Jesus Cristo para todos trouxe a justificação. Se a transgressão do ser humano é fonte de morte, a graça de Deus, por meio de Jesus, é fonte de vida plena. A graça nos reconcilia com Deus e resgata a nossa integridade. Pela graça, é-nos dada a vida eterna.

São Paulo nos convence de que o pecado foi instrumento que possibilitou a manifestação da misericórdia divina. A transgressão do “primeiro Adão” não conseguiu impedir o fluxo da graça. Pelo contrário, fê-la fluir ainda mais abundantemente. Essa certeza nos torna abertos para acolher o perdão gratuito de Deus e nos incentiva a mergulhar sempre mais em sua graça. Deus nos criou por amor e também por amor nos liberta do mal e da morte. O ato de expiação de Jesus, o novo Adão, anulou definitivamente o poder do pecado.

### 3. Evangelho (Mt 4,1-11): Jesus vence as tentações

Desde o início do seu ministério, Jesus enfrenta o embate com propostas diabólicas que buscam desviá-lo de sua missão de defender e promover a vida digna das vítimas do poder em sua tríplice dimensão. O “diabo”, a antiga serpente, inimigo do plano de Deus para a humanidade (cujas expressões se encontram

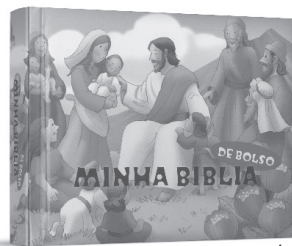
## Catequese com método e em comunhão com a palavra de Deus



### **Método na catequese: ver, julgar/ iluminar, agir, rever e celebrar no caminho**

**Adailton Altoé**

Com linguagem clara e acessível, essa obra quer ajudar catequistas e coordenadores a encarar as dificuldades que surgem dentro dos grupos de catequese. Saber lidar com as dúvidas dos catequizandos é um dos objetivos desse título, que não é mais um sobre catequese, mas sim um instrumento para auxiliar aqueles que desejam realizar uma caminhada na educação da fé.



### **Minha bíblia de bolso**

**Karin T. Juhl**

**Minha Bíblia de Bolso** é um excelente instrumento para introduzir as crianças na Palavra de Deus. Com belíssimas ilustrações e formato e papel diferenciados, o livro reúne vinte histórias, do Antigo e do Novo Testamento, proporcionando um primeiro contato dos pequenos com a Sagrada Escritura e com os ensinamentos de Jesus Cristo.

**Vendas: (11) 3789.4000**  
**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

  
**PAULUS**

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

dentro de cada um de nós como nas próprias estruturas sociais), convida Jesus a seguir outro caminho, procurando fazê-lo abandonar a missão que iria realizar como Messias sofredor. Em toda a sua vida (este é o sentido dos “40 dias e 40 noites”), Jesus foi tentado a dar preferência a uma lógica criada segundo intentos egoístas. Tem a possibilidade de, ou apresentar um falso messianismo, satisfazendo as expectativas dos seus contemporâneos, ou optar pela realização da vontade do Pai, assumindo o serviço de libertação junto às pessoas excluídas.

A *primeira tentação* indica a dimensão econômica do poder. Jesus, como ser humano, sentiu-se certamente atraído pela proposta de orientar a sua vida para o acúmulo de bens e para o desfrute dos prazeres que eles podem oferecer. Podia até mesmo ancorar-se na “teologia da retribuição”, tão presente nos ensinamentos oficiais dos doutores da Lei, legitimando a riqueza e o bem-estar físico como bênçãos divinas. Porém, Jesus vai por outro caminho. Ele dedica todo o seu tempo e sacrifica a própria vida no cumprimento da missão que o Pai lhe deu em favor do resgate da vida digna sem exclusão. Ao responder que a pessoa vive não só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus, aponta para a perspectiva essencial que deve conduzir todos os nossos passos. A palavra de Deus constitui a fonte e a autoridade das quais emana todo ensinamento capaz de realizar as aspirações mais profundas de cada um de nós; é alimento capaz de satisfazer a fome do coração humano, desejoso de inteireza e autenticidade.

A *segunda tentação* refere-se à dimensão religiosa do poder. O “pináculo”, para além da parte física mais alta do Templo, representa os elevados cargos que um judeu poderia galgar na hierarquia religiosa. Esse caminho de poder, pela via religiosa, proporcionaria a Jesus prestígio e proteção muito especiais. A pessoa envolvida na “auréola” de uma espiritualidade legitimada pela ideologia do sistema religioso oficial, como era o caso do templo de Jerusalém, sente-se assegurada pela “blindagem” que seu *status* religioso proporciona. Jesus poderia apegar-se à sua condição divina e mostrar “sinais

do céu”, como queriam os fariseus e saduceus. Poderia “forçar” a providência de Deus, solucionando magicamente os problemas humanos. A resposta de Jesus de não tentar o Senhor Deus informa-nos de que a lógica humana deve submeter-se à lógica divina e não o contrário. A vontade do Pai, de forma desconcertante, manifesta-se no caminho da obediência de seu Filho até a morte de cruz. Com isso, cai por terra toda a presunção de querer usar a Deus para a vanglória humana.

A *terceira tentação* indica a dimensão política do poder. Equivale à tentação da idolatria por excelência: adoração a satanás. É posicionar-se como um ser divino, com o poder de agir, de forma absoluta, sobre pessoas e bens. É a tentação de querer alcançar a felicidade suprema pela autoafirmação e pelo domínio sobre os outros. Jesus, com certeza, confrontou-se com essa possibilidade de orientar toda a sua vida no sentido de galgar cargos políticos que lhe conferissem força e fama social. As multidões queriam fazê-lo rei... O posicionamento de Jesus, ao rejeitar essa tentação, transforma-se no caminho de superação de todo domínio e também de todo servilismo. Coloca a Deus como o único Ser digno de adoração. Jesus propõe uma nova ordem social como realização da vontade do Pai e orienta toda a sua missão para a organização dessa nova ordem. Revela, assim, a verdadeira origem do reino de justiça, fraternidade e paz: é dom de Deus e serviço abnegado dos seus filhos e filhas.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Deus é criador e libertador.* Em seu desígnio de amor, criou o ser humano em íntima união com a mãe terra. Em sua providência generosa, garante as condições de vida digna para todas as pessoas. Deu-nos a missão de cuidar de todas as coisas, sem cair na tentação de “comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal”, isto é, de entrar na ideologia do poder, que tende a dominar as pessoas e se apossar do que é de todos. É preciso respeitar e promover o princípio da soberania de Deus sobre todas as coisas e administrá-las com justiça, evitando toda espécie de exploração.

– *Não cair em tentação.* Durante toda a nossa vida, somos tentados a abdicar do compromisso com o projeto de Deus, deixando-nos levar por propostas diabólicas. Jesus nos ensinou o caminho de superação das tentações do poder em sua tríplice dimensão: econômica, política e religiosa. É claro que a economia, a política e a religião podem ser meios privilegiados para a construção do reino de justiça, paz e fraternidade no mundo, desde que sejam organizadas como serviço dedicado e honesto ao próximo, principalmente às pessoas mais necessitadas.

– *Ser portadores da graça divina.* Com sua obediência radical à vontade do Pai, Jesus nos trouxe a graça da libertação de todos os males e a vida em plenitude. Seguindo seus passos, podemos ser portadores da graça divina, defendendo e promovendo o direito à vida digna sem exclusão. Para isso, são fundamentais o cuidado e o respeito para com a natureza. A Campanha da Fraternidade nos aponta sugestões práticas.

## 2º DOMINGO DA QUARESMA (20 de março)

### TRANSFIGURAÇÃO: A VIDA QUE TRIUNFA SOBRE A MORTE

#### I. INTRODUÇÃO GERAL

Seguir a Deus é assumir atitude de permanente êxodo. Abraão, nosso pai na fé, foi chamado por Deus a pôr-se a caminho para a terra prometida. Foi provocado a deixar as seguranças para entrar na dinâmica do plano de amor de Deus, visando a uma “terra sem males”, uma sociedade de justiça e paz. Obedecendo ao chamado divino, Abraão e sua família tornaram-se portadores da bênção divina para todo o povo (I leitura). O cristão, continuamente, corre o risco de se equivocar a respeito de Jesus e de sua proposta. Como Pedro no episódio da transfiguração, tende a construir o “ninho” de proteção e de bem-estar, negligenciando as implicações do seguimento de Jesus no caminho da cruz e da morte (Evangelho). É bom prestar atenção nos

conselhos de Paulo a Timóteo: são expressões de amor e de solidariedade a quem passa por situações conflituosas. Timóteo é encorajado a persistir no testemunho de Jesus Cristo, participando de seus sofrimentos pela causa do evangelho (II leitura). Neste tempo propício de penitência e conversão, somos convidados a ouvir o chamado que Deus nos faz para sermos santos; é tempo propício para aprofundar a vocação que dele recebemos e discernir o que é essencial do que é ilusório.

#### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

##### 1. I leitura (Gn 12,1-4a): A fé que se transforma em caminho

A Bíblia nos apresenta a figura de Abraão como o pai do povo de Israel. Sua fé e confiança em Deus tornam-se a principal herança para as futuras gerações. Abraão é representativo de grupos seminômades, em torno de 1500 a.C. Esses grupos, por natureza, não se submetem à dominação do poder político, como o exercido naquela época pelas cidades-estado. São caminheiros, sempre em busca de terra fértil que proporcione pastagens para a sobrevivência dos seus rebanhos e, conseqüentemente, de suas famílias e clãs.

A experiência que Abraão possui de Deus está intimamente ligada ao estilo de vida dos pastores. A garantia da terra e o senso de liberdade são fundamentais. A presença de Deus se dá onde se encontram as famílias. Ele caminha com os pastores, conduz os seus passos e lhes dá a terra de que necessitam. A terra é promessa e dom de Deus, porém é necessário que Abraão esteja disposto a romper com as seguranças que impedem a caminhada na direção que Deus lhe aponta.

Confiar no Deus da promessa é ter a certeza de um mundo sem exploração e sem fome. Essa promessa é motivadora para os movimentos populares, especialmente em época de opressão, como aquela exercida pelo Egito e, posteriormente, pela monarquia israelita. Abraão torna-se a “memória perigosa” que desacomoda os oprimidos, proporcionando-lhes inspiração para a resistência e a mobilização em vista de uma nova sociedade.



## 2. II leitura (2Tm 1,8b-10): A santa vocação

A segunda carta a Timóteo faz parte das tradicionalmente conhecidas “cartas pastorais” (junto com 1Tm e Tt). São dirigidas aos animadores de Igrejas cristãs, num tom pessoal. Os autores atribuem essas cartas a Paulo. Foram escritas algum tempo depois de sua morte, no intuito de iluminar e fortalecer a missão desses “pastores” junto às comunidades.

Timóteo havia sido um companheiro de Paulo. Participou da segunda e terceira viagens missionárias. Pessoa de confiança e dedicado à evangelização. Paulo podia contar com ele para enviá-lo às comunidades a fim de levar instruções e animar a fé dos cristãos. Após a morte de Paulo, continuou a missão de ministro da Palavra, revelando-se como importante liderança. A tradição o venera como bispo de Éfeso. Etimologicamente, Timóteo significa “aquele que honra a Deus”.

O texto da leitura de hoje indica uma situação difícil pela qual está passando Timóteo. O intuito é confortá-lo e animá-lo à perseverança. Timóteo é convidado a participar solidariamente dos sofrimentos pelos quais Paulo também passou por causa do evangelho. Quem assumiu a missão de servir à Palavra não pode sucumbir às dificuldades nem manifestar-se timidamente. A tribulação é inerente ao anúncio do evangelho quando feito com autenticidade. Como aconteceu com Jesus, também acontece com os seus discípulos. Nessa mesma carta, encontramos o alerta: “Todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos” (3,12).

A confiança plena na graça de Deus deve ser característica da pessoa que evangeliza. Deus nos salvou gratuitamente em Jesus Cristo. Ele nos chama com uma santa vocação para servi-lo e amá-lo. A santidade nos faz andar cotidianamente na intimidade divina, como o fez Jesus. A pessoa santa é portadora da graça e irradiadora da boa notícia de Jesus, o Salvador, que venceu a morte e fez brilhar a vida. A missão de Timóteo e de toda pessoa seguidora de Jesus é anunciar, de modo permanente e corajoso, esse projeto salvador de Deus, concebido desde toda a eternidade e revelado plenamente em Jesus Cristo.

## 3. Evangelho (Mt 17,1-9): A transfiguração de Jesus

A narrativa da transfiguração de Jesus está permeada de elementos simbólicos teologicamente muito significativos. Vemos Jesus subindo à montanha com Pedro, Tiago e João. Todos participam de uma experiência mística inédita. Moisés e Elias também se fazem presentes e dialogam com Jesus.

Lembremos, especialmente, que a comunidade de Mateus é formada de judeus que vivem a fé cristã. Portanto, é importante que a tradição judaica seja respeitada e aprofundada agora em novo contexto. Assim, a montanha tem um significado especial de manifestação de Deus. Basta lembrar o dom da Lei de Deus a Moisés no monte Sinai. Assim também a expressão “seis dias depois”, bem como a presença da nuvem. Lemos em Ex 24,16: “Quando Moisés subiu ao monte, a nuvem cobriu o monte. A glória do Senhor pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias”. Como vemos, há íntima relação entre a transfiguração de Jesus e a experiência religiosa de Moisés. É um momento extraordinário de manifestação divina. Moisés e Elias representam a Lei e os Profetas, caminho que aponta para o Messias. Jesus é o cumprimento da promessa do Pai revelada na Sagrada Escritura.

Podemos considerar como centro dessa narrativa a declaração de Deus: “Este é meu Filho amado, nele está meu pleno agrado: escutai-o”. Essa voz que vem do céu declarando a filiação divina de Jesus também se fez ouvir no seu batismo (Mt 3,17). É, sem dúvida, a confissão de fé da comunidade cristã, representada nesse momento por Pedro, Tiago e João. De fato, os discípulos, no barco, reconhecem a Jesus caminhando sobre as águas e salvando a Pedro de sua fraqueza de fé: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (14,33). Na ocasião em que Jesus pergunta o que dizem dele, Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16,16). É no momento da morte de Jesus que o centurião e os guardas declaram: “De fato, esse era Filho de Deus” (27,54). O anúncio da verdade sobre Jesus não foi feito aos que detinham o poder

político ou religioso. Também não foi feito em algum centro ou instituição importante. E sim a um grupo de gente simples, num lugar social periférico.

O imperativo “escutai-o” enfatiza a perfeita relação entre a profissão de fé em Jesus como “Filho de Deus” e a atenção cuidadosa ao seu ensinamento. O elemento fundamental do ensino de Jesus é que ele terá de passar pelo sofrimento e pela morte, na perspectiva do “Servo sofredor” anunciado pelo profeta Isaías (cf. 42,1-9). Não é por acaso que Mateus insere o relato da transfiguração logo após o primeiro anúncio de sua paixão e morte e o convite ao discipulado: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (16,24). Portanto, os discípulos deverão compreender que o caminho para o seguimento de Jesus, Servo de Deus, implica “descer da montanha” e assumir as consequências, conforme o testemunho do Mestre. Porém, esse não é um caminho derrotista. A vida triunfa sobre a morte. A glória de Deus se manifestará plenamente na ressurreição. A transfiguração é um sinal antecipado da realidade da Páscoa.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Pôr-se à disposição de Deus.* As leituras deste domingo nos apontam a dinâmica do projeto libertador de Deus: deixar as seguranças que nos engessam para nos pormos a caminho da terra que Deus deseja para a humanidade. Como Abraão e sua família, nós também podemos assumir a fé e a total confiança em Deus, que sustenta e guia os nossos passos na verdade, na justiça e no amor. Essa é a melhor herança que podemos deixar às futuras gerações.

– *Assumir a missão de evangelizar.* Timóteo, “aquele que honra a Deus”, assumiu a missão de anunciar o evangelho de forma corajosa e perseverante mesmo nas situações difíceis; também nós podemos ser anunciadores da boa notícia de Jesus em nossas famílias, na comunidade e na sociedade. Isso acontece pela coerência entre fé e vida, pelo testemunho de doação alegre, também pela constância no testemunho de diálogo e de fraternidade.

## A PAULUS OFERECE FOLHETOS PASTORAIS QUE AJUDAM NA VIVÊNCIA DAS PRÁTICAS DE PIEDADE E LITURGIA.



**Via Sacra**  
Folheto

A Via Sacra é o trajeto seguido por Jesus carregando sua pesada cruz, desde o Pretório (Tribunal) de Pôncio Pilatos até o Monte Calvário, em Jerusalém. Tal exercício é muito comum no tempo litúrgico da Quaresma. Este ritual, enriquecido pelo presente folheto, estimula o fiel a percorrer, assim como Cristo, as estações que recriam os momentos desde a sua condenação à morte até o seu sepultamento (14ª estação) ou a sua ressurreição (15ª estação), fazendo paradas para meditar ou rezar.

**Celebrar a esperança  
para velório e encomendação**  
Folheto

Dividido em nove partes que compreendem desde o canto inicial até o de encerramento da celebração exequial, passando pela acolhida, oração e aclamação, este folheto traz palavras de conforto e esperança a quem enfrenta a dor da perda de um familiar ou amigo.

**Vendas: (11) 3789-4000**

**SAC: (11) 3789-4119**

Visite nossa loja virtual

**paulus.com.br**



Assim, estaremos respondendo à “santa vocação” a que fomos chamados pela bondade de Deus.

– *A vida é um permanente caminhar.* Jesus foi a grande manifestação de Deus para a humanidade. Pedro, Tiago e João foram agraciados com uma experiência maravilhosa, participando da transfiguração de Jesus. Também em nossa vida, Deus nos concede momentos de muita luz, consolo e força. Tendemos, porém, a buscar e a nos acomodar ao que nos garante bem-estar, prazeres, sensações agradáveis... Não podemos esquecer que seguir a Jesus implica “descer da montanha” do egoísmo e da acomodação. Seguir a Jesus é entregar-se pela causa da vida digna sem exclusão, alicerçada na justiça e na igualdade. Para isso, conforme nos convoca a Campanha da Fraternidade, faz-se necessário o cuidado com a terra, a casa comum que abriga a todos os seres.

### 3º DOMINGO DA QUARESMA (27 de março)

#### ADORAÇÃO EM ESPÍRITO E VERDADE

## I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus é a fonte de todos os bens. Acompanha com carinho os seus filhos e filhas na caminhada desta vida. Fornece-lhes alimento e força a fim de que seu projeto de vida digna para todos se realize no mundo. É preciso caminhar com a certeza de conquistar a terra prometida por Deus, onde a justiça e a paz se abraçam. O povo de Deus não pode cair na tentação de voltar atrás e acomodar-se dentro de sistemas que exploram e matam. Deus caminha com seu povo e o liberta das opressões. Os conflitos e as dificuldades fazem parte do processo de construção de um mundo novo (I leitura). Jesus é “Deus conosco”, a água viva que sacia a nossa sede de plenitude. Ele nos ensina o caminho de superação dos legalismos e nacionalismos que dificultam a aproximação e o diálogo entre pessoas e povos. Ele nos proporciona a possibilidade de reconhecer o rosto de Deus nas tradições e culturas diver-

sas e, assim, adorá-lo “em espírito e verdade” (Evangelho). São Paulo, na carta aos Romanos, demonstra que a fé em Deus torna a pessoa justa. Isso acontece por meio de Jesus Cristo, que entregou sua vida por amor a todos nós, pecadores (II leitura). Por ele, caminhamos na esperança que não decepciona, pois ele nos salvou gratuitamente.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ex 17,3-7): Deus caminha com seu povo

O povo de Israel caminha pelo deserto, em processo de libertação da escravidão do Egito. O tempo passa, as dificuldades aumentam. O entusiasmo dos primeiros momentos do êxodo dá lugar a reclamações. Aparece a tentação do desânimo e da volta ao regime anterior. De fato, a água é elemento essencial para a sobrevivência do povo. Como não reclamar numa situação dessas?

O povo põe-se na dependência da liderança. Jogam as dificuldades aos pés de Moisés e o condenam por tirá-los do Egito. Moisés poderia argumentar que ninguém os obrigou a sair de lá. Porém, não os condena e dirige-se a Deus para expor-lhe o problema que os aflige. Deus sempre ouve a oração quando acompanhada do empenho pelo bem comum. Junto com as demais lideranças (os anciãos), Moisés testemunha a ação gratuita de Deus em favor dos que murmuram. Estes estão em processo de aprendizagem. Ao chegarem à terra prometida, organizados em tribos, saberão organizar uma sociedade nova de forma participativa e administrá-la de forma corresponsável.

A vida itinerante caracteriza-se por inseguranças, perigos, cansaços... A formação do povo de Israel deu-se num processo de caminhada, de tensões entre grupos e de descoberta de princípios orientadores para uma convivência pacífica. A utopia da terra prometida conservou-lhe a resistência e o ânimo para caminhar. Isso seria impossível sem a fé na providência divina.

A rocha representa a impossibilidade radical do ser humano de encontrar, por si só, saídas para suas crises e problemas de toda

ordem. É a ilusão de achar que tudo se pode solucionar com os recursos inventados pela lógica humana. Porém, somente a fé em Deus possibilita as verdadeiras soluções que garantem vida para todos os povos. Somente a certeza de sua presença viva faz com que a história humana se torne história de libertação. Deus é fonte de vida. É generosamente providente: oferece gratuitamente todos os recursos necessários à vida de seus filhos e filhas.

## 2. Evangelho (Jo 4,5-42): Jesus, a água viva

Como sabemos, os samaritanos são considerados inimigos históricos dos judeus. São um povo de raça mista e possuem outra concepção religiosa. Para um judeu, ser chamado de “samaritano” era enorme ofensa. A origem dessa hostilidade remonta ao tempo da invasão assíria no Reino do Norte, em 722 a.C., quando a cidade de Samaria foi destruída e boa parte da população deportada. A região foi povoada por colonos assírios que se casaram com hebreus. Mais tarde, no período pós-exílico, o sistema religioso do templo de Jerusalém exclui os samaritanos.

Jesus passa pela região de Samaria, na cidade de Sicar (antiga Siquém), onde fora enterrado Josué, o sucessor de Moisés. Jesus está fatigado e senta-se à beira do poço que era do patriarca Jacó. Na tradição judaica, o poço representa a garantia da água oferecida por Deus ao povo, como a água jorrada da rocha durante o êxodo. O poço é figura do culto e da Lei judaica, cuja autoria era atribuída a Moisés. Da observância da Lei e do culto brotava a água viva da Sabedoria. A ideia dominante era de que o poço da água viva era o próprio templo de Jerusalém.

Jesus está em caminhada. Chega ao local do poço à “sexta hora”, o que corresponde ao meio-dia. É a mesma hora em que Jesus vai ser condenado à morte (19,14). É o final de sua caminhada. Com sua morte, Jesus se torna o Caminho para todos os que o seguem. Jesus, ao sentar-se no poço, está na verdade revelando que ele mesmo é o poço da água viva. Toma o lugar da Lei, do culto, do templo... João vai dizer que Jesus, ao morrer, vai ser traspassado

# APROFUNDE SEUS CONHECIMENTOS SOBRE A FÉ.



### Novo dicionário de Teologia

*Juan José Tamayo (org.)*

Crítico e científico, este dicionário oferece as linhas fundamentais da teologia cristã em perspectiva histórica e facilita o acesso às novas contribuições da reflexão teológica e das disciplinas com ela relacionadas, em diálogo com a filosofia e com a ciência.

### Missarum sollemnia

*J. A. Jungmann, S.J.*

Este livro constitui excelente explicação acerca das origens, da liturgia, da história e da teologia da Santa Missa, renovação sacramental do sacrifício da cruz.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

**paulus.com.br**





por uma lança e do seu lado sairão sangue e água (19,34).

A mulher representa o povo samaritano com sua tradição religiosa. Os seus “cinco maridos” são uma referência aos cinco deuses cultuados pelos antepassados (cf. 2Rs 17,29-32). Jesus oferece à mulher o verdadeiro culto, que é ele próprio. De fato, quem toma a iniciativa do diálogo é o próprio Jesus, que pede água. Corresponde à atitude do próprio Deus da aliança, que sempre busca o seu povo, apesar de suas infidelidades. A samaritana (o povo impuro e marginalizado), não os líderes religiosos de Jerusalém, reconhece Jesus como o Messias, fonte de onde jorra água para a vida eterna.

A grande novidade de Jesus é a proposta de total mudança de mentalidade com relação a Deus: ele o chama de Pai. E, como Pai de todos, não necessita de determinado lugar para ser cultuado: nem na Samaria, nem em Jerusalém. A mudança de mentalidade também significa entrar numa nova relação com o próximo, a qual derrubará as barreiras entre judeus e samaritanos. Ambos os povos poderão adorar a Deus já não com rituais fixados pela rigidez legalista, mas “em espírito e verdade”.

Sendo Deus a fonte de todo amor e de toda vida, Pai de todos os povos, deseja ser adorado de modo verdadeiro em todos os lugares. Ele busca pessoas que o adorem com lealdade. Jesus, o Filho, viveu o amor desta maneira: na fidelidade ao Pai, deixou-se conduzir pelo Espírito da Verdade. Do coração de todos os que seguem Jesus brotam rios de água viva, pois saberão amar como ele amou.

### 3. II leitura (Rm 5,1-2.5-8): A nova condição humana

Paulo, nos capítulos anteriores ao texto da liturgia deste domingo, procurou convencer os judeus de que a justificação se dá pela fé, sem a necessidade das obras da Lei. Percebe-se que, mesmo no interior da comunidade cristã, há pessoas de origem judaica, apegadas à tradição legalista, com dificuldades de aceitar a doutrina da graça divina.

A partir do capítulo 5, vemos Paulo debruçado sobre os traços que caracterizam uma

pessoa que, pela fé em Jesus Cristo salvador, passou a ser uma nova criatura. Ele parte da certeza de que fomos justificados pela fé, de forma definitiva. Aceitar essa verdade é entrar numa nova condição humana conferida pela graça de Deus. O primeiro efeito desta é a paz com Deus. Podemos viver agora permanentemente sob abundantes bênçãos divinas. É um estado de bem-estar e alegria. A graça nos confere inteireza pessoal e capacidade de relacionamento fraterno com o próximo.

A paz que provém da fé e é graça de Deus, concedida plenamente em Jesus Cristo, também nos liberta do medo da condenação. Aproxima-nos de Deus de tal modo, que podemos amá-lo e glorificá-lo em tudo o que somos e fazemos. Portanto, o estado de graça nos conserva na harmonia com nós mesmos, com os outros, com a natureza e com Deus. O ser humano, assim, está revestido de imortalidade já nesta vida mortal.

O pecado já não tem poder sobre a graça. A inimizade com Deus foi definitivamente derrubada pela reconciliação que Jesus, pela sua morte, trouxe à humanidade pecadora. Essa regeneração do gênero humano o torna capaz de viver na vontade divina, na certeza da realização plena. Vive-se, então, na esperança que não decepciona. Ela firma nossos passos e não nos deixa na confusão, nem na dispersão, nem na timidez, nem no desapontamento. Ela se alicerça na certeza do amor sem limites de Deus, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo e não por meritocracia. Tanto judeus como gentios recebem o dom da reconciliação e da paz. O amor de Deus derramado sobre todos os povos é força ativa, capaz de mudar o mundo.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Deus liberta o povo da escravidão do Egito.* Caminha com ele pelo deserto. Mesmo quando o povo se queixa e duvida da presença de Deus, este não o condena nem o abandona. Ouve a oração de Moisés e das outras lideranças e faz nascer água da rocha. Sacia a sede do povo para que este não desanime na caminhada para a terra prometida. Essa caminhada de 40 anos é lembrada pela Igreja,

de modo especial, neste tempo da Quaresma. É preciso caminhar com perseverança, confiando na presença de Deus. Ele ouve nossas preces, nos perdoa e nos acompanha na caminhada de nossa vida. É tempo de superar os queixumes e arregaçar as mangas para que a terra que Deus nos deu seja realmente a casa de todos, conforme nos interpela a Campanha da Fraternidade.

– *Jesus tomou a iniciativa de ir ao encontro dos samaritanos, que eram inimigos dos judeus. Estabelece um diálogo com a mulher, representante do povo da região da Samaria. Do diálogo nasce a mútua compreensão. Por meio do diálogo, Jesus se revela: ele é a fonte de água viva. Para manter a intimidade com Jesus, bebemos de sua palavra e nos alimentamos de seu corpo na eucaristia. Além de nos saciar, tornamo-nos fonte de água viva. Como fez a samaritana, tornamo-nos discípulos missionários, portadores da boa notícia da salvação de Deus para todos.*

– *Uma vez reconciliados com Deus, é impossível não irradiar seu amor. Assim fez São Paulo, a ponto de entregar-se totalmente como ministro da reconciliação. Muitos caminhos que o mundo moderno nos oferece dificultam a compreensão e a acolhida da graça divina e a paz entre pessoas e povos. Vivemos dispersos, divididos, confusos, inseguros, apegados aos bens materiais, à fama, ao que nos satisfaz momentaneamente... Somente a paz que vem do amor de Deus é capaz de construir a família humana e nos realizar verdadeiramente. Para isso, precisamos resgatar o valor do silêncio, da meditação da palavra de Deus, da oração pessoal, familiar e comunitária, da contemplação, do cuidado e da promoção dos direitos comuns.*

#### 4º DOMINGO DA QUARESMA (3 de abril)

#### A LUZ QUE VEM DE DEUS

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Os textos bíblicos deste domingo refletem sobre a luz divina que se manifesta na história

humana. Deus se revela ao mundo de modo original e surpreendente. É soberano em suas decisões e não se deixa levar pelas aparências. Nas pessoas pobres e frágeis, ele manifesta a grandeza de seu amor. Escolhe Davi, um humilde pastor, para governar o seu povo com justiça (I leitura). Deus envia seu Filho ao mundo como expressão máxima de sua bondade. Jesus solidariza-se com as pessoas necessitadas e oferece-lhes uma vida saudável e íntegra: cura a cegueira, liberta o ser humano de toda espécie de opressão e ilumina o caminho dos que se encontram desorientados (Evangelho). O texto da carta aos Efésios incentiva a comunidade cristã a viver como filhos da luz, renunciando às obras próprias das trevas e praticando cotidianamente a bondade, a justiça e a verdade (II leitura). Deus é luz. Portanto, quem vive em Deus se torna uma pessoa iluminada: é autêntica e livre, pois nada tem a esconder ou do que se envergonhar.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (1Sm 16,1b.6-7.10-13a): Deus não leva em conta as aparências

Na tradição bíblica, Davi é um dos personagens mais lembrados pelo povo. Ao redor de seu nome criou-se verdadeiro movimento. É a figura do governante “segundo o coração de Deus”, rei que segue a justiça e não despreza os pobres. A primeira leitura deste quarto domingo da Quaresma narra a eleição de Davi.

Samuel foi um dos últimos juizes de Israel. Viveu a fase conflituosa de transição entre o tribalismo e a monarquia. É um homem de Deus. Sofre muito quando o povo pede a mudança de regime (cf. 1Sm 8). Conforme o mandato divino, busca reconhecer, entre vários irmãos, qual seria o escolhido para governar o povo. Após analisar os sete filhos de Jessé, Samuel declara que nenhum deles havia sido chamado por Deus. O menor deles, ausente por estar cuidando do rebanho, é o eleito. A unção é o meio pelo qual se confere uma missão sagrada. É significativa a transmissão do cargo realizada por Samuel. Tendo a função de juiz de Israel, transmite a Davi o que ele próprio considera ser vontade divina. O governo deve ser realizado sob a autoridade de Deus.

A eleição de Davi é uma narrativa popular que transmite importante conteúdo teológico e sociológico. Deus não se deixa conduzir pelas aparências. Ele conhece o coração de cada pessoa e, por isso, chama os que se encontram em último lugar para realizar o seu plano na história. Como dirá Jesus: “Muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos, primeiros” (Mt 19,30). Sociologicamente, é um texto de denúncia ao poder monárquico e de valorização dos caminhos alternativos que emergem com a mobilização dos pequenos e marginalizados.

## 2. Evangelho (Jo 9,1-41): Jesus é a luz do mundo

O Evangelho de João aprofunda a identidade de Jesus narrando sete sinais. Um deles é a cura de um cego de nascença. Esse sinal reflete o debate existente nas comunidades joaninas entre os cristãos e o grupo de judeus apegados ao legalismo religioso. Conforme podemos perceber no texto, a cegueira era considerada um castigo divino, seja pelos pecados da pessoa, seja pelos de seus antepassados. Um dos agravantes muito sérios para o cego era o seu impedimento de ler a Sagrada Escritura e estudar a Lei, sendo, por isso, considerado um ignorante da vontade de Deus.

Segundo o mesmo Evangelho de João, Jesus veio “para que todos tenham vida e vida em abundância” (10,10). Sua prática não está atrelada à ideologia da pureza dos líderes religiosos judaicos. Ele conhece suas intenções e seus interesses: “São cegos guiando outros cegos” (Mt 15,14). Diante da pergunta sobre “quem pecou”, Jesus procura também “abrir os olhos” dos próprios discípulos, pois também eles estão contaminados com a ideologia dos doutores da Lei. Em vez de achar um culpado, Jesus põe a situação da cegueira em relação direta com o plano de Deus, que resgata a dignidade do ser humano. As “obras de Deus” são realizadas agora por Jesus, a Luz do mundo. Acontece em Jesus o que foi anunciado pelo profeta Isaías, quando este se referiu ao “Servo de Javé” como “luz das nações” (Is 49,6).

Jesus, em caminhada, vê o cego de nascença e toma a iniciativa de curá-lo. Ele o faz por meio da junção de dois elementos: a terra e a saliva. Formam o barro, que lembra a criação

do ser humano, conforme descreve o livro do Gênesis: “Deus modelou o homem do barro” (2,7). A ação de Jesus visa recriar a pessoa, oferecendo-lhe nova vida. Conforme o pensamento da época, a saliva transmite a energia vital da pessoa. Portanto, a energia divina de Jesus possibilita a cura.

A graça divina, porém, não exclui o empenho humano. A cura e a libertação que Deus oferece não se dão de modo mágico. O cego deverá seguir a palavra de Jesus e lavar-se na piscina de Siloé, que significa “Enviado”. É convidado a aceitar livremente a luz que Jesus lhe oferece. Seguir o caminho apontado por Jesus significa entrar no processo de conquista de liberdade e autonomia. De fato, o cego recuperará a visão e também a capacidade de pronunciar livremente as próprias palavras, já não oprimido pelo legalismo dos fariseus e também já não dependente de seus pais, representativos da tradição que buscava “segurar” sob sua guarda os filhos de Israel. A conquista da visão verdadeira passa por processos de conflitos e crises, pois mexe com as concepções dominantes. Uma pessoa livre, conduzida por profundas convicções, torna-se ameaça para o poder constituído, pois este procura impor “obrigações”, mantendo a consciência do povo alienada.

O cego de nascença, junto com a recuperação da vista, recebe de Jesus o dom da fé e torna-se seu discípulo. No relato de sua cura aparece, várias vezes, o verbo “nascer”. Demonstra íntima ligação com o episódio do encontro de Nicodemos com Jesus, que lhe indica o caminho do “novo nascimento”. Podemos, então, discernir em que consiste a recuperação da verdadeira visão: é renascer, pela fé, acolhendo a Jesus e deixando-se conduzir pela sua palavra: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). A tradição cristã vai interpretar o ato de lavar-se na piscina de Siloé como o símbolo da regeneração cristã pelo batismo.

## 3. II leitura (Ef 5,8-14): Viver como filhos da luz

São Paulo, em seus escritos, dedica-se de modo muito especial à tarefa de aprofundar a

vida nova que provém da fé em Jesus Cristo. O texto da carta aos Efésios é reflexo dessa teologia paulina. Demonstra a preocupação de manter a comunidade cristã no caminho do amor, “do mesmo modo como Cristo amou e se entregou por nós a Deus” (5,1).

Existem dois caminhos: o das trevas e o da luz. O caminho das trevas era bem conhecido pelos cristãos de Éfeso. Pelo que se constata ao ler o texto, muitos deles, antes de sua adesão a Jesus Cristo, experimentaram um modo de viver alicerçado no egoísmo, na avareza, na fornicação e em outras coisas vergonhosas que expressam uma vida nas “trevas”.

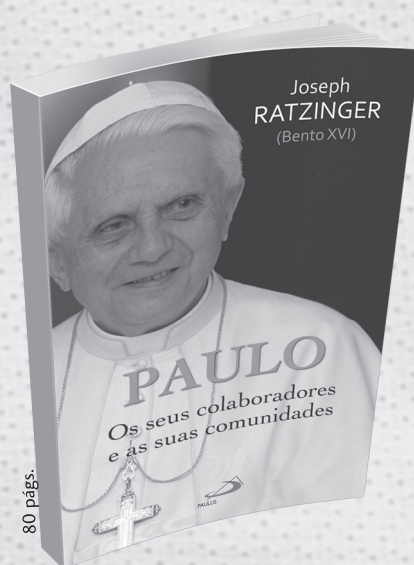
O caminho da luz se manifesta por uma vida em Cristo. Ele não só andou como filho da luz, mas revelou-se como a Luz verdadeira. Ele não somente assumiu atitudes de amor, mas é a essência do amor. A pessoa unida a ele também é filha da luz: sabe discernir “o que é agradável ao Senhor” e produz “frutos de bondade, justiça e verdade”. Quem se decide a seguir a Jesus não só rompe com as “obras infrutuosas das trevas”, como também exerce a função profética de denúncia dessas obras. O que é mau e feito às ocultas deve ser trazido à luz, a fim de que se torne manifesto ao público e seja corrigido para o bem de todos. Quem segue a Jesus jamais pode ser cúmplice da maldade, da corrupção, da mentira...

Jesus nos fez participantes da sua própria natureza divina. Portanto, tal como viveu Jesus – a Luz de Deus no mundo –, também nós temos a graça de viver de tal modo, que a luz divina brilhe no mundo por meio da inteireza do ser e da retidão do agir.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Viver na luz de Deus* é o tema central das leituras deste domingo. Pelo relato da eleição de Davi, conforme o primeiro livro de Samuel, Deus chama as pessoas não com base nas aparências. Ele não segue o padrão dominante da sociedade. A unção de Davi aponta para o nosso batismo. Fomos ungidos: revestidos de Cristo. Fomos eleitos por Deus, que concede a cada um de nós uma missão segundo os diferentes dons. Deus quis contar com Davi para que assumisse

Conheça importantes  
aspectos da vida  
de Paulo e de seus  
seguidores sob a ótica  
do papa Bento XVI.



#### Paulo

##### Os seus colaboradores e as suas comunidades

Joseph Ratzinger

Escrita pelo papa Bento XVI, esta obra analisa as características da fé e da conduta de Paulo e seus discípulos às urgências da sociedade atual e reflete sobre os princípios e valores instituídos por Jesus, legados então às primeiras comunidades cristãs.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



PAULUS



a missão de servir ao povo como um governante justo. É uma indicação muito importante para quem assume cargos de responsabilidade social. Deus conta conosco para levar adiante o seu plano de amor e justiça no mundo. Ele é a Luz que brilha nas trevas. A salvação que ele oferece ao planeta e à humanidade depende da resposta que damos ao seu chamado.

– *Jesus é a Luz do mundo.* Caminhou neste mundo fazendo o bem, curando as pessoas e dissipando as trevas. A cura do cego de nascença vai além do sentido físico. É libertação das influências das ideologias dominantes. Somos cegos quando entramos no jogo da ambição de poder e deixamos de servir humildemente o próximo; quando nos consideramos superiores aos outros e quebramos a fraternidade; quando acumulamos para nós mesmos o que Deus ofereceu para a vida de todos... Jesus curou o cego misturando a sua saliva com a terra. A terra que Deus nos deu é sagrada, manifesta a sua bondade, oferece recursos para uma vida saudável. Podemos ampliar esse sentido, estabelecendo relações com o tema da CF: “Fraternidade e a vida no planeta”.

– *Viver como filhos da luz.* Deus nos concede a liberdade de escolha: caminhar na luz ou nas trevas. São bem conhecidas as obras das trevas: corrupção, mentira, violência, hedonismo e tudo o que prejudica o ser humano e a natureza. É tempo de revisão de vida e de conversão: Deus nos oferece a oportunidade de sair das trevas para a luz. O discípulo missionário de Jesus escolhe o caminho da verdade, da justiça e da bondade; assume o risco de ser autêntico e se empenha na construção de outro mundo possível.

## 5º DOMINGO DA QUARESMA (10 de abril)

### O ESPÍRITO DE RESSURREIÇÃO E VIDA

#### I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus se revela por meio da palavra profética. Na primeira leitura, Ezequiel anuncia vida nova para os que se encontram sem esperança,

no túmulo do exílio da Babilônia. Deus ama prioritariamente o povo em situação de sofrimento. Está junto aos exilados e promete-lhes a volta à terra de Israel, devolvendo-lhes a liberdade. O dom do Espírito de Deus revigora o coração do povo e lhe suscita vida (I leitura). A revelação plena de Deus se dá na pessoa de seu Filho, Jesus. Ele é o caminho da vida por excelência. Pelo relato da ressurreição de Lázaro, a comunidade cristã afirma que Jesus é a ressurreição. Quem vive e crê nele jamais morrerá (Evangelho). Deus se revela também por meio do testemunho dos seguidores de Jesus, como o de Paulo. Escrevendo aos romanos, orienta-os para uma vida nova proveniente da fé em Jesus Cristo. É a vida no Espírito. Ele habita em cada pessoa e suscita vida aos corpos mortais (II leitura). Os três textos enfatizam a vitória da vida sobre a morte como dom de Deus. O seu Espírito nos faz novas criaturas: transforma, reanima, fortalece, ressuscita...

#### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

##### 1. I leitura (Ez 37,12-14): Porei o meu Espírito em vós

Na tradição judaico-cristã, profecia é tempo de graça: tempo que se faz pleno porque Deus se comunica e interpela seu povo, recordando a sua aliança e demonstrando o seu amor. Ezequiel profetizou junto aos exilados na Babilônia ao redor do ano 580 a.C. O povo encontra-se mergulhado em profunda crise. Está longe da terra que Deus lhes concedeu conforme a promessa feita a Abraão. Sente-se abandonado por Deus e sem esperanças de futuro. A situação realmente parece desesperadora. Nesse pequeno texto, aparece três vezes a palavra “túmulos”. Deus, porém, não se conforma com a morte de ninguém. Por isso, suscita o profeta Ezequiel para anunciar um novo tempo: vai infundir nos exilados o seu Espírito, que lhes dará força e coragem para se reerguerem das cinzas.

Em nome de Deus, Ezequiel anuncia um novo êxodo. No primeiro êxodo, Deus libertou o seu povo da escravidão do Egito e lhe deu a terra prometida. Deus também vai livrá-los do domínio da Babilônia e serão reintroduzi-

dos na terra de Israel. O jugo estrangeiro será quebrado, e o povo disperso (parecendo ossos secos espalhados num vale) poderá voltar a se reunir em sua própria terra, onde habitará com segurança. Isso acontecerá pela intervenção gratuita de Deus. Ele desperta para a vida os que se encontram em situação de morte. Faz sair os esqueletos dos seus túmulos. Reanima os “cadáveres ambulantes”. O seu Espírito penetra nos corpos sem vida. O povo disperso e abandonado toma consciência de que é amado por Deus e, por isso, descobre-se como capaz de mobilizar-se para a reconquista da terra de liberdade.

## 2. Evangelho (Jo 11,1-45): Jesus é a ressurreição e a vida

A narrativa da ressurreição de Lázaro corresponde ao último dos sete sinais de libertação realizados por Jesus no Evangelho de João. Os relatos dos sete sinais procuram levar os cristãos a refletir sobre o sentido profundo dos fatos da vida humana: a falta de vinho numa festa de casamento (2,1-12), a doença do filho de um funcionário real (4,46-54), o paralítico à beira da piscina de Betesda (5,1-18), a fome do povo (6,1-15), o barco dos discípulos ameaçado pelas águas do mar (6,16-21), o cego de nascença (9,1-41) e, finalmente, a morte de Lázaro. Todos eles visam apresentar Jesus como o Messias que veio para resgatar a vida plena para os seres humanos. Em cada sinal, percebe-se um propósito pedagógico: a representação de um caminho novo apontado por Jesus para derrubar todas as barreiras que impedem a pessoa de realizar-se plenamente.

Jesus é o “Bom Pastor” que dá a vida por suas ovelhas (cf. 10,11). Ele é o verdadeiro caminho para a vida com dignidade e liberdade, vencendo as causas de todos os males. Vence a própria morte: é a vida definitiva. Somente os que creem em Jesus, com convicção, compreendem e acolhem essa verdade. Portanto, a finalidade principal dos sinais é levar os discípulos à fé autêntica. Ao informar que Lázaro havia morrido e, por isso, iria ao seu encontro, Jesus diz aos discípulos: “É para que vocês creiam” (11,15). Também lemos no final do evangelho: “Jesus fez ainda muitos

outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham a vida em seu nome” (20,30-31).

As personagens que aparecem no relato – Marta, Maria e os judeus – refletem diferentes concepções a respeito de Jesus. Primeiramente, podemos observar o comportamento de Marta. Sabendo que Jesus chegara a Betânia, “saiu ao seu encontro” e a ele se dirigiu, chamando-o pelos títulos cristológicos de “Senhor” e “Filho de Deus”. Diante da promessa da ressurreição, declara-lhe convictamente sua fé: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”. E vai anunciar à sua irmã Maria, que, por sua vez, imediatamente segue ao encontro de Jesus, mas não consegue declarar a fé nele como fez Marta. Está ainda angustiada e paralisada diante da realidade da morte. Já os judeus apenas seguem Maria, sem ter consciência de ir ao encontro de Jesus e muito menos fazer-lhe alguma confissão de fé.

São três modos de comportar-se diante de Jesus. O comportamento de Marta é o retrato das pessoas de fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, Salvador da humanidade. Para os que acreditam nele, a ressurreição é uma realidade não apenas para o futuro, mas para o presente. Toda atitude em favor da vida é sinal de ressurreição e gesto de glorificação a Deus, criador e libertador.

Os autores do evangelho fazem questão de mostrar o rosto humano de Jesus. Ele participa da dor das pessoas que sofrem, comove-se e chora. Sua comoção, porém, pode ser traduzida como impaciência com a falta de fé tanto de Maria como dos judeus. E, para além das lamentações, Jesus reza ao Pai para que, diante desse sinal definitivo da ressurreição, “eles acreditem” nele como enviado de Deus.

Lázaro (cujo nome significa “Deus ajuda”) está enterrado há quatro dias. O “quarto dia” refere-se ao tempo depois da morte de Jesus; é o tempo das comunidades que creem em Jesus morto e ressuscitado. Portanto, é o tempo da graça por excelência, que deve ser vivido de forma totalmente nova. Lázaro e as comuni-

dades cristãs são chamados a sair dos túmulos do medo, da acomodação, do egoísmo e da tristeza; são chamados a “desatar-se” das amarras dos sistemas que oprimem e matam. As pessoas de fé autêntica, seguidoras de Jesus, são verdadeiramente livres. O “quarto dia” é o tempo da ressurreição, dom de Deus.

### 3. II leitura (Rm 8,8-11): Vida nova no Espírito Santo

Viver no Espírito de Cristo é o que propõe são Paulo aos romanos. Somente no capítulo 8, aparece mais de 20 vezes a palavra “espírito”. A vida no Espírito Santo contrapõe-se à vida segundo a carne, ou seja, aos instintos egoístas. Toda pessoa carrega dentro de si essas duas tendências, que lutam entre si permanentemente. Aquelas que foram regeneradas em Jesus Cristo estão mergulhadas em seu Espírito. Por isso, possuem a luz e a força do próprio Jesus, que realizou a vontade de Deus e redimiu a humanidade. Ele nos justificou pela graça e nos tornou novas criaturas, participantes de sua natureza divina.

Estar com o Espírito de Cristo, porém, não significa anulação da tendência para o pecado. A tensão à santidade deve ser permanente. É uma questão de opção fundamental pelo mesmo modo de pensar e de agir de Jesus. Ele mesmo advertiu que “ninguém pode servir a dois senhores”. Paulo lembra que os cristãos não podem viver segundo a carne e segundo o Espírito ao mesmo tempo. Não se pode viver na liberdade e na escravidão ao mesmo tempo.

Na carta aos Gálatas, Paulo escreve: “Foi para sermos livres que Cristo nos libertou” (5,1). Ele nos libertou da escravidão do pecado por pura graça. Portanto, somente na graça de Jesus Cristo vivemos a autêntica liberdade. Somente no Espírito de Jesus nos libertamos da escravidão das obras dos instintos egoístas. E, para não haver dúvidas sobre os dois caminhos que se opõem entre si, Paulo fala a respeito das obras que caracterizam cada um deles. “As obras da carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias

e coisas semelhantes a estas... Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,19-23).

Uma vez que aderimos, pela fé, a Jesus Cristo, a ele pertencemos e seu Espírito habita em nós. Esse Espírito é o agente das obras que agradam a Deus. Podemos, então, contar com a plenitude de sua graça. Assim, morremos para as obras do egoísmo e permanecemos na vida. Pois o mesmo “Espírito daquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dá a vida aos nossos corpos mortais”. Temos a graça de viver desde agora a vida eterna, pois em Cristo fomos divinizados.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *O Espírito de Deus move a história.* Como foi revelado ao profeta Ezequiel, não há situação que não interesse a Deus. Ele intervém na história humana para transformá-la em história da salvação. Concede seu Espírito para libertar o ser humano de toda espécie de escravidão e conduzi-lo à liberdade. O Espírito de Deus nos faz sair dos “túmulos” da desesperança, do medo, da acomodação... Deus não se conforma com o abandono e a morte de ninguém. Ele é o Deus da vida em plenitude. As crises e dificuldades de nosso tempo são desafios que podem ser enfrentados como fez o povo exilado na Babilônia: na confiança em Deus e na esperança ativa.

– *Jesus é a fonte da verdadeira vida.* Como “Bom Pastor”, ele se interessa pelas necessidades de todos nós. Oferece sua amizade e sua companhia permanente. Conta conosco para continuar sua obra. Os sinais que ele realizou são indicativos para a missão das comunidades cristãs. A ressurreição de Lázaro aponta para o novo modo de ser Igreja, organizada de forma participativa e corresponsável. Uma Igreja composta de pessoas redimidas pela graça, ressuscitadas em Cristo. Cada um de nós é chamado a declarar sua fé de modo prático, na certeza de que o bem pode vencer o mal e de que a morte não tem a última palavra. Nesse sentido, é importante que prestemos atenção nos apelos da Campanha da Fraternidade deste ano.

– O *Espírito de Cristo mora em nós*. Cabe a cada pessoa viver de tal modo, que esteja permanentemente na comunhão com Jesus Cristo. Se nos deixarmos conduzir pelo Espírito de Jesus que habita em nós, realizamos as obras que agradam a Deus. Morremos para o egoísmo e ressuscitamos no amor. Nosso corpo mortal recebe a graça da imortalidade. Se, porventura, quebramos essa unidade, Deus nos concede a graça da reconciliação. Eis a Quaresma, tempo de conversão, tempo de salvação.

DOMINGO DE RAMOS (17 de abril)

A MISSÃO DO SERVO SOFREDOR

## I. INTRODUÇÃO GERAL

O domingo de Ramos marca o início da Semana Santa. O conteúdo das leituras bíblicas deste domingo diz respeito à missão do Servo sofredor. Contra todo triunfalismo, Deus age na história, revelando seu plano de amor por meio das vítimas do poder. O movimento profético do Segundo Isaías, em pleno exílio da Babilônia, caracteriza os exilados como o “Servo sofredor”, amado por Deus. Especialmente nos quatro cânticos do Servo, o povo sofredor é retratado como “veículo” da bondade salvadora de Deus. No terceiro cântico, texto deste domingo, o povo quebrantado já não opõe resistência à voz de Deus; torna-se seu discípulo, assume o caminho da não violência e confia no socorro do Senhor (I leitura). A comunidade cristã contempla a Jesus como o Servo sofredor, que, assumindo a perseguição, a condenação, a paixão e a morte que lhe impõem os seus inimigos, revela a plenitude de seu amor pela humanidade em total confiança no socorro de Deus Pai (Evangelho). Jesus “se despojou de sua condição divina, tomando a forma de escravo... Abaixou-se e foi obediente até a morte sobre uma cruz” (II leitura). A celebração do domingo de Ramos constitui momento propício para manifestar gratidão a Deus pelo seu amor sem limites e para refletir sobre nossa responsabilidade no mundo de hoje de nos empenhar, a exemplo de

Defensor incansável do evangelho, Paulo foi escolhido por Cristo para difundir a Palavra de Deus.



### O misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo Um novo olhar nas Cartas aos Coríntios na perspectiva da experiência religiosa

*Jonas Machado*

O autor apresenta, de maneira clara e bem organizada nas três partes que compõem esta obra, um resumo histórico da teologia de Paulo, o estágio em que se encontram os estudos paulinos atualmente, estuda o contexto religioso do apóstolo das gentes e faz uma análise pontual das cartas escritas aos Coríntios.

### Cristo e Império De Paulo aos tempos pós-coloniais

*Joerg Rieger*

Neste livro, o autor examina como as imagens que temos de Cristo foram moldadas em pontos decisivamente significativos, pesquisa que possibilita abrir novos olhares no estudo da teologia e particularmente no estudo da figura de Jesus Cristo.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





Jesus, pela causa da vida de todos, conforme refletimos ao longo desta Quaresma.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Is 50,4-7): O Servo sofredor, discípulo de Deus

O movimento profético do Segundo Isaías surtiu efeito junto ao povo oprimido no exílio da Babilônia. Sua atuação se deu nos últimos anos do exílio, ao redor de 550 a.C. Após um período de prostração e desesperança, o povo vai recuperando o ânimo, especialmente com a perspectiva da volta para a terra prometida. Os quatro cânticos do Servo sofredor refletem o rosto dos exilados em seu processo de construção da esperança. Nessa caminhada, Deus manifesta sua presença amiga e consoladora.

O texto de hoje corresponde aos primeiros versículos do terceiro canto do Servo sofredor. São palavras portadoras de muita fé e confiança em Deus. O Servo revela sua disposição de ouvir os apelos divinos e demonstra ter consciência da missão especial que Deus lhe dá. É a imagem do povo que não se sente abandonado, mas protegido e conduzido pelo Senhor. Essa certeza o leva a manter a cabeça erguida, resistir e perseverar mesmo no meio da incompreensão, das injúrias e das agressões dos inimigos. Tem a profunda convicção do socorro que vem de Deus. Por isso, tem a postura própria das pessoas pacíficas, a ponto de oferecer as costas aos que batem e o rosto aos que arrancam a barba.

O povo sofredor, Servo de Deus, está firme e confiante; manifesta total autonomia perante os poderosos que o oprimem. Essa situação foi conquistada mediante a intervenção divina. Foi Deus quem abriu os ouvidos do seu Servo amado a fim de que pudesse ouvi-lo numa atitude de discípulo; foi Deus também quem lhe “deu a língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto”. As pessoas servas de Deus, tanto ontem como hoje, demonstram firmeza e determinação em profunda solidariedade com os abatidos e cansados. Elas assumem, na liberdade e na confiança, a missão de espalhar no meio do

povo o fermento novo da justiça. Sua fidelidade à missão alicerça-se na escuta atenta e renovada da palavra de Deus “de manhã em manhã”.

### 2. Evangelho (Mt 26,14-27,66): Jesus, o Servo de Deus

Esse longo texto nos introduz no clima espiritual da Semana Santa, quando acompanhamos o processo de condenação e morte de Jesus. Ele é o Servo sofredor por excelência, que, mesmo abandonado pelo seu grupo íntimo, incompreendido e ultrajado, permanece fiel à sua missão.

O processo envolve a traição de Judas, um dos doze. Ele negocia a entrega de Jesus por 30 moedas, o valor de um escravo naquela época. Apesar de Jesus conhecer a decisão que Judas tomou, e sabendo também da tríplice negação de Pedro, não os exclui da ceia em que institui a eucaristia, sinal de sua presença viva nas comunidades e de sua plena doação pela vida do mundo. Judas vai arrepender-se de seu ato, mas não consegue superar o remorso. Prefere dar fim à vida. Diferente vai ser a atitude de Pedro, que, reconhecendo sua covardia, se arrepende e “chora amargamente”.

O relato ressalta a humanidade de Jesus em profundo sofrimento, no lugar do Getsêmani. Na sua total solidão, derrama sua alma diante do Pai, em quem pode confiar plenamente. Manifesta-lhe toda sua fraqueza, pede-lhe socorro e dobra-se à vontade divina, mantendo-se firme na decisão de concluir sua tarefa com todas as consequências. Os discípulos, que deveriam vigiar com Jesus e apoiá-lo nessa hora de extrema dor, preferem abandonar-se ao sono.

Jesus passou a vida fazendo o bem, fiel à missão que recebera do Pai. Sua fidelidade confronta-se com os grupos de poder, concentrados na capital, Jerusalém. O grupo da elite religiosa pertencente ao Sinédrio mantinha seu poder à custa da exploração do povo empobrecido, legitimando suas posturas com interpretações interesseiras da Sagrada Escritura. Apesar de anunciarem a vinda do Messias, conforme as Escrituras, não podiam

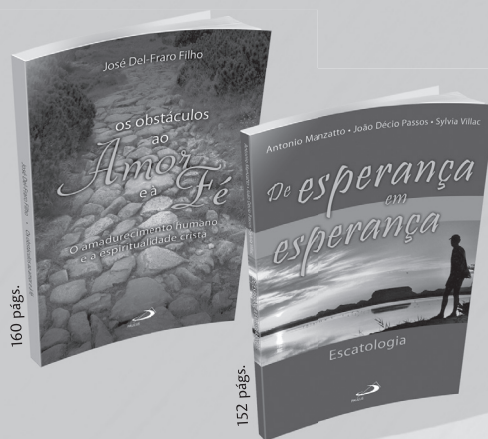
conceber que essa promessa se cumpriria na figura de alguém despojado de poder e solidário com os fracos e pequeninos. Não só isso: Jesus não adotou a mesma maneira dos rabinos de interpretar a palavra de Deus e toda a tradição de Israel. Seu lugar social era outro. E, por isso, era outro o modo de conceber as coisas. Enquanto a teologia oficial, com base no sistema de pureza, excluía da salvação as pessoas “impuras”, Jesus revela aos “impuros” o seu amor prioritário e oferece-lhes a salvação divina.

O Sinédrio, a instância religiosa judaica central para julgamento das pessoas suspeitas de crimes e de violações da Lei, procura achar um motivo convincente para condenar Jesus. Após muitos falsos depoimentos, apresentaram-se duas testemunhas (número mínimo necessário para a condenação de uma pessoa suspeita) que, também falsamente, depõem contra Jesus, dizendo que ele pregava a destruição do Templo. Foi motivo suficiente: Jesus mexera com o que havia de mais sagrado. Era por meio do Templo que o Sinédrio alimentava o seu poder.

As autoridades judaicas, porém, não tinham o poder de condenar uma pessoa à morte. Por isso, Jesus é levado à instância política ligada ao império romano. Pilatos é o seu representante. Nada percebe em Jesus que possa condená-lo. Até sua mulher lhe manda dizer que, em sonho (considerado o meio pelo qual Deus se manifesta), lhe fora revelado que Jesus era uma pessoa justa. Enfim, o inocente Jesus, por pressão da elite judaica, vai ser condenado. Pilatos lava as mãos e, no lugar de Jesus, solta Barrabás, acusado de assassinato.

A partir daí, Jesus vai sofrer toda espécie de humilhação. É a figura de um escravo sem defesa, entregue às mãos dos zombadores. É desnudado, vestido com um manto vermelho, coroado de espinhos, com um caniço em sua mão direita, e cuspidos no rosto; enquanto lhe batem na cabeça, é saudado como “rei dos judeus”, uma das acusações que o levarão à condenação. Simão Cireneu é requisitado para ajudar Jesus a carregar a cruz, pois ele se encontra muito enfraquecido. Quando crucificado, lançam-lhe injúrias, pedindo-lhe que salve a si próprio, já que anunciou a

# Cultive o amor, a fé e a esperança.



## Os obstáculos ao amor e à fé O amadurecimento humano e a espiritualidade cristã

*José Del-Fraro Filho*

Este livro aborda temas como relacionamento conjugal, relação entre pais e filhos, depressões, entre outros, além de mostrar o papel da psiquiatria em sua vertente clínica e social. Para ilustrar alguns conceitos expostos nestas páginas, Del-Fraro utiliza alguns poemas e letras de música.

## De esperança em esperança Escatologia

*Antonio Manzatto; João Décio Passos; Sylvia Villac*

A obra procura fazer com que o leitor reflita acerca do poder da esperança. O primeiro capítulo tem caráter mais introdutório, ao passo que, no decorrer das páginas, os autores se aprofundam na problemática e apresentam os fundamentos bíblicos da esperança, desde o Antigo Testamento até a morte e a ressurreição de Jesus.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



PAULUS

destruição do Templo, outra acusação no seu julgamento.

Eis o Servo na cruz, considerado “maldito de Deus”, conforme declara o texto do Deuterônimo (21,23). Porém, em seu sofrimento e em sua morte, paradoxalmente, manifesta-se a total solidariedade com os sofredores e realiza-se a redenção da humanidade. O véu do Templo se rasga de cima a baixo: o Santo dos Santos fica exposto. A morte de Jesus “liberta” a Deus, aprisionado pelo sistema religioso excludente. A morte de Jesus ressuscita os mortos. Sua morte resgata a vida de todos. Nessa mesma hora, é reconhecido pelo centurião e pelos guardas como “Filho de Deus”.

### 3. II leitura (Fl 2,6-11): Jesus se fez Servo

Esse hino cristológico, que Paulo insere em sua carta aos Filipenses, é uma das primeiras formulações de fé das comunidades cristãs. Constitui um caminho essencial da espiritualidade cristã. O caminho, na verdade, é o próprio Jesus, que desceu livremente até o ponto mais baixo, tornando-se o último. O rebaixamento (*quênose*) se dá em quatro degraus: de sua divindade assume a condição humana, torna-se escravo, sofre a morte e morte de cruz. Esvazia-se totalmente de qualquer dignidade; reduz-se a nada.

Esse processo de aniquilamento, que Jesus livremente aceitou, denuncia toda espécie de poder. Renunciou não somente à sua condição divina, mas também aos próprios direitos naturais de uma pessoa comum. Como escravo, perdeu todas as possibilidades de defender-se das acusações injustas e, por isso, foi condenado e morto como “maldito”. Desse ponto mais baixo possível, é elevado pelo Pai ao ponto mais alto. Por causa de sua obediência e humilhação até as últimas consequências, foi exaltado por Deus, recebendo “o nome que está acima de todo nome”.

O rebaixamento de Jesus revela sua solidariedade radical com os últimos da sociedade, com aquelas pessoas sem valor, desprezadas, excluídas e descartadas. Conduziu sua vida não para a realização de seus interesses próprios. Não veio em busca de honra e glória; veio, sim, como servidor voluntário das

pessoas necessitadas. Esse Jesus que se fez escravo nos convida ao seu seguimento. É o nosso Mestre. Ele é Deus e Senhor de todas as coisas. A ele dobramos nossos joelhos e prestamos homenagem, juntamente com toda a criação.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Deus chama o povo que sofre.* Ele demonstra sua presença amiga e lhe dá força e consolo. Garante-lhe a volta à terra da paz e da liberdade. É o que meditamos na primeira leitura. Deus conta com as pessoas que se sentem fracas e injustiçadas. Enche-as de confiança e firmeza. São suas servas na construção de um mundo novo. Para isso, dá-lhes ouvido e coração de discípulos. Alimenta-as diariamente com sua palavra. Como servos de Deus, mesmo no meio de dificuldades e sofrimentos, somos chamados a erguer a cabeça e encorajar os que estão abatidos e sem esperança. Deus nos sustenta com a Palavra e com a eucaristia na caminhada para uma nova terra.

– *Jesus é o Servo de Deus* que se entrega para a vida do mundo. O domingo de Ramos é o início da caminhada de Jesus em sua entrega total pela causa da vida plena de toda a humanidade. Entra em Jerusalém, aclamado pelo povo. É perseguido, aprisionado e condenado pelos que não aceitam a sua proposta de amor. Permanece firme como Servo de Deus e do povo. Sua fidelidade nos trouxe a salvação. Nesta Semana Santa, ao acompanharmos Jesus em seu caminho de sofrimento e morte, somos convidados a rever como estamos sendo fiéis à sua proposta. Ele nos preveniu: “Quem quiser ser meu discípulo, tome a sua cruz e me siga”.

– *Jesus se fez o último para elevar a todos.* Com liberdade, escolheu a condição de Servo, denunciando toda forma de dominação. No mundo em que vivemos, alguns procuram concentrar o poder e os bens, rompendo com os princípios da igualdade, da justiça e da fraternidade. Nós, como discípulos missionários do Senhor, recebemos a missão de denunciar todas as situações que prejudicam a vida e escolhemos o serviço mútuo como caminho de transformação do mundo.

## I. INTRODUÇÃO GERAL

O povo de Israel faz memória dos atos libertadores de Deus ao longo de sua história. A Páscoa israelita é celebração da memória do grande acontecimento do êxodo. Deus suscita o movimento dos escravizados e os põe em caminhada rumo a uma terra sem males. A graça divina está ligada com a disposição humana. Cada família, unida à comunidade, celebra a libertação num espírito de caminhada e compromisso (I leitura). As comunidades cristãs reúnem-se frequentemente para celebrar a memória de Jesus morto e ressuscitado por meio da ceia sagrada. Esta deve refletir o relacionamento comunitário baseado na solidariedade, na justiça e na fraternidade. A eucaristia é a grande graça que proporciona comunhão com o Senhor e com o próximo (II leitura). Jesus, o Mestre e o Senhor, deixou o exemplo de serviço humilde como caminho de uma sociedade fraterna. Os discípulos devem praticar o que Jesus ensinou, lavando os pés uns dos outros (Evangelho). Nós, como seus seguidores, não podemos quebrar a corrente do amor que nos une uns aos outros. Como fez Jesus, somos convidados a entregar humildemente a nossa vida, promovendo as condições de vida digna para todos.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ex 12,1-8.11-14): Celebrar a Páscoa no espírito de caminhada

O relato da celebração da Páscoa israelita está inserido no contexto do movimento de libertação da escravidão no Egito. É a atualização de um ritual antigo, realizado entre os pastores, para reconciliar-se com a divindade, afastar os maus espíritos e, assim, assegurar o bem-estar das famílias com seus rebanhos. A experiência da libertação dos escravos no Egito torna-se a marca registrada de sua própria identidade. O povo de Israel nasceu

com o êxodo. Diversos grupos de diferentes origens unem-se ao redor de um projeto de liberdade e autonomia. Pouco a pouco, vai se firmando a consciência de pertença ao “povo de Deus”. De fato, somente sob a intervenção divina foi possível a caminhada de libertação. Essa certeza atravessa as gerações, conforme constatamos nos diversos escritos do Primeiro Testamento.

A celebração da Páscoa foi sendo adotada por Israel como memória exemplar do acontecimento fundante do êxodo. Ela atualiza a presença de Deus na história do povo. É uma presença atenta e atuante na defesa da vida das pessoas oprimidas. Celebrar a memória do êxodo, portanto, significa reavivar a consciência de ser um povo abençoado. Significa reanimar o povo para a fidelidade à aliança com Deus, que é companheiro na caminhada. É comprometer-se, no presente, com o processo de libertação. A Páscoa, portanto, é memória subversiva.

Unindo elementos antigos e novos, a narrativa da Páscoa enfatiza a necessidade da celebração por ordem divina, num dia preciso, no “primeiro mês do ano”. Corresponde ao início da primavera, tempo em que desabrocha a vida nova. O cordeiro é essencial nessa celebração: é a oferta de cada família e de toda a comunidade, em reconhecimento à bondade divina. Para isso, é escolhido e preparado um cordeiro, sem defeito, para imolá-lo. A integridade física do animal é o que de melhor o povo pode ofertar a Deus como sinal de gratidão por tudo o que ele oferece.

O sangue para marcar a porta da casa tem o sentido de garantia de vida para as pessoas que nela habitam. É um povo eleito sob a proteção de Deus. Não será atingido pela última praga, ou seja, a morte dos primogênitos (a narrativa da Páscoa está situada entre a penúltima e a última praga). Assim, o povo terá um futuro garantido sob as bênçãos divinas.

A refeição é feita num clima de urgência – rins cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão –, atualizando assim a movimentação do povo escravizado em vista de sua libertação. Com ervas amargas, para lembrar a vida difícil do povo enquanto escravo no



Egito; com pães ázimos, pois a pressa não permite que o fermento possa levedar a massa. O pão puro é símbolo de fidelidade ao projeto de libertação, que inclui a caminhada pelo deserto, animados pelo sonho da terra prometida. Como se vê, o ritual da Páscoa é memória ligada ao compromisso de caminhar na conquista de um mundo de liberdade, paz e dignidade.

## 2. II leitura (1Cor 11,23-26): A instituição da eucaristia

O texto da liturgia de hoje corresponde ao relato mais antigo da última ceia de Jesus. São Paulo revela ser a transmissão do que ele mesmo recebeu do Senhor: trata-se da tradição dos apóstolos, que, por serem eles testemunhas oculares de Jesus histórico, é respeitada com veneração.

A ceia, celebrada pelas comunidades cristãs primitivas, não seguia fórmulas fixas e uniformes. De modo comum, era realizada em forma de refeição, ocasião em que se fazia – comemorando a sua entrega – a memória de Jesus, cujo corpo é representado pelo pão e pelo vinho. É celebração da nova aliança, inaugurada por Jesus e da qual os cristãos se tornam participantes.

No texto da liturgia de hoje, percebemos os elementos essenciais da eucaristia. Jesus a instituiu como memória de sua morte. É sacrifício (= ação sagrada), dom total de Jesus, em consciência e liberdade, pela vida do mundo. É sustento para os que dela participam, comprometidos na vivência do amor, até que Jesus venha.

É bom não esquecer o contexto imediato em que o texto está inserido (11,17-24). Paulo pronuncia-se em forma de reprimenda. A Igreja de Corinto reunia-se no propósito de participar da ceia sem o principal requisito para a celebração: a solidariedade com os pobres. A divisão existente na comunidade revelava uma conduta egoísta e discriminatória. A participação do mesmo pão e do mesmo cálice é comunhão com o Corpo do Senhor, a qual não pode estar dissociada da comunhão com os irmãos, ainda mais com o agravante de serem pessoas necessitadas.

## 3. Evangelho (Jo 13,1-15): Jesus, modelo de servidor

O Evangelho de João não relata a última ceia de Jesus, como fazem Paulo e os evangelhos sinóticos. Supõe que as comunidades já a conheçam. O que ele faz é introduzir um gesto original de Jesus após a ceia: o lava-pés. Atenta para o fato de Jesus estar ciente da chegada da “hora”, o momento decisivo de sua missão. É o seu êxodo definitivo. Pela cruz, deverá deixar este mundo e ir para o Pai. Os discípulos, porém, continuarão nele. Jesus os ama até o fim e contará com eles para que sua obra tenha prosseguimento.

O gesto do lava-pés é, por excelência, o modelo de comportamento que os seguidores de Jesus deverão seguir. O Mestre e Senhor se faz servo dos seus discípulos, também daquele que já consentira em traí-lo. O seu amor é incondicional, como revelara em toda a sua missão. Por isso, rompera com todas as instituições que discriminam e matam. Chegou sua “hora”, e ele a acolhe com plena consciência e responsabilidade. Entrega sua vida não arrastado pelas circunstâncias, mas na liberdade, demonstrando o seu amor até o extremo, coerente com sua opção de fidelidade ao plano de salvação de Deus.

O lava-pés simboliza o amor como doação plena. Dá-se em forma de serviço. Cai por terra todo espírito de poder. Caem por terra a vingança e toda espécie de violência. Jesus inverte os valores dominantes na sociedade. Constitui uma nova comunidade humana, cuja nota característica é o serviço mútuo. Pedro, o líder do grupo, num primeiro momento não consegue entender. É representante dos que ainda procuram um Messias triunfalista, distante das realidades conflituosas deste mundo. O seguimento de Jesus, porém, dá-se pelo caminho da “cozinha” e do “avental”. Tudo o que simboliza o lava-pés, cuja síntese é o amor-serviço, leva à participação da mesma vida de Jesus. Pedro entenderá o verdadeiro significado após a morte do Mestre. Por causa de sua opção pelo seguimento de Jesus, será também perseguido e partilhará do mesmo destino dele.

A comunidade cristã não pode caminhar na desigualdade. Não é uma comunidade de

chefes e súditos e sim de servidores. A pergunta de Jesus após o lava-pés transforma-se em permanente desafio para todos nós: “Vocês compreenderam o que acabei de fazer? (...) Vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz”.

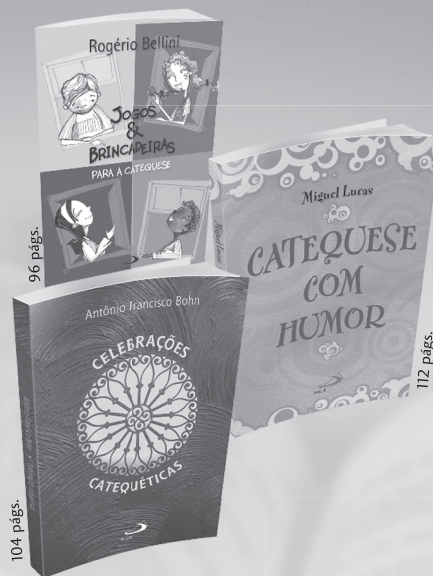
### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Celebrar a Páscoa é pôr-se em caminhada.* O povo de Israel reconhece a presença libertadora de Deus à medida que se organiza para libertar-se da opressão. Cada família é chamada a entrar no grande mutirão pela liberdade e pela vida. Cada pessoa é chamada a participar do êxodo, caminho para uma terra de paz e justiça. A “fraternidade e a vida no planeta” dependem do empenho de cada um de nós. O povo de Deus tinha pressa para libertar-se. Hoje também é urgente a necessidade de nos unirmos, tendo em vista uma terra fértil e acolhedora também para as gerações que virão. O Tríduo Pascal é tempo propício de reconhecer a presença salvadora de Deus em nosso meio e de renovar, por meio de gestos concretos, a nossa fidelidade ao seu plano de vida digna a todos os povos, habitantes desta casa comum chamada Terra.

– *Celebramos hoje a instituição da eucaristia.* É o próprio Jesus que se doa inteiramente para a vida do mundo. Participar da eucaristia é acolher, com gratidão, a grande graça de Jesus, que nos alimenta com seu próprio corpo e sangue. É comprometer-se a viver na comunhão com Deus e com o próximo. É responsabilizar-se pela administração justa dos bens. Participarmos juntos da mesma mesa sagrada é nos reconhecermos como irmãos. São Paulo lembra aos cristãos de Corinto e a nós hoje que a eucaristia e a solidariedade estão vinculadas. O amor efetivo às pessoas que sofrem é o requisito fundamental para que a eucaristia se torne sacramento de salvação.

– *Jesus é o modelo do verdadeiro amor.* Ele, antes de sua morte, institui a nova comunidade humana, representada pelos discípulos. Pelo gesto do lava-pés, revela-lhe o caminho que garante as relações de igualdade e justiça: o

Se apresentadas de forma  
lúdica e descontraída, as  
verdades de fé podem cativar  
mais os catequizandos.



#### Jogos e brincadeiras para a catequese

*Rogério Bellini*

A ação de brincar, além de ser fonte de prazer, é também de conhecimento. Foi pensando nisso que o autor resolveu inventar e reinventar brincadeiras para serem aplicadas nos encontros de catequese.

#### Catequese com humor

*Miguel Lucas*

Para que o educando seja cativado, é preciso que o ensino seja ministrado com muito amor e alegria. Ciente disso, o autor emprega neste livro uma pedagogia que instrui e satisfaz, além de apresentar diversos temas do Catecismo da Igreja Católica.

#### Celebrações catequéticas

*Antônio Francisco Bohn*

Cada capítulo deste livro é introduzido por um modelo de celebração catequética, com uma motivação específica, para, em seguida, ser apresentado o símbolo sobre o qual o catequista irá falar. Os catequizandos interagem fazendo leituras e respondendo ao chamado de Deus.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



serviço mútuo. O Filho de Deus se faz servidor. Somos chamados a viver como seus discípulos missionários. Jesus nos chama deste modo: “Vocês dizem que eu sou o Mestre e o Senhor. E vocês têm razão... Vocês devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz”. Como isso se concretiza no cotidiano da vida de cada um de nós?

SEXTA-FEIRA SANTA (22 de abril)

JESUS: O SERVO DE DEUS, SALVADOR  
DA HUMANIDADE

## I. INTRODUÇÃO GERAL

O relato da paixão e morte de Jesus é um dos mais antigos escritos do Segundo Testamento. Corresponde ao núcleo central do querigma cristão. Jesus é Messias, anunciado nas Sagradas Escrituras, Filho de Deus que se fez carne, realizou sinais e prodígios, foi condenado e morto. Sua missão consistiu em realizar a vontade de Deus, amando a humanidade até o extremo. Seus posicionamentos não agradaram às instituições de poder. Foi perseguido, preso, julgado e condenado à morte. Injustamente, mataram o Justo (Evangelho). Jesus é a figura do Servo sofredor, conforme descreve o Segundo Isaías. Um inocente sofre a paixão, carregando sobre si as nossas dores e nossos crimes. É desprezado por todos. Nele, não há formosura e sinal nenhum de poder. Seu corpo foi sepultado entre os ímpios. O Servo amado de Deus, pelo caminho do sofrimento e da morte injustamente infligidos, resgatou a verdadeira justiça. A entrega de sua vida foi em reparação pelos pecados da humanidade (I leitura). As primeiras comunidades cristãs confessam que Jesus é o único e eterno sacerdote. Porque foi provado no sofrimento, é capaz de compadecer-se de nossas fraquezas e nos alcançar a misericórdia de que necessitamos (II leitura). Celebrar a paixão e a morte de Jesus é reconhecer e acolher o amor sem limites de Deus. Em atitude de gratidão e de arrependimento, deixamo-nos invadir pela sua graça, que nos transforma.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Jo 18,1-19,42): A paixão e a morte de Jesus

Após a oração sacerdotal de Jesus (Jo 17), o Evangelho de João faz a narrativa da sua paixão e morte. A oração consiste num insistente pedido ao Pai para que os discípulos sejam guardados de todo mal e o amor de Deus permaneça com eles. Jesus tem consciência de sua partida. A morte é consequência de sua fidelidade ao projeto de amor do Pai. Por essa fidelidade, Jesus entrega sua vida de forma consciente: “Ninguém tira a minha vida. Eu a dou livremente” (10,18).

Em um jardim se desencadeia o processo da paixão de Jesus. Também num jardim ele será crucificado e sepultado. O jardim é lugar simbólico. Lembra o paraíso terrestre. Lugar de beleza e fecundidade. O jardim do Gênesis foi profanado pelo orgulho humano: tornou-se espaço de divisão e morte. O jardim da morte de Jesus, porém, é o espaço do resgate definitivo da vida.

Jesus costumava reunir-se com seus discípulos no jardim, fora do lugar social das instituições de poder, com as quais, gradativamente, ele vai rompendo. Os discípulos demonstram dificuldade em entender a postura de Jesus. Judas, por exemplo, não consegue desvencilhar-se da ideologia dominante. Faz um acordo com os líderes religiosos de Jerusalém e entrega Jesus. Um batalhão de guardas armados é mobilizado para prendê-lo, sinal de que era realmente considerado um indivíduo perigoso para o sistema oficial de poder.

Procuram Jesus à noite. As trevas, no Evangelho de João, têm um significado especial: em oposição à luz, simbolizam o mal. A ação que está sendo executada é sinal da maldade do “mundo” (instituições que excluem e matam). Jesus, “consciente de tudo o que lhe acontecia”, apresenta-se com o título divino “Eu sou”, identificando-se com o Deus do Êxodo (Ex 3,14). Esse título, paradoxalmente, está ligado com a origem humilde de Jesus: Nazaré da Galileia. O nazareno é Deus. Não é por nada que os guardas caem por terra.

Também Pedro revela muita dificuldade em entender a proposta de Jesus. Sua mentalidade

ainda se baseia na ideologia triunfalista. Jesus, porém, vai por outro caminho: a vitória da vida não se dá pelo confronto e pela violência, mas pela obediência ao amor a Deus e ao próximo, também aos inimigos. Foi realmente difícil para Pedro. Decepção-se com Jesus e vai negá-lo. Mas não deixará de reconhecer profundamente sua falta e tornar-se um discípulo exemplar.

Tanto a instância religiosa, representada por Anás e Caifás, como a instância política do império romano, representada por Pilatos, não encontram motivos para a condenação de Jesus. Esta será efetivada por interesse e conveniência dos chefes. Não foi Deus que quis a morte de seu Filho. Ela foi consequência da opção de Jesus pela verdade e pela justiça, conforme se constata no seu testemunho diante de Pilatos.

O caminho da “via sacra” até a morte de cruz é a síntese de todo o sofrimento humano assumido por Jesus como gesto de extrema solidariedade. Ele se fez maldito (quem morre suspenso no madeiro é maldito de Deus: Dt 21,23) e foi crucificado entre dois malditos. Todos os crucificados e malditos deste mundo estão contemplados na morte de Jesus. Todos são redimidos no seu amor.

A cruz, para os cristãos, torna-se o caminho de seguimento de Jesus. Significa empenhar-se por um mundo de paz e justiça; renunciar ao poder em todas as suas dimensões; denunciar situações que geram exclusão e morte; assumir a causa dos pequeninos; doar-se cotidianamente pela causa da vida em plenitude, sem exclusão.

## 2. I leitura (Is 52,13-53,12): A missão do Servo sofredor

Vários textos do Segundo Testamento interpretam a paixão e a morte de Jesus à luz da profecia do Segundo Isaías. Especialmente com base nos quatro cânticos do Servo sofredor, percebe-se íntima ligação com o sofrimento de Jesus. Supõe-se até que Jesus tenha alicerçado sua missão sobre a teologia do Servo sofredor.

O texto para a meditação desta sexta-feira santa refere-se ao quarto cântico. O Segundo Isaías (cap. 40-55) é um movimento profético atuante no meio dos exilados na Babilônia em

meados do século VI a.C. Busca incutir ânimo e esperança ao povo que está longe de sua terra, em situação de dor e desolação. É esse povo o “Servo sofredor”: desprezado, aviltado em sua dignidade humana, maltratado, sem beleza e sem importância; condenado injustamente como malfetor e totalmente desprotegido, sem condições de defesa.

No entanto, esse povo desprezível e maltratado descobre-se como eleito por Deus para uma missão de solidariedade e expiação. Sobre si carrega as dores e enfermidades do mundo, os crimes e iniquidades da humanidade. Esse “Servo sofredor”, visto como um humilhado e castigado por Deus, pelo seu aniquilamento, proporcionou a cura de todos. Deus fez cair sobre seu Servo amado todas as faltas da humanidade. Por ele, os povos recebem o perdão e a paz.

É fácil perceber por que as comunidades cristãs primitivas aplicaram a Jesus a descrição do “Servo sofredor” do Segundo Isaías. Ele se fez Servo de todos e ofereceu sua vida em sacrifício expiatório. Pela sua morte, resgatou a vida de toda a humanidade. O justo condenado injustamente garantiu a nossa justificação.

## 3. II leitura (Hb 4,14-16; 5,7-9): Jesus é o único mediador entre a humanidade e Deus

Um dos objetivos da carta aos Hebreus é fortalecer a fé e o amor das comunidades cristãs. Para tanto, apresenta Jesus Cristo como único mediador entre a humanidade e Deus, superando todas as demais mediações, como a Lei e o Templo. Exorta a “manter-se firme na fé que professamos”, deixando transparecer que membros da comunidade cristã estavam “voltando atrás”, retomando concepções e práticas antigas.

Jesus é apresentado como o único sumo sacerdote e, portanto, já não há necessidade de outros sacerdócios. O sumo sacerdote do Templo entrava no Santo dos Santos, uma vez por ano, a fim de oferecer um sacrifício a Deus. Jesus, pela sua entrega sacrificial, derrubou todas as barreiras que dificultavam o acesso a Deus. Agora, por meio de Jesus, o sumo e eterno sacerdote, todo lugar e todo tempo são propícios para a comunhão com Deus.



O texto salienta a missão terrena de Jesus, sua encarnação, suas súplicas ao Pai em meio a terrível sofrimento, na confiança de que ele podia livrá-lo da morte. Foi obediente até o fim, e Deus o escutou. Jesus “atravessou os céus”, o verdadeiro Santo dos Santos; ofereceu o sacrifício definitivo para a expiação dos nossos pecados. Porque participou humildemente de nossa humanidade e de nossas fraquezas, é capaz de compaixão. Atravessou o céu sem afastar-se da realidade humana. Seu trono não é para juízo e condenação. Podemos nos aproximar dele, fonte de graça e de misericórdia, com toda a confiança, sem nenhum receio. O acesso a Deus está permanentemente aberto, e podemos contar com sua acolhida amorosa.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A morte de Jesus foi consequência de sua fidelidade* ao amor a Deus e ao próximo. Sua opção pela luz da verdade e da justiça não agradou aos que preferiam as trevas do egoísmo, da mentira e da dominação. Não é fácil entender a proposta de Jesus e aderir a ela. Judas preferiu unir-se aos interesses dos chefes de Jerusalém; Pedro o negou por três vezes... Também hoje existem maneiras diversas de trair e negar Jesus. Houve, porém, pessoas solidárias com Jesus, como as mulheres e o discípulo amado. Também José de Arimateia e Nicodemos... Nós somos chamados a seguir Jesus pela renúncia ao egoísmo e pelo amor vivido cotidianamente. Podemos ser-lhe solidários: ele se identifica com os pobres e sofredores.

– *Jesus é o Servo de Deus que se ofereceu em sacrifício* pela vida da humanidade. Assumiu a condição humana, foi incompreendido e desprezado, perseguido e condenado; “como cordeiro, foi levado ao matadouro”, porém, não usou de vingança nem de violência nenhuma. Como “Servo sofredor”, carregou nossas dores e expiou nossas faltas. Foi obediente ao Pai até o fim. Pela sua vida e pela sua morte, Jesus tornou-se “o caminho, a verdade e a vida”. É importante que nos questionemos a respeito das “fidelidades” que estamos assumindo em nossa vida: elas são coerentes com a proposta de Jesus ou preferimos o caminho das comodidades e da indiferença diante dos problemas que afetam a vida do ser humano no planeta Terra?

– *Jesus é o nosso mediador junto ao Pai.* Ele nos entende perfeitamente porque assumiu em seu próprio corpo os limites e fraquezas humanas. Ele se fez nosso irmão. Acolhe com ternura e misericórdia toda pessoa que a ele se dirige. Ele é fonte de todas as graças. Dele podemos nos aproximar sem medo, com toda a fé e confiança, na certeza do perdão, da ajuda em nossas necessidades e da garantia de vida eterna.

### VIGÍLIA PASCAL (23 de abril)

EXULTAÇÃO E LOUVOR: JESUS  
RESSUSCITOU!

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A Vigília Pascal é a reafirmação comunitária da fé na ressurreição. É a celebração da vitória da vida sobre a morte. Depois de um dia de silêncio e meditação sobre a paixão e morte de Jesus, a comunidade cristã exulta de alegria pela Páscoa da ressurreição do Senhor. A Vigília Pascal baseia-se numa antiga tradição israelita, conforme se lê no livro do Êxodo: “Esta noite, durante a qual Iahweh velou para fazer seu povo sair do Egito, deve ser para todos os israelitas uma vigília para Iahweh, em todas as suas gerações” (Ex 12,42). No Evangelho, encontramos o sentido cristão da vigília: “Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas. Sede semelhantes a pessoas que esperam seu senhor voltar das núpcias, a fim de lhe abrir, logo que ele vier e bater” (Lc 12,35-36). A liturgia da Palavra, bem como a simbologia desta celebração, recorda a ação criadora e libertadora de Deus na história humana, culminando com a ressurreição de Jesus. É o acontecimento central de nossa fé. Quem vive alicerçado na certeza da ressurreição é nova criatura.

### II. A SIMBOLOGIA DA CELEBRAÇÃO

Os símbolos que fazem parte da celebração da Vigília Pascal são portadores de sentidos relacionados à vida nova. **Os paramentos brancos** anunciam a vitória sobre o mal e a paz que Jesus ressuscitado nos dá. Apontam para o viver revestido dos mesmos sentimentos de Jesus: “Como escolhidos de Deus, santos e

amados, vistam-se de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência...” (Cl 3,12). As vestes brancas identificam os que são fiéis a Jesus e estão inscritos no livro da vida (Ap 3,4-5).

O fogo purifica, aquece e ilumina. Na Bíblia, o símbolo do fogo é utilizado para descrever a identidade e a ação de Deus. Pelo fogo, Deus manifestou-se a Moisés e revelou-se como libertador do povo escravizado (Ex 3,1-12). De noite, para iluminar o caminho por onde devia passar o povo rumo à terra prometida, Deus andava à sua frente, como uma coluna de fogo (Ex 13,21). João Batista anuncia o batismo de fogo que será realizado pelo Messias (Mt 3,11). Jesus também proclama que veio trazer fogo à terra e deseja ardentemente que esteja aceso (Lc 12,49). O Espírito Santo se revela como “línguas de fogo” (At 2,3). O fogo expressa força, paixão, indignação profética; alastra-se facilmente, como se alastra a boa notícia da ressurreição.

A luz é outro símbolo que revela o ser e o agir divinos. Deus separou a luz das trevas; viu que a luz era muito boa (Gn 1,3-4). Deus é um ser envolto em luz (Sl 104,2); Jesus Cristo é a luz verdadeira que ilumina a humanidade (Jo 1,9), e quem o segue “não anda nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). Ele é o vencedor das trevas e da morte: nesta noite santa é representado pelo círio pascal. Nele acendemos nossas velas, como gesto de compromisso com o seguimento de Jesus, fonte de vida plena. “Se caminhamos na luz como ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros e o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado” (1Jo 1,7).

A água simboliza a vida, fertiliza a terra, mata a nossa sede, nos limpa... Lembra a imersão batismal pela qual nos tornamos filhos de Deus. Representa o novo nascimento: “Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3,5). Na celebração eucarística, mistura-se a água (nossa humanidade) com o vinho (divindade). Do lado aberto de Jesus morto na cruz, traspassado pela lança, “saiu sangue e água” (Jo 19,34). O círio pascal mergulhado na água é a íntima união de Cristo com a humanidade. Do interior de quem crê em Jesus morto e ressuscitado “fluirão rios de água viva” (Jo 7,38).

### III. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. Leituras do Primeiro Testamento: Criação e libertação – o rosto de Deus

As leituras da liturgia desta noite refletem as ações de libertação e salvação de Deus ao longo da tradição judaico-cristã. Partem da criação, em que se reconhece a Deus como fonte de toda vida. Todas as coisas são “muito boas”, reveladoras da bondade e da generosidade divinas. O homem e a mulher são criaturas entre as demais. Há íntima relação entre o ser humano e a natureza... O sétimo dia, ponto alto do relato da criação, invoca a importância da gratuidade e da contemplação, para além da exploração utilitarista, a fim de promover a “fraternidade e a vida no planeta” (I leitura: Gn 1,1-2,2).

O sacrifício de Isaac prefigura o de Jesus. Abraão é caracterizado como aquele que deseja seguir a Deus, o único absoluto. Aprende que Deus é o defensor da vida, diferentemente de outras práticas existentes na época. A obediência a Deus está relacionada com a ruptura com toda espécie de opressão e morte (II leitura: Gn 22,1-18). É o que se constata também no acontecimento do êxodo: Deus suscita o movimento e a organização das pessoas oprimidas em vista de uma sociedade nova. A passagem do povo de Israel pelo mar Vermelho nos oferece a convicção de que a presença divina na história humana garante as condições de superação de todas as dificuldades que impedem uma vida baseada na liberdade, na justiça e na fraternidade (III leitura: Ex 14,15-15,1).

As próximas quatro leituras refletem a teologia que emerge da situação dos israelitas exilados na Babilônia. Por meio do profeta Isaías, Deus dirige-se ao povo sofredor, oferecendo-lhe amor de esposo, incapaz de abandonar a sua esposa, pois é sempre fiel à aliança. Ele é o Redentor, o Protetor e o Doador da paz (IV leitura: Is 54,5-14). Deus se revela como a fonte de todos os bens e sacia todo o povo de modo gratuito e generoso. Deixa-se encontrar por todos os que o buscam e atende a todos os que o invocam. O povo no exílio pode contar com ele, pois ele está bem perto. Seus projetos, muito acima dos nossos, realizar-se-ão em favor da vida do ser humano, conforme anunciado pela sua palavra (V leitura: Is 55,1-11).

Por meio da profecia de Baruc, Deus apresenta-se como fonte de sabedoria. Ele oferece ao povo os “preceitos de vida” para que este possa reconquistar a terra e habitá-la em paz com longevidade. A prudência, a força e a inteligência verdadeiras baseiam-se na sabedoria divina que tudo criou, tudo conhece e tudo governa. É necessário voltar o coração para os desígnios de Deus (VI leitura: Br 3,9-15.32-4,4). Não é Deus o responsável pela situação crítica em que vive o povo; são as más ações deste, baseadas na violência e na idolatria, que atraem as desgraças. O profeta Ezequiel anima a esperança do povo exilado, dizendo-lhe que, apesar de seu mau comportamento, Deus é fiel e cheio de amor; por isso mesmo, intervém para salvá-lo, perdoa-lhe as faltas e lhe dá um coração novo; fará que ande em seus caminhos e oferece-lhe uma nova aliança: “sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus” (VII leitura: Ez 36,16-17a.18-28).

## 2. Leituras do Segundo Testamento: Jesus ressuscitou!

As leituras do Primeiro Testamento desta Vigília Pascal são uma espécie de caminho revelador da história da salvação de Deus à humanidade. O ponto alto é a ressurreição de Jesus. O crucificado pela maldade humana é o ressuscitado pela bondade divina, manifestada desde a criação do mundo.

O Evangelho (Mt 28,1-10) faz menção ao “raiar do primeiro dia da semana”, referindo-se à nova criação oferecida por Deus à humanidade redimida pela morte de Jesus. Após as trevas da crucificação, nasce a aurora da vida plena. É a novidade absoluta: a vida venceu a morte! Foi definitivamente destruído o último inimigo do ser humano.

Mateus ressalta o protagonismo das mulheres. São as primeiras testemunhas da Ressurreição de Jesus. Elas assistiram à sua morte, viram onde e como o seu corpo havia sido sepultado. Na madrugada deste primeiro dia da semana, dirigem-se ao túmulo. Surpreendentemente, participam da epifania divina revelada através do terremoto e da descida do Anjo do Senhor, que tem um aspecto de relâmpago, vestido com roupa branca como a neve. Ele remove a pedra e senta-se sobre ela: definitivamente, Deus vence a morte! Os guardas tremem de medo e ficam como mortos: o poder deste mundo que domina e mata é extremamente frágil. As mulheres,

marginalizadas pelo sistema oficial judaico, mas profundamente acolhidas e amadas por Jesus, “vieram ver o sepulcro” tomadas pela tristeza. Eis que o Anjo do Senhor lhes dá uma notícia de extraordinária alegria e força: “Não tenham medo... Ele ressuscitou!”. Com pressa, comovidas e com grande alegria, afastam-se do túmulo e assumem a missão de discípulas missionárias, anunciadoras do acontecimento extraordinário aos demais discípulos...

Elas creem! A pedra da dúvida está removida: Jesus ressuscitou! A certeza que provém da fé descarta a necessidade de ver Jesus com os olhos da carne. Mesmo assim, são duplamente agraciadas: não somente são informadas pelo Anjo, mensageiro de Deus, mas pelo próprio Jesus ressuscitado. Ele vem ao seu encontro e reforça a certeza que já carregavam em seu coração: “Alegrai-vos”. Elas abraçam os pés de Jesus e prostram-se diante dele: tornam-se definitivamente suas seguidoras, testemunhas da ressurreição do Senhor. São confirmadas pelo próprio Jesus na missão de apóstolas dos apóstolos: de anunciar-lhes, sem medo, o caminho da Galileia (lugar social das pessoas marginalizadas) como o local do encontro com o ressuscitado.

Algum tempo depois desses fatos, Paulo de Tarso também foi contemplado com a experiência de Jesus ressuscitado que transformou radicalmente a sua vida. Escrevendo aos Romanos (Rm 6,3-11), duas décadas depois de sua conversão, expressa o significado da morte e ressurreição de Jesus para os cristãos. Para ele, o Batismo é o mergulho na morte de Jesus como passagem para uma vida nova. A fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, desdobra-se em prática cotidiana: crucificar a “velha criatura”, escrava do pecado, para ressuscitar como “criatura nova”, liberta de todo egoísmo e imersa na vida divina. Enfim, a vida da pessoa batizada está íntima e decisivamente relacionada com o próprio ser de Jesus Cristo. Em outras palavras, o que caracteriza o cristão é a permanente “vigília pascal”, no sentido de prosseguir a mesma causa de Jesus, cultivando o mesmo jeito de viver, morrer e ressuscitar.

## IV. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *A criação e a libertação* são duas notas características do agir de Deus. Gratuitamente, ele criou todas as coisas; fez-nos à sua imagem e semelhança e nos deu a missão de adminis-

trar os bens com justiça e fraternidade. Toda forma de ganância e de concentração de bens é uma afronta à bondade e à generosidade divinas. Caracteriza-se como roubo do que é dom de Deus para a vida de todos os povos. O futuro da humanidade está ameaçado por causa da utilização egoísta dos recursos disponíveis. Porém, não há situação que não possa ser transformada. Deus nos possibilita um coração novo; liberta-nos do egoísmo e nos indica caminhos de vida em abundância. Para isso, a Campanha da Fraternidade nos oferece sugestões para ações concretas.

– *A ressurreição de Jesus é a boa notícia* que transforma o mundo. A morte foi vencida definitivamente. Como as mulheres na madrugada do primeiro dia da semana, nós acreditamos, sem duvidar, que Jesus ressuscitou e vive em nosso meio. Assumimos a missão de discípulos missionários, testemunhando a fé e o amor a começar de nossa casa. Como batizados, crucificamos o egoísmo na cruz de Jesus para vivermos como novas criaturas, promovendo relações de diálogo, de reconciliação, de justiça, de paz e de fraternidade.

– *Os símbolos da celebração da Vigília Pascal* evocam a vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte. Queremos viver com a veste resplandecente de Cristo ressuscitado, purificados pela água batismal, no fogo do seu amor e na luz de suas palavras. Seguindo a Jesus, anunciamos a aurora de um mundo novo.

DOMINGO DA PÁSCOA (24 de abril)

TESTEMUNHAS DA RESSURREIÇÃO  
DO SENHOR

## I. INTRODUÇÃO GERAL

A verdade da ressurreição mexe com a nossa vida, como aconteceu com as primeiras testemunhas. Tudo adquire um sentido novo. A alegria invade o nosso ser. A esperança se renova, baseada na certeza da vida em plenitude, dom de Deus! A fé na ressurreição imprime novo dinamismo na nossa caminhada terrena. A atitude de Maria Madalena nos inspira a partilhar as descobertas que prenunciam uma boa notícia. A sua atitude, bem como a de Pedro e a do discípulo amado, reflete as reações dos

Avalie a sua  
caminhada e  
oriente o seu  
existir.



### Caminhos de existência

J. B. Libanio

Ciente de que a vida humana transita por muitos e complexos caminhos, propondo-nos ilimitados modos de existir, o autor — o renomado teólogo J. B. Libanio — tem como objetivo ajudar o leitor a repensar sobre si mesmo. Não são propostas de caminhos-modelos a serem percorridos, mas sim sugestões para que as pessoas orientem melhor suas vidas.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





participantes das comunidades cristãs diante do fato da ressurreição (Evangelho). Ao participar da comunidade de fé, experimentamos que Jesus está vivo. A ressurreição de Jesus é um fato histórico, com testemunhas oculares; faz parte essencial do credo cristão, conforme percebemos na catequese de Pedro junto à comunidade cristã reunida na casa de Cornélio, um centurião romano. A fé na ressurreição derruba barreiras que separam os povos e provoca novas relações baseadas no amor fraterno (I leitura). Ela nos faz viver de um novo modo, já não voltados para interesses egoístas, mas para “as coisas do alto” (II leitura). A celebração da Páscoa do Senhor Jesus é oportunidade de nos deixarmos invadir pelo amor misericordioso de Deus e seguir a Jesus com entusiasmo.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Jo 20,1-9): O dia da nova criação

O primeiro dia da semana indica um novo tempo. Tem ligação com o início da criação do mundo. A morte de Jesus significou a passagem das trevas para a luz que nunca mais se apagará. A fé na ressurreição, porém, não se processa da mesma maneira em todas as pessoas. Algumas precisam de um tempo maior para assimilar essa verdade que tudo transforma. Maria Madalena recebe especial distinção: ainda no escuro, dirige-se ousadamente ao túmulo de Jesus. Apesar de ver a pedra removida, não consegue ainda perceber a luz do sol (Jesus que ressuscitou) anunciando uma nova aurora. Perplexa, corre ao encontro de Simão Pedro e do discípulo que Jesus amava para dizer-lhes de sua preocupação com o que havia constatado. O seu anúncio provoca a movimentação dos dois discípulos na busca do verdadeiro sentido dos últimos acontecimentos.

Maria Madalena, nesse relato de João, é representativa da comunidade que não aceita permanecer acomodada. Busca ansiosamente a explicação do que realmente aconteceu naquele “primeiro dia da semana”. É atitude muito positiva, pois “quem busca encontra e quem procura acha”. Por isso, ela é especialmente valorizada. Jesus deixa-se encontrar. Impulsionada pelo amor, caminha na direção do Amado. O maravilhoso encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado se dá logo a seguir (20,11-18).

A comunidade cristã primitiva reconhecia-se no jeito de ser de Maria Madalena, de Pedro e do discípulo amado. Havia pessoas que ainda permaneciam nas “trevas” da morte de Jesus; sentiam-se desamparadas e desorientadas. Havia as que não conseguiam acolher a verdade da ressurreição de Jesus. Diziam que seu corpo fora retirado por alguém e que se inventou a notícia de que ele havia ressuscitado. É o que se percebe na expressão de Maria Madalena: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”. Essas pessoas ainda estão no emaranhado de dúvidas, porém, pouco a pouco, receberão a graça de reconhecer a ressurreição de Jesus como um acontecimento verdadeiro e não como uma lenda.

Pedro e o discípulo que Jesus amava, ao ouvirem a notícia de Maria Madalena, correm para o local onde Jesus fora enterrado. Partem juntos, mas Pedro corre menos. É intenção dos autores do Evangelho de João demonstrar a dificuldade de Pedro em entender e aceitar o verdadeiro significado da morte de Jesus. Talvez esteja ainda amarrado à sua vergonha de ter negado o Mestre e de tê-lo abandonado na hora decisiva. Pedro, porém, segue o discípulo que Jesus amava e, à tarde desse mesmo dia, fará a experiência maravilhosa de encontrar-se com o Ressuscitado junto com outros discípulos (20,19-23). Também na comunidade cristã havia pessoas que manifestavam resistência a aderir a Jesus morto e ressuscitado com convicção de fé. Lentamente, porém, com a ajuda dos “discípulos amados”, chegaram a trilhar o caminho do seguimento de Jesus, a ponto de dar a vida por ele, como aconteceu com o próprio Pedro.

O “discípulo que Jesus amava” chega mais depressa ao túmulo. Esse discípulo é aquele que, junto com algumas mulheres, acompanhou Jesus até a cruz (19,25-27). Testemunhou sua morte e lhe foi solidário. Agora também mostra solidariedade para com Pedro, que chega depois. Dá-lhe preferência para entrar no túmulo. Reconhece sua autoridade. Ao entrar, Pedro vê as faixas de linho e o sudário. O texto não diz que ele acreditou, apenas “viu”. Porém, do discípulo amado, diz que ele “viu e acreditou”. Os mesmos sinais são interpretados de forma diferente. Para quem ama a Jesus e se sente amado, nada o impede de crer na vitória da vida sobre a morte.

Os discípulos voltam para casa. É na casa que as comunidades primitivas se reúnem para

ler e compreender a Sagrada Escritura, fazer a memória de Jesus, partilhar a experiência de fé e crescer no amor fraterno. É na casa onde se derrubam as barreiras separatistas e se exercita a acolhida respeitosa da alteridade. A Igreja nas casas vai constituir o espaço sagrado por excelência onde Jesus ressuscitado manifesta sua presença, se dá em alimento e convoca seus discípulos à missão.

## 2. I leitura (At 10,34a.37-43): O querigma cristão

O capítulo 10 de Atos dos Apóstolos constitui uma página de especial importância. Lucas (o mesmo autor do evangelho) revela uma de suas intenções fundamentais: a salvação trazida por Jesus Cristo é para todos os povos. Pedro, depois de um processo de relutância e discernimento, aceita o convite para entrar na casa de um pagão, centurião romano, chamado Cornélio. É a porta de entrada para o mundo dos gentios, missão que será assumida integralmente por Paulo.

É significativo o fato de ser Pedro aquele que primeiro rompe a barreira do judaísmo exclusivo para dialogar com os estrangeiros. É recebido por Cornélio com muita reverência. Lucas enfatiza a autoridade de Pedro, representante dos apóstolos. Quer fortalecer a fidelidade à tradição apostólica. A atitude de Pedro na casa de um romano legitima a abertura para todos os povos. Jesus é o Salvador universal.

Cornélio revela-se extremamente receptivo à pessoa e à mensagem de Pedro. De fato, a resistência ao anúncio do evangelho é perceptível muito mais entre os judeus do que entre os gentios. O próprio Pedro manifesta dificuldade em desvencilhar-se do exclusivismo judaico e da lei de pureza. Converte-se à medida que se insere no lugar social dos estrangeiros, a ponto de comer com eles. É na casa de Cornélio que ele se abre verdadeiramente para o plano divino de salvação universal: “Dou-me conta de verdade que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (10,34-35). O critério de pertença ao povo de Deus já não é a raça ou o cumprimento da Lei, e sim a prática da justiça. Por esse caminho, dá-se a inclusão de todos os povos, sob a ação do Espírito Santo. As comunidades cristãs primitivas concretizaram esse ideal. Formadas por pessoas de culturas diferentes,

## Ponha em prática a sabedoria da Sagrada Escritura em seu cotidiano!



### No caminho da Palavra

Pe. Fábio Gleiser Vieira Silva

A estrutura do livro consiste em um texto da Bíblia seguido de uma breve reflexão e uma sugestão de atitude para ser praticada a cada dia. Com essa dinâmica, o autor propõe uma leitura que consegue fornecer respostas às pessoas que buscam orientação espiritual.

### Eucaristia: a família de Deus em festa

Pe. Gregório Lutz, CSSp

Aproximando o sentido da Eucaristia ao de uma verdadeira festa, momento em que as pessoas se reúnem e ouvem a Palavra de Deus, este livro traz colocações importantes feitas pelo pe. Gregório em torno do sentido da Eucaristia.

**Vendas: (11) 3789.4000**

**SAC: (11) 3789.4119**

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



reuniam-se nas casas, ao redor da mesma mesa e unidas na mesma fé.

O discurso de Pedro constitui um resumo da catequese primitiva. É a síntese do querigma apostólico. Apresenta Jesus de Nazaré, desde o seu batismo, passando pela sua missão de resgate da vida e dignidade de todas as pessoas, pela sua morte de cruz, culminando com a sua ressurreição. O anúncio de Pedro é fundamentado em seu próprio testemunho e no de várias outras pessoas: “Nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fez” (v. 39); “Nós comemos e bebemos com ele, após sua ressurreição dentre os mortos” (v. 39). O discurso termina com a confissão de fé em Jesus como juiz dos vivos e dos mortos, constituído por Deus e anunciado pelos profetas. E finalmente: “Todo aquele que nele acreditar receberá a remissão dos pecados” (v. 43).

### 3. II leitura (Cl 3,1-4): Cristo é a nossa vida!

A comunidade cristã da cidade de Colossas, na Ásia Menor, manifestava certo distanciamento das verdades fundamentais da fé. Influenciadas por tendências da época (por exemplo, a importância dada às forças cósmicas, depositando nelas toda a confiança), havia pessoas que observavam práticas religiosas, dietas e exercícios de ascese (2,16-23) levadas por “vãs e enganosas filosofias”. Havia também pessoas levadas pela “fornicação, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça de possuir” (v. 5). O autor da carta preocupa-se com essa situação e, por isso, escreve aos colossenses no intuito de orientá-los para uma vida coerente com a fé em Jesus Cristo, único mediador entre Deus e as criaturas.

Nessa pequena leitura deste domingo de Páscoa, encontramos quatro pontos do querigma cristão que fundamentam a fé das primeiras comunidades: a morte de Jesus, sua ressurreição, sua exaltação à direita de Deus e sua volta. Cada um desses pontos é indicativo de atitudes que caracterizam o novo modo de viver dos cristãos.

A fé na morte de Jesus Cristo implica a morte de nossos maus comportamentos. Para os cristãos colossenses, implicava morrer para as práticas religiosas que contradiziam a fé cristã; implicava passar de uma mentalidade idolátrica para o mergulho na vida divina, seguindo a Jesus Cristo: “Vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”.

A fé na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo implica discernir o que realmente edifica o ser humano em comunidade: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto...”. Quem permanece com o pensamento e o coração mergulhados em Deus vive dignamente.

A fé na volta de Jesus nos motiva a viver na esperança militante, com a certeza de estarmos com ele: “Quando Cristo, que é vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória”.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

– *Jesus ressuscitou: a vida já não é a mesma.* Maria Madalena se distingue pela sua coragem. Ela vai ao túmulo, mesmo no escuro. Seu amor a Jesus não permite que permaneça afastada. Procura entender o sentido da morte de Jesus. Não é acomodada nem derrotista. Vai ao encontro dos discípulos e lhes anuncia uma notícia inquietante: o túmulo está vazio. A sua ousadia na busca da verdade a levará ao encontro com Jesus ressuscitado. Pedro, apesar de sua boa vontade em seguir a Jesus, ainda permanece na dúvida. O discípulo que Jesus amava é o mais rápido para “ver e crer”. Não precisou ver Jesus com os olhos da carne. Quem ama e se deixa amar por Jesus caminha na certeza de que ele está vivo.

– *A fé na ressurreição derruba barreiras.* O encontro de Pedro com Cornélio corresponde à atitude das pessoas que amam a Deus acima dos preconceitos humanos. A fé em Jesus Cristo como salvador do mundo derruba as barreiras de raças e de tradições culturais e religiosas que dividem as pessoas. Nada pode impedir o diálogo, a reconciliação, o respeito mútuo e a vivência do amor fraterno. O espaço privilegiado para essa vivência é a casa. O que aconteceu na casa de Cornélio nos anima a fortalecer o modelo da Igreja como comunidades eclesiais de base; também nos incentiva ao compromisso com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso.

– *A vida mergulhada em Jesus Cristo.* Como aconteceu entre os cristãos colossenses, também hoje corremos o perigo de nos deixar arrastar por ideologias que contradizem o Evangelho. É importante cultivarmos a prática do discernimento para assumirmos os valores que nos conservam na vontade de Deus e edificam a nossa vida. Professar a fé em Jesus Cristo implica viver dignamente, bem como respeitar a dignidade das demais pessoas e da natureza.